

EMANUEL DIAS DE OLIVEIRA

APOLOGIA DE GALILEU

por TOMÁS CAMPANELLA: INTRUDUÇÃO E TRADUÇÃO

Dissertação de mestrado
apresentada ao Departamento
de Filosofia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do
Prof. Dr. Carlos Arthur
Ribeiro do Nascimento

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em / /

BANCA

Prof. Dr. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

Prof^a. Dr^a. Fátima Regina Rodrigues Évora

Prof. Dr. José Carlos Estêvão

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento
[Handwritten signatures]

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	30
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	OL 40
V	EX
TOMBO EC	47973
PROC.	16-83710 2
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	01/03/02
Nº CPD	

BIBID. 238373

CM00164764-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

OL 4 a Oliveira, Emanuel Dias de
Apologia de Galileu por Tomás Campanella: introdução e
tradução / Emanuel Dias de Oliveira. -- Campinas, SP : [s.n.],
2001.

Orientador: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Galileu, 1564-1642. 2. Fé e razão. 3. Filosofia e religião.
4. Filosofia – Séc. XVII. I. Nascimento, Carlos Arthur
Ribeiro do. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

ERRATA

Oliveira, Emanuel Dias de. **Apologia de Galileu por Tomás Campanella: intrução e tradução.** 2001. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

Folha	Parágrafo	Linha	Onde se lê	Leia-se
Página de rosto	1	1	Emanuel	Emanuela
Página de rosto	2	3	intrução	introdução

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vii
AGRADECIMENTOS.....	ix
1 INTRODUÇÃO.....	01
2 APRESENTAÇÃO DA <i>APOLOGIA DE GALILEU</i>	
2.1 REDAÇÃO DO TEXTO.....	05
2.2 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO DA <i>APOLOGIA DE GALILEU</i>	
2.2.1 ESTRUTURA DA OBRA.....	13
2.2.2 O USO DAS AUTORIDADES.....	21
2.3 ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES DO TEXTO.....	27
2.4 ANEXO: A VIDA E AS OBRAS DE TOMÁS CAMPANELLA.....	39
3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
3.1 SOBRE A <i>APOLOGIA DE GALILEU</i>	51
3.2 REFERÊNCIAS GERAIS	53
4 <i>APOLOGIA DE GALILEU</i>	
MENSAGEM DO EDITOR	59
CARTA DEDICATÓRIA	61
PROÊMIO	63
CAPÍTULO I	67
CAPÍTULO II	71
CAPÍTULO III	
Primeira tese	75
Segunda tese	79
prova da primeira asserção	81
prova da segunda asserção	87
prova da terceira asserção	93
prova da quarta asserção	97
prova da quinta asserção	103
prova da sexta asserção	109
Terceira tese	111
CAPÍTULO IV	
resposta ao primeiro argumento	113
resposta ao segundo argumento	117
resposta ao terceiro argumento	127
resposta ao quarto argumento	129
resposta ao quinto e sexto argumentos	133
resposta ao sétimo argumento	137
resposta ao oitavo argumento	139
resposta ao nono argumento	149
resposta ao décimo argumento	153
resposta ao décimo primeiro argumento	155
CAPÍTULO V	157
resposta ao primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto e sétimo argumentos	159
resposta ao oitavo, nono e décimo argumentos	161
resposta ao sexto argumento	163

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma tradução para a língua portuguesa da obra “Apologia de Galileu”, de Tomás Campanella (1568-1639), a partir da edição bilingüe italiano-latim elaborada por Paolo Ponzio (Universidade de Bari). A proposta inicial foi organizar um texto em português a partir da versão italiana, no entanto, executou-se também um cotejamento pormenorizado com o original latino.

A “Apologia” é um parecer teológico que discorre sobre a compatibilidade do sistema copernicano com a Sagrada Escritura. Sabe-se que, no século XVII, a interpretação literal dos escritos bíblicos, fortemente ancorada nas disposições do Concílio de Trento, incompatibilizava a filosofia da natureza, defendida por Galileu, com a Revelação bíblica. A obra apologética foi escrita em 1616, a pedido de um dos consultores do Conselho dos Cardeais ligados ao Índice, após a instauração de uma secreta ação inquisitória suscitada por públicas e privadas acusações lançadas contra Galileu e o sistema copernicano.

Buscando introduzir uma obra pouco divulgada, intentou-se preparar a leitura da mesma a partir de uma “Apresentação do Texto”, na qual aborda-se as circunstâncias em que a obra foi escrita, a estrutura da mesma, seu gênero literário e seus aspectos mais relevantes, além de um apêndice, no qual se apresenta a vida e as obras de Tomás Campanella.

Esta dissertação visa contribuir para o enriquecimento do panorama geral quanto ao embate entre a doutrina teológica e as investigações acerca das ciências da natureza no século XVII, colaborar com a formação de uma biblioteca do século XVII em língua portuguesa e, ainda, apresentar ao público brasileiro o Tomás Campanella teólogo, amadurecido formador de opinião, dado que esse público, tendo em português apenas uma obra utópica, acaba por restringi-lo à alcunha de visionário.

ABSTRACT

This essay presents a translation of the work “Galileo’s Apologia”, by Tomas Campanella (1568-1639), into the Portuguese language from the bilingual Italian-Latin edition written by Paolo Ponzio (University of Bari). The original proposal was to organize a text in Portuguese from the Italian version, however a detailed comparison with the Latin original was also carried out.

“Apologia” is a theological report on the compatibility of the Copernican system with the Holy Writ. It is known that, in the XVIIth century, the literal interpretation of the biblical books, strongly based on definitions of the Council of Trent, made the natural philosophy, supported by Galileo, incompatible with the biblical Revelation. The apologetic work, written in 1616, was requested by a consultant belonging to the Cardinals Council related to the *Index Librorum Prohibitorum* after the instauration of a secret inquisitional action roused by public and private accusations against Galileo and the Copernican system.

Aiming at introducing a little divulged work, the preparation for reading such material was meant to be done from a “Presentation Text”, where the circumstances in which the text was written are approached, as well as its structure, literary style and its most relevant aspects, besides an appendix in which the life and works of Tomas Campanella are presented.

The objects of this essay are: i) to enrich the general controversial panorama dividing the theological doctrine and the investigations concerning the natural sciences in the XVIIth century, ii)

to contribute with the set up of a XVIIIth century Portuguese language library and also iii) to present the mature opinion-maker theologian, Tomas Campanella, to the Brazilian public, given that such public, having only one utopian work available in Portuguese, regards such author as a mere visionary.

AGRADECIMENTOS

A meu amantíssimo e saudoso pai Ezer (*in memoriam*).

À minha querida mãe Eleuzina, que unida a meu pai, não mediu esforços para que eu alcançasse este estágio de formação. Obrigada por oferecer-me novamente seus préstimos para que eu dê continuidade nessa caminhada. Sei que atendes a um desejo seu mas, também, de meu pai.

Ao respeitável orientador Dr. Carlos Arthur. Quantos esclarecimentos e carinho!

Ao Dr. Gregório Piaia (Universidade de Pádua) e Dr. Paolo Ponzio (Universidade de Bari).

À cara professora Dra. Maria Sylvia de Carvalho Franco, pela atenção, pelos esclarecimentos e pelo incentivo à continuidade do estudo em Campanella.

Ao professor Carlos Eduardo Ornellas Berriel, do Instituto de Estudo da Linguagem, departamento de Teoria Literária, por ter me apresentado a filosofia de Campanella e pela orientação na iniciação científica.

Aos professores componentes da banca examinadora, ótimos colegas e valorosos profissionais.

Aos funcionários do Instituto de Filosofia e Ciências Humana da Unicamp, sempre pacientes e prestativos.

À grande amiga Mariana, que me arrastava para São Paulo para vasculhar a biblioteca de seu pai. Foram de grande valia as leituras e as nossas conversas.

À minha querida prima Lucila, do departamento de História de Assis, sempre me auxiliando com sua atenção. Agradeço também suas explicações sobre método historiográfico.

A meu querido irmão Ezér. Grande Companheiro!

Ao amigo Alvaro Damazo, meu professor na Escola de Música de Piracicaba, pela compreensão quanto a algumas faltas durante minha dedicação a esta dissertação.

À todos e tantos amigos, sempre presentes, admiradores do meu trabalho e encorajadores do mesmo.

À saudosa Piquita (adorável companheira), ao Queno (companheiro), à Drica, à Doninha, ao Pepinho, ao Didi, à Mãezinha e, agora, nesses últimos tempos, o “doidinho” hóspede Johnny. Esses todos fazem da minha vida uma alegria constante.

1 – INTRODUÇÃO

A busca por conhecer a filosofia de Tomás Campanella tornou-se uma aspiração a partir do primeiro contato com sua obra. Uma precedente tentativa de formalizar tal interesse deu-se com uma iniciação científica, desenvolvida durante a graduação em Filosofia, na Unicamp, sob o auxílio da Fapesp. Buscou-se, nessa iniciação, investigar os conceitos “virtude” e “moral” na obra “A Cidade do Sol”. A opção por essa obra político-utópica ocorreu devido ao fato de ser a mais conhecida do autor, senão, para muitos, a única e por ser um texto que está excepcionalmente acessível aos alunos de graduação, ou seja, traduzido para o português. Certamente, uma iniciativa junto aos bibliotecários pode auxiliar na busca de outros textos; no entanto, os mesmos não se encontram traduzidos ou comentados à disposição do público acadêmico, como ocorre com as obras de outros grandes representantes da história da filosofia. Logo, não se conhecia outra possibilidade de iniciar os estudos nesse sentido senão pelos estreitos caminhos apresentados.

Concluída a iniciação científica, ainda se fazia presente o interesse pela filosofia de Campanella. Foi possível notar que a concepção a respeito da mesma, adquirida a partir de um único texto e sendo este de cunho político-utópico, no qual convergem diversas tendências intelectuais na forma de crítica ilusionista, levava o público leitor a julgar Campanella um pensador visionário ou, até mesmo, louco e de menor importância. De qualquer maneira restava a dúvida

quanto à veracidade de tudo isso e, com ela, a suposição de que esse pensador tinha algo mais a apresentar.

No entanto, parecia insensato, terminado um primeiro contato, aventurar-se em uma obra de grandes proporções filosóficas, como uma teologia ou uma metafísica. O problema foi sanado ao se descobrir a “Apologia de Galileu”. Tal opúsculo, ao que tudo indicava em uma leitura inicial, remetia a um ponto muito importante da história da ciência e da filosofia: o embate destas com a teologia do século XVII, representada pelos teólogos ligados ao Tribunal do Índice. Campanella abordava-o de maneira criteriosa e apresentava-se informado, munido de argumentações maduras.

Novamente nos deparávamos com o problema recorrente no estudo da filosofia de Campanella no Brasil, ou seja, a inexistência de um texto da “Apologia” que fosse confiável, completo e comentado. Há na biblioteca do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE), da Unicamp, a edição de R. Amerio, de 1956, que traz apenas parte do texto apologético. Desconfiando de que o mesmo estava incompleto, pois publica apenas o capítulo III, foi possível obter tal confirmação a partir do texto original presente na microficha publicada por Readex Microprint (Landmarks of Science, Series I), de 1985, também presente na biblioteca do CLE. Executadas algumas buscas, solicitou-se ao Prof. Dr. Gregório Piaia (da Universidade de Pádua) a indicação de alguma edição. Tivemos o privilégio de receber desse Professor uma edição bastante recente da “Apologia” (datada de 1997) elaborada por Paolo Ponzio (Universidade de Bari) que traz, além da versão italiana, a edição do original latino publicado em 1617. Trata-se de uma edição bilingüe que permite o confronto entre a tradução e a edição original. Tinha-se, portanto, um bom material para se iniciar uma dissertação de mestrado, embora a ausência de outros materiais a respeito da “Apologia” ainda se apresentasse como tônica para nos acautelarmos quanto a um trabalho de investigação de algum conceito. Tratava-se, antes de tudo, de um trabalho exploratório e como tal, exigia que buscássemos uma alternativa para nos aproximarmos da obra apologética.

Dessa maneira, optou-se, nesta dissertação de mestrado, por elaborar uma tradução para a língua portuguesa, a partir da versão italiana, do texto “Apologia de Galileu” de Tomás Campanella.

A presença do texto original latino na edição de 1997 permitiu que o trabalho fosse empreendido sem a busca de outras traduções em outras línguas.

Se a primeira proposta desta dissertação foi de se elaborar uma tradução a partir da versão italiana, a execução dessa tarefa, no entanto, levou a dar mais relevo ao texto latino. De fato, foi notado que o tradutor italiano concedia-se alguma liberdade em relação ao texto latino: havia a ocorrência de algumas omissões de frases e, ainda, alguns termos italianos que têm sentido nessa língua, muitas vezes esvaziavam-se desse sentido ao serem traduzidos diretamente para o português. Dessa maneira, executou-se, após a tradução a partir do italiano, um cotejamento com o original latino. As diferenças notadas não se avultaram em quantidade, nem adquiriram importância excessiva. Portanto, nos utilizamos delas apenas para adequar a tradução à nossa língua, sem que houvesse necessidade de insistir especialmente nessas diferenças. No entanto, a execução desse segundo trabalho de tradução, mais complexo que a tradução a partir do italiano, tomou tempo considerável que, somado ao tempo utilizado para completar as disciplinas obrigatórias num curso de mestrado, dentro dos escassos dois anos oferecidos para o término do trabalho, impossibilitou a elaboração de um comentário junto à tradução. Constatou-se, também, que Campanella utiliza uma quantidade importante de referências da patrística e da escolástica para a elaboração de suas argumentações. Esse recurso a muitas autoridades, sendo várias delas citadas de memória, devido o seu encarceramento no período em que escreveu o opúsculo apologético, inviabiliza ainda mais a tentativa de resgate dessas informações para apresentá-las como comentários. Assim, trazendo a edição de Ponzio as indicações dessas referências, optou-se por utilizar-se da erudição da edição italiana no que diz respeito à identificação de tais citações.

Esta dissertação consta, portanto, de duas partes: primeiramente, uma apresentação da “Apologia” e, em seguida, a tradução propriamente, para a qual deve estar voltada toda a atenção do leitor. A *Apresentação da Apologia (2)*, que se caracteriza por seu cunho introdutório busca, através de alguns subtítulos, encaminhar a leitura do texto de Campanella. Esta “Apresentação” contém uma breve explanação sobre as circunstâncias nas quais foi escrita a Apologia – *Redação do texto*

(2.1). Em seguida, apresenta-se a estrutura da obra em *Organização do texto* (2.2) no que se disserta sobre seu *gênero literário* (2.2.1) e sobre a técnica de *uso das autoridades* (2.2.2). Finalmente, trazemos algumas considerações sobre os temas mais importantes da obra em *Aspectos relevantes do texto* (2.3). Em anexo: *A vida e as obras de Tomás Campanella* (2.4). Algumas *Referências Bibliográficas* (3) encerram esta parte introdutória.

2 – APRESENTAÇÃO DA *APOLOGIA DE GALILEU*

2.1 – REDAÇÃO DO TEXTO

A “Apologia de Galileu”, de Tomás Campanella, é um parecer teológico que discorre sobre a compatibilidade do sistema copernicano com a Sagrada Escritura. A Igreja do século XVII, em oposição ao movimento de Reforma, preceituava a interpretação literal da Sagrada Escritura, em detrimento da interpretação alegórica¹, em seu empenho contra a proposta protestante da “livre interpretação”, segundo a qual, todos os fiéis estariam imbuídos do Espírito Santo e, portanto, aptos a interpretar, por si mesmos, o texto Sagrado. Para garantir sua estabilidade frente à disputa dos filósofos e astrônomos quanto à real estrutura do universo, a Igreja adotava uma cosmologia que parecia concordar melhor com as passagens bíblicas, as quais, interpretadas literalmente, mencionam a estabilidade da Terra e o movimento do Sol. Desse modo, fazendo também frente aos protestantes, o Concílio de Trento impõe uma interpretação literal que tem reflexos diretamente nos estudos sobre a natureza e instaura um confronto entre a teologia e a filosofia.

¹ O sentido literal mencionado pelo Concílio de Trento opõe-se ao alegórico, ou seja, o que é retirado de uma mensagem explícita ou nela subentendido. A exegese alegórica era praticada pelos gregos antes de ser utilizada na exegese bíblica. Atente-se, contudo, que a alegoria cristã não se reduz à pagã. Cf: PÉPIN, Jean. “Helenismo e Cristianismo” in: CHÂTELET, François. *História da filosofia – idéias e doutrinas*. Vol. 2 (A Filosofia Medieval – Do século I ao século XV). Tradução Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 2ª edição. 1983. LUBAC, Henri de. “A propôs de l’allégorie chrétienne.” in: *Recherches de Science Religieuse* 47 (1959).

Em 1615, o Conselho dos cardeais ligados ao Índice dá início a uma ação inquisitória secreta após acusações públicas e privadas lançadas contra Galileu e o sistema copernicano². Sabe-se que foram duas proposições contidas no livro de Copérnico, ambas qualificadas como absurdas em filosofia e uma como errônea na fé, que incitaram o Santo Ofício: “O Sol é o centro do mundo e não se move absolutamente segundo movimento local – a Terra não é o centro do mundo e move-se toda por si mesma também com movimento diurno.”³

Bonifácio Caetano, um dos cardeais do Conselho ligado ao Índice, reservadamente aos demais representantes desse Conselho, teria procurado documentar-se acerca do aspecto teológico da questão. Assim teria surgido o pedido para que Tomás Campanella concorresse para o esclarecimento da controvérsia. “Comissionada, portanto, por Caetano – o que não só demonstra mais uma vez a sua declarada liberalidade, mas é também sinal evidente da possibilidade de atuar posteriormente sobre a opinião dos consultores do Santo Ofício a respeito da hipótese copernicana – a obra campaneliana chegará muito tarde, para ser tomada em conta [chegou 6 dias após o processo], e muito cedo para ser divulgada sem perigo de incorrer em comprometimentos irreparáveis”⁴.

O processo de março de 1616 terminou com o decreto que qualificou como errônea a teoria heliocêntrica, inscreveu no Índice dos livros proibidos o “De Revolutionibus” de Copérnico e intimou Galileu a abster-se de ensinar, oralmente ou por escrito, a doutrina da nova astronomia.

² A teoria copernicana, defendida por Galileu como expressão da própria realidade e não como hipótese matemática, suscitava controvérsias, pois confrontava uma interpretação do mundo estabelecida pelo sistema aristotélico-ptolomaico que se encontrava em conformidade com a interpretação literal das passagens bíblicas. No entanto, as discussões estenderam-se para além do meio acadêmico. Um exemplo dessa repercussão encontra-se no diálogo ocorrido na corte da Toscana entre Cristina de Lorena, mãe do grão-duque da Toscana; o próprio grão-duque, Cósimo II; Benedetto Castelli, discípulo e colaborador de Galileu; Nicolò Arrighetti, que foi encarregado por Castelli de contar a Galileu o diálogo ocorrido na corte; e mais alguns filósofos. Estando Castelli (1578-1643) presente em uma cerimônia pela cátedra de matemática na universidade de Pisa, indagou-se-lhe sobre como Galileu explicava a possibilidade de movimento da Terra, uma vez que as Escrituras mostravam a estabilidade da mesma. Uma das passagens citadas foi a de Josué (10,12), na qual este pede ao Sol que cesse seu movimento no céu para que ele ganhe tempo a fim de vencer uma batalha. Nota-se, portanto, que além das indagações cosmológicas acerca do novo sistema proposto, o que agitava a sociedade, em geral, era a incompatibilidade do mesmo em relação à Bíblia. Essas discussões chegam ao conhecimento de Galileu que, em suas várias tentativas de defesa do estatuto científico do sistema copernicano, escreve diversas cartas que, adulteradas, chegam ao conhecimento do Tribunal da Inquisição. Decorre daí um processo para averiguação do sistema.

³ PAGANI, Sérgio M. *Os documentos do processo de Galileu Galilei*. Tradução Antônio Angonese – Petrópolis, RJ.: Vozes. p. 11.

⁴ PONZIO, 1997. p. 05.

A primeira publicação da “Apologia de Galileu” deu-se em 1622, em Frankfurt, Alemanha. Trata-se da *editio princeps*, inserida nos projetos editoriais de Tobias Adami, clérigo alemão, que já havia publicado o *Prodromus philosophiae instaurandae* (1617), o *De sensu rerum* (1620) e a *Philosophia epilogistica* (1621), dispondo como apêndice *A cidade do Sol* traduzida para o latim por Campanella. Segundo informações apresentadas por Ponzio, não há registros da existência do texto original latino da “Apologia”. A tradição manuscrita compreende apenas dois exemplares; uma cópia latina e uma tradução para o italiano⁵.

Ponzio apresenta, ainda, um outro dado acerca da redação da “Apologia”. Ressalta que os historiadores não são unânimes quanto à redação dessa obra ter realmente ocorrido antes do decreto anticopernicano. Segundo Ponzio, três autores (Amabile, Luigi Firpo e Antônio Corsano⁶) defendem a tese de que a “Apologia de Galileu” teria sido escrita após o decreto anticopernicano de 5 de março de 1616. Primeiramente, porque Campanella, uma vez informado sobre o êxito negativo da questão, teria redigido o opúsculo na tentativa de ver reexaminada a posição da Congregação do Índice quanto à teoria heliocêntrica. Em segundo lugar, porque a “Apologia” teria chegado a Roma somente em setembro de 1616; sinal evidente de que a obra teria sido redigida recentemente, ou seja, depois do julgamento. A *editio princeps* revela, em seu início, uma das poucas provas que reforçariam a tese da redação antes do decreto: a carta dedicatória na qual Campanella presta contas do parecer teológico comissionado por Caetano. Pois bem, esses autores rejeitam a tese de que a carta dedicatória constitua um corpo único com a “Apologia”. Segundo Ponzio, para Amabile, Firpo e Corsano, a carta dedicatória teria sido escrita entre 1618 e 1619, após a morte de Caetano, ocorrida em 1617. A *editio princeps* não traz a assinatura de Campanella nem tampouco menciona a data de sua redação, indício de que Campanella, consciente da temeridade de seu ato, teria

⁵ A cópia latina encontra-se na *Biblioteca Nacional* de Madri (manuscrito do séc. XVII, col. 2161 – L 101), enquanto a tradução para o italiano, do séc. XIX, de E. Marcucci, encontra-se na *Biblioteca Comunale* em Lugo di Ravenna. Apud Ponzio, 1997. pg 21.

⁶ AMABILE, *Tommaso Campanella nei castelli di Napoli, Roma e in Parigi*. Castelli, vol. I, pp. 183-86. FIRPO, Luigi. “Introduzione” in: CAMPANELLA, Tommaso. *Apologia per Galileo*. Torino: UTET, 1968. CORSANO, Antonio. *Campanella e Galileo*, “Giornale critico della filosofia italiana”, XLVII (1965), p. 319-20. Apud Ponzio, 1977.

procurado munir-se de alguma proteção. Assim, o amparo da dedicatória póstuma a Caetano teria a função de livrá-lo de ulteriores condenações.

Em sua introdução, Ponzio apresenta, ainda, Salvatore Femiano que também elabora uma versão da “Apologia” para o italiano⁷. Femiano lança nova luz sobre a questão, apresentando minuciosamente os fatos que comprovam a escrita do texto antes de março de 1616. Segundo Femiano, Campanella tinha conhecimento perfeito da situação, não sendo razoável supor, ele, que atenuaria a decisão do Santo Ofício, sendo sua situação a de um detento perseguido. Afora isso, a ausência do manuscrito não tem qualquer valor de prova, permitindo conjecturar que a falta de assinatura e data na única cópia do original latino pode não ser um fato imputável exclusivamente a Campanella, mas um artifício ou, ainda, negligência do editor do opúsculo.

Femiano recorre a três circunstâncias textuais da “Apologia” para fundamentar a hipótese de redação anterior ao decreto. Dentre as três, ressaltamos a primeira, que evoca justamente a carta dedicatória ao cardeal Caetano. O texto assim se apresenta: “(...)Vê qual é a doutrina justa; qual, também, deves defender ou rejeitar, uma vez que recebeu este encargo do Santo Senado”. Inicialmente, nota-se que a frase não teria qualquer sentido na tese pós-decreto. Em seguida, segundo Femiano, o termo *Santo Senado* é uma expressão de uso comum nos textos jurídicos desse período e faz referência ao Conselho dos cardeais ligados ao Índice e não à homônima Congregação que ordenou que Caetano corrigisse o “De Revolutionibus” após o julgamento de 1616. Portanto, para Femiano, não se pode confundir a posterior disposição do Santo Ofício para que Caetano corrigisse a obra censurada, com a investigação secreta iniciada pelo Senado dos cardeais ligados ao Índice. Campanella, na carta dedicatória, estaria fazendo alusão à preocupação particular de Caetano em resgatar, para salvaguarda da verdade, a dignidade das partes envolvidas no processo. A responsabilidade imputada por Campanella ao autônomo juízo de Caetano sobre o objeto da controvérsia perderia todo significado se a frase for interpretada pós decreto, dado que a

⁷ A “Apologia” elaborada por Femiano foi editada por Marzorati Editore. Encontramos a edição somente depois de iniciada a dissertação mas a tempo de consultá-la para a elaboração desta apresentação. Esse exemplar encontra-se na

aceitação ou rejeição propostas, somente estariam sob o seu juízo quando entendidas precedentes ao decreto.

Salvo as argumentações textuais levantadas por Femiano, das quais fizemos referência a uma, o autor apresenta, ainda, vários indícios *contextuais* de que a obra teria sido escrita antes do decreto. Novamente procuramos mencionar algumas.

Uma primeira circunstância é a carta de 6 de setembro de 1616, na qual Pedro Jorge Failla relata a Galileu a preocupação de Campanella em saber se o mesmo tinha conhecimento da existência da “Apologia”, uma vez que a havia enviado ao cardeal Caetano por meio de Bartholino. Campanella desejava, ainda, ter notícias do parecer de Galileu quanto à “Apologia”⁸.

Uma segunda evocação remete à carta de Frederico Cesi a Galileu, de 8 de outubro de 1616, na qual informava-o de haver tido em mãos a “Apologia” da qual o havia advertido, de tê-la dado a copiar e de remetê-la assim que a recebesse de volta. Informava-o, ainda, que Caetano encontrava-se fora de Roma; assim, ao seu retorno, feitas as devidas correções, a enviaria⁹. É muito provável que Cesi tenha recebido a “Apologia” das mãos de Caetano, com quem mantinha estreitas relações de amizade e, dado que se faz referência a apenas dois exemplares da mesma, fica claro que aquela em posse de Cesi (a qual ele deu a copiar) seja a mesma que recebeu Caetano e que deveria receber também Galileu. Caetano tornou o amigo mediador e não o fez diretamente por ocasião do mandato recebido do Santo Ofício de corrigir a obra censurada. Isto confirmaria a veracidade das afirmações de Campanella e, por outro, explicaria porque se fala da obra somente em setembro daquele ano. Além do mais, Caetano deve tê-la requisitado a Campanella, pois não a

biblioteca da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) Campus de Assis. CAMPANELLA, Tomás. *Apologia per Galileo*. Milão: Marzorati Editore, 1971.

⁸ “Il P. Fra Thomaso Campanella, oppresso di vari pensieri, mi comanda ch’io dovessi fare l’ufficio suo com V. S., dicendoli che mandò all’Ill.mo S.r Card. Caetano, per mezzo del S.r Giovanni Bartholino un’Apologia in difesa del modo di filosofare di V. S. [...]. Lui desidera sapere di questo il parere di V. S. e che le ne pare di quella Apologia, se l’ha vista, o vero se la facci mostrare dal detto S.r. Bartholino”. GALILEI, *Le Opere*, XIII, 1223.

⁹ “Hebbi la scrittura che V. S. m’avisa, et la diedi a copiare per poterla mandare a V. S., come farò subito ch’io la rihabbia: intanto non gliene so dire cosa alcuna, non havendo havuto tempo di vederla. Il Sigr. Card. Caetano si tratterà ancor tutto questo mese fuori di Roma nel suo stato: al suo ritorno, credo havrà l’emendatione, como saprò subito et l’avisarò a V. S. GALILEI, *Le Opere*, XIII, 1228.

corrigiu antes de entregar a Cesi sendo que, chegando atrasada e sem ter sido requisitada, deveria também ser corrigida ou censurada.

A iniciativa pessoal de Campanella de fazer chegar a um cardeal um escrito não pedido, não pode ser justificada nem mesmo pela reconhecida liberalidade de Caetano, pois o seu desmedido assunto, naquele clima de cruzada anticopernicana, se conhecido antes do decreto, teria incitado os consultores do Índice, agitando as tranqüilas águas da cultura oficial; conhecido depois do decreto teria, não só adquirido um significado de protesto e rebelião, agravando assim a sua já precária situação jurídica (sabe-se que Campanella estava prestes a receber a libertação) mas, teria sido interpretado também como um ato de imprudência em relação ao próprio destinatário que, oficialmente, era obrigado a ater-se ao mandado de expurgar a obra censurada de Copérnico, sem entrar no mérito da condenação; o que não deveria então fazer a partir da “Apologia”? Ao contrário, na dedicatória e no último capítulo da “Apologia”, foi proposta a avaliação das teses de Galileu em vista da solução científica e teológica mais correspondente à verdade. Caetano é mencionado também no fechamento do escrito; esse dado faz da dedicatória, em 1616, um corpo único com a “Apologia”.

Femiano aponta, ainda, a importante carta de Virgílio Cesarini a Galileu, de 12 de janeiro de 1623. Cesarini participa a Galileu a chegada às livrarias da *editio princeps* e a censura feita à mesma quanto à venda e à exposição ao público, embora a obra tivesse sido escrita antes do decreto da Congregação do Índice que suspendeu a obra de Copérnico. Relata que o episódio suscitara a retomada de calúnias, que já haviam sido refutadas e destruídas, e provocado públicas preleções por parte dos padres do Colégio Romano para se detestar os *criadores de novidade* nas ciências procurando, com longos discursos, persuadir os estudiosos de que, fora de Aristóteles, não há nenhuma verdade¹⁰. Se o linceu Cesarini afirma que a “Apologia” foi escrita antes do decreto da

¹⁰ “È comparsa per queste librerie, stampata in Germania, una Apologia del Padre F. Tommaso Campanella sopra il moto della Terra, da lei in quei tempi proposto; e sebene detta scrittura è fatta avanti il decreto della Congregazione dell’Indice che sosse il Copernico, tuttavia i superiori non hanno voluto che si venda e spacci pubblicamente. Alcuni emoli sono serviti di questa occasione per rinovare contro di lei le calunnie un tempo fa rifiutate e debellate, ma non mancano protettori ed amici a difendere il nome e riputazione di V. S.; GALILEI, *Le Opere*, XIII, 1545.

Congregação do Índice, certamente o faz baseado em elementos seguros, recebidos de personagens dignas de todo crédito. Isto confirma a contextualidade da dedicatória e a veracidade do seu conteúdo, mesmo porque, sabe-se que Caetano não teria nada a aceitar, repelir ou defender após o decreto de condenação. Essa elucidação valida a interpretação dada ao termo *Santo Senado* que, entendido erroneamente, lança os dados para depois do decreto, anulando o pedido de Caetano e reforçando a falta de oportunidade da carta a ele dirigida. A seca recriminação dos aristotélicos do Colégio Romano mostra o preconceito da cultura papal oficial de Roma em relação ao novo sistema astronômico. Esse dado oferece uma ulterior prova indireta de porque, entre março e setembro de 1616, não se falou da “Apologia”. O tema extremamente delicado por ela tratado, uma vez resolvido no sentido contrário àquele por ela proposto, permite conjecturar que o cardeal, recebido o mandato de proceder à correção, tenha-a tomado para si por todo aquele tempo, para não envolvê-la em posteriores complicações. Se os superiores interditaram a venda da obra em 1623, deduz-se a quais medidas cautelares e disciplinares não recorreriam, ao menos em relação à pessoa de Campanella, em 1616. Enfim, é de se notar que todas as testemunhas citadas, direta ou indiretamente, são personagens conhecedoras das secretas ações do Santo Ofício. Uma dessas, Bartholino, não era somente correspondente de Campanella em Roma, mas pessoa da confiança de Caetano. Campanella não lhe atribuiria uma tarefa tão delicada por uma comissão fictícia que envolveria a ele, ao cardeal e a Galileu.

2.2 – ORGANIZAÇÃO DO TEXTO DA *APOLOGIA DE GALILEU*:

2.2.1 – ESTRUTURA DA OBRA:

Não há, nas duas edições da *Apologia de Galileu* consultadas¹¹, qualquer referência ao seu gênero literário. Suas respectivas introduções restringem-se a apresentar a divisão dos capítulos e dissertar sobre o conteúdo da obra apologética. Paolo Ponzio, estranhamente, afirma que “as subdivisões da *Apologia* foram pensadas pelo próprio Campanella desde o primeiro capítulo¹²”, como se a estrutura da obra não seguisse qualquer tendência literária. Femiano sugere que se inicie a leitura do texto pelo capítulo terceiro, para, então, passar aos demais, pois ali haveria “maior vigor do princípio informador¹³”. Tal declaração poderia levar a se pensar que os capítulos antecedentes e posteriores são um tanto desconexos ou vagos e, por conseguinte, dispensáveis.

De fato, um leitor menos informado quanto à característica literária, mas que lê atentamente a obra apologética, pode perceber que o capítulo terceiro aborda, discute e determina questões que estavam presentes nos capítulos anteriores e que voltam a aparecer nos capítulos posteriores. Há, nesse terceiro capítulo, um ciclo que se inicia e se fecha em si mesmo e que, estando seus temas abordados também em outros capítulos, soaria confuso. Como se sabe, Campanella escreve sua apologia em defesa de algo que está sendo subjugado a outro já

¹¹ CAMPANELLA, Tomás. *Apologia per Galileo*. Salvatore Femiano. Coleção Scrittori Italiani. Milão: Marzorati Editore, 1971. CAMPANELLA, Tomás. *Apologia per Galileo*. Paolo Ponzio. Milão: Rusconi Editori, 1997.

¹² Ponzio, 1997. p. 09.

estabelecido. Dessa maneira, é preciso atuar em confronto. O confronto gera uma disputa na qual as partes buscam advogar em favor de suas posições. Assim, caracteriza-se de modo amplo um dos gêneros literários mais utilizados na história da teologia, pelo menos durante a Idade Média tardia e que, como não poderia ser diferente neste caso, deixou seus resíduos para a posteridade, sendo a disputa do século XVII herdeira de uma prática existente em séculos precedentes, tanto na teologia, como em outras áreas de estudo, como as artes liberais, a medicina e o direito.

A “Apologia” divide-se em cinco capítulos, precedidos de um proêmio. No proêmio formula-se uma pergunta: “se a doutrina filosófica que Galileu sustenta concorda com a Sagrada Escritura ou dela discorda”. O capítulo primeiro apresenta onze argumentos contra Galileu. O capítulo segundo lança onze argumentos a favor de Galileu. O capítulo terceiro divide-se em três teses: a primeira divide-se, mais uma vez, na demonstração de duas proposições; a segunda, faz referência a seis asserções para quem deseja julgar tais questões, demonstrando, em seguida, cada uma dessas asserções; finalmente, apresenta-se a terceira tese e sua conclusão. No capítulo quarto, responde-se às argumentações contra Galileu levantadas no primeiro capítulo e, no capítulo quinto, retomam-se as argumentações a favor de Galileu.

A “Apologia de Galileu” estrutura-se seguindo o modelo dos artigos das *quaestiones disputatae* do século XIII. Por mais que isso possa parecer estranho, Campanella segue mais de perto o modelo medieval da *disputatio* do que o modelo das disputas da escolástica tardia, tal como exemplificado nas “Disputationes metaphysicae” de Francisco Suarez. O modo de proceder de Suarez pode ser brevemente caracterizado da seguinte maneira: “Em Suarez, *disputatio* designa um modo de apresentar e solucionar as grandes questões filosóficas e teológicas por meio de uma prévia exposição e análise de todas as posições adotadas antes de manifestar a verdadeira

¹³ Femiano, 1971. p. 19.

sentença.”¹⁴. Este breve resumo pode ser comprovado ao se examinar qualquer uma das disputas que compõem as “Disputationes Metaphysicae” de Suarez¹⁵

Para se compreender a estrutura da “Apologia” e notar a diferença entre os tipos de disputa, é preciso voltar à origem desta e apontar seus principais elementos¹⁶. O corpo doutrinário medieval, enriquecido pelos textos da Antigüidade, suscitou uma pedagogia fundamentada na leitura e explicação de Sentenças de autoridades antigas e da patrística e de manuais autorizados de mestres medievais, utilizando-se de disputas orais. Na tradição medieval, a disputa é um elemento que caracteriza fortemente as diversas formas de ensino das universidades a partir do século XIII, seja na graduação, na formação de mestres e na pesquisa, embora já existisse a exegese analítica, anteriormente à entrada dos escritos aristotélicos na Europa. Nas disciplinas, a prática pedagógica de disputas desenvolveu-se gradualmente em atos de disputas acadêmicas que se realizavam diversas vezes ao ano e até mesmo semanalmente, integrando-se ao currículo acadêmico. Eram, para os mestres, menos freqüentes mas não menos importantes que lecionar.

A disputa formal dividia-se em duas partes que ocupavam dias separados e consistia em oferecer à comunidade universitária um tema para inquirição. O professor anunciava, com antecedência, o tema e a data. Todos os bacharéis eram convocados e outros mestres e estudantes eram convidados. O professor, no primeiro dia, após uma breve introdução, lançava a questão e uma ordem de tópicos a serem seguidos para delimitar a investigação. Um bacharel era escolhido para receber e responder os argumentos apresentados pelos membros do auditório. O bacharel tratava das argumentações contrárias à possibilidade sustentada pelo professor. Num outro dia, a comunidade reunia-se, novamente, para ouvir o mestre resumir as argumentações levantadas, tanto a favor como

¹⁴ MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. 1975, 5. edição, Tomo I, verbete “Disputación”.

¹⁵ Há uma edição bilingüe (latim-espanhol): SUAREZ. Francisco. *Disputaciones Metafisicas*. Trad. Sérgio Rábade Romeo, Salvador Caballero Sánchez e Antonio Puigcerver Zanón. Madri: Editorial Gredos. 1960, 7v.

¹⁶ BIRD, Otto. “How to read an article of the Summa”, in: *The New Scholasticism: Journal of the American Catholic Philosophical Association*. XXVII (1953), p. 129-59. BLANCHE, F. A. “Le vocabulaire de l’argumentation et la structure de l’article dans les ouvrages de Saint Thomas”, in: *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, XIV (1925), 167-87. KENNY, A.; KRETZMANN, N.; PIMBORG, J. *The Cambridge history of later medieval philosophy: from the rediscovery of Aristotle to the desintegration of scholasticism 1100 – 1600*. Associate editor Eleonor Stump. Cambridge: University Press, 1982. M.-D. CHENU. *Introduction a l’étude de Saint Thomas D’Aquin*. Montreal & Paris: Vrin, 1950.

contra e determinar a conclusão final quanto à questão. Os registros formais da prática dessa técnica deram origem a um gênero literário conhecido como *quaestiones disputatae*. A partir disso, outros gêneros de escritos, tais como os exercícios, os tratados e os comentários não literais, refletiram o novo tipo de texto; todos seguindo o modelo da disputa. Mesmo os textos que não eram usados para preleções e para disputas, assumiam essa forma que acabou por se tornar tradicional. As *quaestiones disputatae* constituem uma parte volumosa da produção de muitos filósofos e teólogos medievais, dado que o método tornou-se um gênero da literatura filosófica medieval, instituindo um modelo de apresentação para diversas obras.

As questões disputadas, como é o caso, por exemplo, da “Suma de Teologia” e a “De Veritate” de São Tomás de Aquino, apresentam-se compreendendo questões e artigos. As questões lançam o tema que será investigado, seguido de uma relação de tópicos que delimitam as possibilidades de investigação. Os artigos correspondem à relação dos tópicos lançados pela questão, tratando os assuntos mais especificamente. Cada um dos artigos reflete o estilo de disputa, pois, são, cada um, como um resíduo das questões disputadas. Assim, cabe mostrar a técnica de organização de um artigo para a compreensão da estrutura desse gênero literário que modelou a forma de apresentação de outras fontes literárias, entre elas, a *Apologia de Galileu*.

1- o artigo inicia-se com uma pergunta dialética, ou seja, uma pergunta que admite pelo menos duas respostas. Para tanto, o artigo caracteriza-se pela inserção de uma declaração na forma de alternativa, sendo estruturado para aceitar apenas uma resposta. Assim, em seu modelo geral de exposição, o artigo apresentará sempre a partícula “se”; em latim, *utrum*. Essa partícula satisfaz a possibilidade dialética e induzirá o desdobramento de afirmações a favor e contra um dos membros da alternativa, dado que não se visa uma resposta imediata, mas fundar, a partir da dúvida ou da disputa, uma pesquisa que leve à descoberta das causas da dúvida. Na “Apologia” há uma questão

apresentada em seu proêmio, a saber, “*se*” a doutrina filosófica que Galileu sustenta concorda com a Sagrada Escritura ou dela discorda¹⁷.

2- Firmada a declaração dialética, seguem-se argumentos a favor do primeiro membro da alternativa que, em geral, representam a argumentação no sentido contrário àquele que o autor intenta. São as posições dos opositores. O termo latino característico é *sic proceditur* que é traduzido por *argumenta-se como se segue*. A “Apologia” traz, em seu primeiro capítulo, onze argumentos contra Galileu que caracterizam a opinião dos opositores de sua doutrina. São argumentos que procuram mostrar como esta doutrina seria contrária às Escrituras. Estes argumentos não representam a posição defendida por Campanella e serão por este respondidos no capítulo quarto.

3- Terminados os argumentos *sic proceditur* têm-se, então, o *sed contra*, ou seja, argumentos contra os argumentos recém apresentados, argumentos a favor da posição contrária à primeira possibilidade. Como é possível inferir, na disputa, dada a oportunidade de expressão aos adversários no primeiro membro da alternativa, o *sed contra* apresentará argumentações favoráveis à intenção do escrito. Com a declaração dos argumentos *sed contra*, o problema no modo disputado está completo. A questão dialética foi proposta e os argumentos foram emitidos por ambos os lados da alternativa. No segundo capítulo, a “Apologia” apresenta onze argumentos, desta vez, então, a favor de Galileu¹⁸. Os argumentos desta segunda série serão reafirmados no capítulo quinto e representam, portanto, a opinião de Campanella.

4- Após a estrutura inicial, que representa o modo disputado, o artigo delinear o que habitualmente se conhece por *corpo* do artigo e que faz uso, não mais da disputa, mas do modo expositivo. O *corpo* do artigo é também conhecido como resposta, sentença, determinação, consistindo em uma resposta ampla à pergunta inicial. Por ser redigido segundo o método expositivo responsável pela determinação da questão, alguns estudiosos sugerem que a leitura se

¹⁷ *Utrum ratio philosophandi, quam Galilaeus celebrat, faveat sacris Scripturis, an vero adverset.*

¹⁸ *Sed contra opponitur, pro Galilaeo, autoritas theologorum ...*

inicie pelo *corpo* do artigo para, então, se passar às respostas aos argumentos a favor e contra, pois, assim, o texto ficaria mais compreensível. Assim como a partícula *utrum* anuncia a questão dialética, o *sic proceditur* e o *sed contra*, os argumentos disputativos de ambos os lados da questão, o corpo do artigo terá a frase *respondeo dicendum* por característica, anunciando a resolução dos problemas pelo mestre e sendo usualmente traduzida por *em resposta, cumpre dizer que*. Eis, assim, a posição do terceiro capítulo da “Apologia”. Este capítulo divide-se em três teses, sendo a segunda a mais importante ou central, pois nela Campanella apresenta seis asserções para quem pretende julgar a questão em debate e, em seguida, demonstra cada uma delas. Por isso foi dito que o capítulo terceiro inicia-se e fecha-se em si mesmo, tendo em si todas as teses e argumentos que já apareceram anteriormente e que são retomados posteriormente pois, como veremos, após a determinação do tema, passa-se a responder às questões dos capítulos anteriores¹⁹.

5- Seguem-se respostas aos primeiros argumentos *sic proceditur*, que eram a favor do primeiro membro da alternativa, isto é, de que a doutrina de Galileu é inaceitável, pois se opõe às Escrituras. Responde-se a partir do que foi determinado no corpo do artigo. Finalmente, os argumentos *sed contra*, favoráveis a Galileu, não recebem respostas, sendo, portanto, reafirmados. No caso da “Apologia”, Campanella, no capítulo quarto, responde aos onze argumentos contra Galileu, expostos no primeiro capítulo e retoma, no capítulo quinto, aos argumentos a favor de Galileu, já que estes “dificilmente podem ser refutados”²⁰.

Acrescentemos uma última observação sobre a estrutura literária da “Apologia”. A “Metafísica” do próprio Campanella, iniciada em 1602 (1ª versão), passando por outras duas tentativas, e concluída em 1611 sendo, portanto, contemporânea da “Apologia de Galileu”, embora

¹⁹ *Argumentis utrimque propositis pro veteribus et modernis theologis, Galilaeum defendentibus et oppugnantibus, respondebo, sed ...*

²⁰ Cumpriria ainda esclarecer que, em geral, não há respostas aos argumentos *sed contra* porque o autor os aceita. Às vezes, não há resposta nem mesmo aos primeiros argumentos, o *sic proceditur*. O autor declara no final do corpo do artigo que, de acordo com a explicação dada neste, fica clara a resposta aos argumentos. Há, também, casos em que o autor responde às duas séries de argumentos porque ele adota uma posição que não é nenhuma das sustentadas pelos argumentos iniciais e pelos argumentos em sentido contrário.

divida-se em questões e artigos, apresenta, primeiramente, no capítulo primeiro do livro I²¹, 14 aporias ou dificuldades, antes de expor a doutrina considerada verdadeira. Campanella parece, então, seguir o modelo aristotélico, no qual ocorre a apresentação das aporias no livro III e depois a doutrina, no livro IV da *Metafísica*²².

Assim apresentada quanto a sua estrutura literária, é possível perceber que a “Apologia” aproxima-se muito do modelo de disputa dos séculos XIII e XIV, constituindo-se, dessa maneira, como um todo em que se articulam o momento disputativo (duas séries de argumentos iniciais) e o momento demonstrativo (resposta). A obra de Suarez denotaria que o conceito de disputa alterou-se para uma maneira de expor uma doutrina frente a outras. Além do mais, estas obras possuem objetivos diversos pois, enquanto a “Apologia” se confronta com algo estabelecido, requisitando uma nova posição, as “Disputaciones Metafísicas” têm por finalidade apresentar uma doutrina.

²¹ CAMPANELLA, Tommaso. *Metafísica*. Giovanni di Napoli. Pádua: Editrice RADAR, 1969.

²² Tomás de Aquino apontou com perspicácia a articulação entre os livros III e IV da “Metafísica” de Aristóteles, do ponto de vista do modo de proceder: “No livro precedente, o Filósofo procedeu disputativamente acerca do que deve ser considerado nesta ciência; começa aqui a proceder demonstrativamente determinando a verdade das questões anteriormente suscitadas e determinadas”. AQUINO, Tomás. *Comentários à Metafísica de Aristóteles*. Turim: Marietti, 1935, Liv. IV, Lição 1ª, n° 529.

2.2.2 – O USO DAS AUTORIDADES²³

Acerca do texto apologético, Paolo Ponzio afirma: “à primeira vista, a “Apologia de Galileu” parece ser constituída de uma série imensa de citações e referências bíblicas e da patrística. Estas, se por um lado, testemunham os numerosos interesses do filósofo calabrés, por outro, são motivo de dificuldade sobretudo quando o seu significado vem forçado pelo autor a fim de validar e confirmar as teses que se quer aduzir”²⁴. De fato, a *Apologia* recorre abundantemente às citações e referências para determinar sua defesa; no entanto, estas não se dão pelo ímpeto exacerbado do autor, nem tampouco, vêm forçadas de maneira inescrupulosa ou ingênua.

A partir do que foi mostrado a respeito da estrutura da *Apologia*, pode-se compreender que Campanella, que era dominicano, educado segundo a tradicional pedagogia medieval, refletiu, ao menos no texto apologético, as características da técnica metodológica teológica medieval. A apresentação literária de tal técnica envolve não somente a estruturação do texto mas, também, a maneira de argumentar. Utilizam-se, para a determinação de uma questão, demonstrações fundamentadas tanto na experiência, como no ensinamento das figuras mais representativas da tradição teológica, que são as autoridades, ou ainda nas demonstrações que fazem uso do raciocínio,

²³ CHENU, M-D. *Introduction a l'étude de Saint Thomas d'Aquin*. Montréal & Paris, Vrin, 1950, p. 106. GEENEN, G. *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris, Letouzey, 1950, Tomo XV, 1ª parte, verbete “Thomas d'Aquin”, col. 738-739; 749-751.

²⁴ Ponzio, 1997. p. 08.

que são as demonstrações dialéticas²⁵. Campanella fez uso das autoridades e das diversas técnicas de interpretação dessas autoridades para determinar uma questão basicamente teológica, a saber, se Galileu, no trato da filosofia da natureza, afronta a teologia ao propor explicações dos sistemas celestes que contradigam o que está revelado nas Escrituras. É possível pensar que Campanella tenha se utilizado desse método, em tal questão, não apenas pelas influências de sua educação mas, principalmente, por ser esta uma das formas mais tradicionais, conhecidas e familiares dos teólogos a quem pretendia se dirigir. Ao disputar acerca de um tema teológico contra autoridades teológicas, Campanella serviu-se do instrumental dos interlocutores para que os atingisse da maneira mais clara, para que o tema ganhasse credibilidade e, concomitantemente, apresentasse a crítica devida nos moldes tradicionais do pensamento teológico.

As fontes da doutrina teológica, isto é, os artigos de fé, são dados pela revelação divina e encontram-se nas Escrituras canônicas, cujos textos fornecem ao teólogo as autoridades que fundamentam a técnica do método escolástico medieval. Ao lado das Escrituras, a Idade Média reconheceu também outras autoridades, como é o caso dos textos dos Padres e dos filósofos. Santo Tomás de Aquino fala de maneira clara a respeito das fontes da doutrina teológica e utilizou-se de uma terminologia própria para fazer distinção entre os argumentos: argumentos próprios por necessidade – autoridade da Escritura (luz da revelação divina); argumentos próprios provavelmente – autoridade dos doutores da Igreja; argumentos prováveis como que a partir do que é próprio – autoridade dos doutores; argumentos prováveis estranhos – autoridade dos filósofos (luz da razão humana)²⁶. Nota-se que os textos dos Padres tanto participam das propriedades dos textos bíblicos como padecem das deficiências das autoridades filosóficas. Assim, a documentação patristica possuía uma hierarquia na qual, após a revelação dos textos canônicos, dava-se preferência aos concílios e práticas litúrgicas; depois aos Padres gregos; depois aos latinos; às menções anônimas

²⁵ “Ex sanctorum doctrina (ensinamento dos Padres), et naturae decretis (razão natural), et rationem consense (experiência).”

²⁶ GEENEN, *op. cit.*

dos escritores contemporâneos; às citações implícitas e adágios e, finalmente, aos materiais inautênticos.

A frequência no uso das autoridades, na construção do corpo doutrinário medieval, fez com que surgisse uma gama bastante considerável de procedimentos para o uso de tais argumentos ou autoridades. No século XIII, havia uma grande quantidade de fontes doutrinárias e múltiplos princípios de classificação das mesmas. Quanto ao uso, faz-se idéia de que o emprego desse material abundante e variado não se fazia de uma única maneira. Há que se levar em conta todos os fatores que contribuíam para a distorção do sentido original de muitas passagens textuais como, por exemplo, a tradição oral, os erros na transcrição de manuscritos, as citações de memória, enfim, uma infinidade de possibilidades de se fazer uso dessas fontes. Assim, a escolha de um texto, em preferência a outro, se dá devido um texto parecer exprimir melhor aquilo que se tem necessidade de dizer. Logo, o sentido primitivo do texto e a interpretação que ele receberá não são uma única e mesma coisa. Cada um exaltarà as autoridades, que são comuns a todos, da maneira que melhor esclareça o que deseja exprimir, criando, assim, uma cultura em que as autoridades coletivas se fazem presentes diferentemente em cada interpretação. Isso não era entendido como violação do sentido primitivo da autoridade, mas como um uso comum em que se contrapõem várias possibilidades do mesmo escrito, principalmente tendo-se em conta que a dialética e seus desdobramentos técnicos reinavam no universo da disputa. Isso tudo contribui para se compreender que Campanella não faz uso indevido do sentido de suas citações, mas utiliza uma técnica estabelecida.

Dentre essas possibilidades de interpretação, G. Geenen classificou alguns procedimentos.

Citações fonte de dificuldade – oposição entre uma autoridade e outra quando parecem sustentar posições diferentes a propósito de um tema. Não aceitando absolutamente nem uma, nem outra, promove-se a conciliação compreendendo que tais autoridades não são adversárias, mas diversas.

Citações de puro ornamento – autoridades que poderiam ser omitidas sem que a exposição da doutrina ou a coerência do tema sofresse por isso; citações convencionais, decorativas, que ilustram

de maneira feliz, por uma palavra ou imagem, o que o autor acaba de dizer, sem acrescentar a isto o que quer que seja. *Citações fonte de doutrina* – autoridade que dá o tom e a medida para compreender a explicação que se seguirá. Retirar a autoridade em questão seria fazer perecer o sentido ou o valor de uma exposição doutrinal. *Citações prova da doutrina* – citação que vem para apoiar ou explicar uma prática já existente ou uma doutrina já estabelecida em outro lugar. Trata-se de argumentos prováveis, isto é, os argumentos não têm de si valor apodítico e necessário. É com essa reserva que eram utilizadas as citações fontes de doutrina. *Citações confirmativas da doutrina* – aproximam-se das citações prova e das citações puro ornamento. Distinguem-se das outras porque seu papel não é o de provar uma asserção qualquer, mas trazem algo de novo. Complementam a exposição da doutrina pela invocação de uma autoridade bem conhecida que confirma o que acabou de se dizer. Ajuda a dar a idéia mais profunda e circunstanciada do que o autor quis dizer. *Citações explicativas* – muitas dificuldades advêm da falta de informação para se alcançar o sentido de uma doutrina ou se perceber o sentido preciso dos problemas. Essas citações são evocadas para esclarecer o contexto e conduzir a um entendimento mais exato. *Citações justificativas* – dão o sentido de um fato, justificam uma prática ou teoria admitida por todos, expõem o sentido de uma cerimônia de maneira que, na sua ausência, tais elementos permaneceriam obscuros, desprovidos de sentido. Não são puramente ornamentais pois instruem realmente, mas não são citações provas pois não trazem confirmação, não explicam nada e não se opõem a nenhuma asserção. Têm sua razão de ser na significação e na beleza do sentido.

No uso que Campanella faz das autoridades, poder-se-iam encontrar vários elementos da tipologia proposta por Geenen. No capítulo terceiro, Campanella preestabelece três teses para aqueles que querem colocar-se como juizes de uma questão como a que se faz presente na “Apologia”. A primeira tese subdivide-se em duas proposições. Vejamos um trecho da primeira proposição, a título de exemplo: “De fato, aqueles que possuem ciência sem ter zelo de Deus, bajulam os homens que prevalecem nos tribunais e nas escolas; e por esse motivo não têm coragem de indicar a verdade, como se diz no capítulo 12 do Evangelho de João: Muitos entre os notáveis

creram em Jesus; mas, por causa dos Fariseus, não o declaravam para não serem afastados da sinagoga; de fato preferiram mais a glória humana à de Deus”²⁷. Pode-se notar que a autoridade de João, segundo o Evangelho, traz uma argumentação “fonte de doutrina” cuja função não é a de esclarecer o que foi dito, mas apoiar a asserção inicial a partir da afirmação do Evangelho. Segue o texto: “o Apóstolo condena os filósofos que, embora conhecendo a Deus, todavia não o honravam como tal, mas ofereciam sacrifícios a falsos deuses”²⁸, posto que – como narram Platão na Apologia de Sócrates, Xenofonte, Cícero, Plínio e outros – temiam ser acusados de heresia diante do Senado; e muitos deles eram mortos como ímpios”. Campanella utiliza a mesma autoridade para oferecer uma argumentação “confirmativa da doutrina” pois confirma o que foi dito e traz um dado novo. O dado novo, neste caso, é a própria argumentação “prova de doutrina” que é a autoridade do fato ocorrido a Sócrates, conforme Platão, Xenofonte, Cícero, Plínio e outros.

São inúmeros os exemplos da utilização que Campanella faz de tais autoridades, tanto é assim que Paolo Ponzio, em sua *Introdução à Apologia*, destaca exatamente o uso abundante das referências da patrística e das referências medievais. O que ressalta porém, é uma série de autoridades “fonte de dificuldade” utilizadas na primeira série de argumentos e uma série de autoridades “fontes de doutrina” utilizadas nos argumentos em sentido contrário.

²⁷ Jo., 12, 42-43.

²⁸ Rm., 1, 21.

2.3 – ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES DO TEXTO:

Não há de se encontrar, na “Apologia de Galileu”, qualquer cálculo de física ou de geometria aplicados à astronomia com o intuito de defender certa e inequivocamente a teoria heliocêntrica. Determinar, no século XVII, se a doutrina sustentada por Galileu devia ser proibida por estabelecer e afirmar princípios contrários à Sagrada Escritura era questionar, antes de tudo, a relação entre a filosofia da natureza e a doutrina teológica.

A redação da “Apologia de Galileu” deu-se frente às acusações doutrinárias desencadeadas contra o sistema copernicano: era preciso construir um instrumental teórico à altura da situação intelectual dos teólogos inquisidores para determinar, perante o Tribunal dos Cardeais ligados ao Índice, o lugar da cosmologia estabelecida como ciência que trata da realidade (cosmos) como um todo organizado racionalmente e que pode, por conseguinte, pela sua própria natureza, explicá-lo desvinculado das concepções teológicas.

Antes mesmo da publicação da obra de Copérnico (1543), a divulgação de sua teoria extrapolou a secular oposição entre astrônomos ptolomaicos (geômetras) e físicos aristotélicos (filósofos) quanto à real estrutura do universo²⁹. Proposta como hipótese matemática que apenas buscava salvar as aparências, não deixou de abalar a relação entre a teologia escolástica tradicional

²⁹ GRANADA, Miguel Angel. “Il problema astronomico-cosmologico e le Sacre Scrittura dopo Copernico: Christoph Rothmann e la *Teoria dell'Acomodazione*”. in *Rivista di Storia della Filosofia*. Ano LI, Nuova Serie. 4/1996. pp789-828.

e as ciências da natureza, ao apresentar um sistema cosmológico contrário à interpretação admitida dos livros Sagrados sobre a estabilidade da Terra e mobilidade do Sol³⁰. Assim, a “Apologia” vem em socorro da teoria copernicana no momento em que ela, em 1615, é defendida publicamente por Galileu. Embora concordando que os argumentos tirados da interpretação literal da Bíblia seriam subjogados apenas se o sistema copernicano estivesse provado acima de qualquer dúvida, acreditava que a partir de fenômenos como as fazes de Vênus, a variação aparente de Marte, o deslocamento mensal das manchas solares e a retrogradação dos planetas, podiam constituir-se em argumentos suficientes para provar o sistema como expressão da real estrutura do universo, pois Galileu não aceitava a teoria copernicana como mera hipótese matemática³¹.

Campanella retoma a relação entre as ciências e a teologia em conexão com o texto bíblico dos *Provérbios*, onde Salomão diz: “a sabedoria, isto é, a teologia chamou à cidadela as servas³², isto é, as ciências”. Segundo a cultura escolástica medieval, tal passagem indicava que as pesquisas científicas deveriam atender aos ditames de sua senhora sem qualquer contestação. Assim, se a teologia impuser uma interpretação literal do texto bíblico, uma passagem como a do livro de Josué, na qual este afirma “Sol, para no Gabaon, e tu, Lua, sobre o vale de Aialon; o Sol parou no meio do céu e não se pôs pelo espaço de um dia”³³, levará obrigatoriamente a se pensar que o Sol encontra-se em movimento enquanto a Terra está parada. Logo, toda asserção feita pela ciência contradizendo qualquer passagem da Escritura Sagrada será considerada heresia. Assim, a serva está fadada a mover-se sob os grilhões de sua senhora.

Para Campanella, o termo “serva” deve ser interpretado num sentido diverso do tradicional. Segundo ele, a senhora utiliza-se dos serviços que lhe prestam as servas. A relação não é a de uma hierarquia rígida num sentido único, do superior ao inferior mas, o caminho contrário, o

³⁰ Segundo Miguel Granada, a teoria copernicana passará a ter problemas com a inquisição somente após de 1616, com a investigação do Índice. Antes desse episódio, tais problemas não ultrapassavam as retaliações públicas por parte dos teólogos tradicionais, tanto católicos como protestantes.

³¹ Cf. “Carta a Cristina de Lorena” in: GALILEI, Galileu. *Ciência e fé: Galileu Galilei*. São Paulo: Nova Stella Editorial; Rio de Janeiro: MAST, 1988.

³² *Pr.*, 9,3.

³³ *Js.*, 10, 12-13

da elevação, pela ajuda das servas, do inferior ao sobrenatural. Os assuntos revelados pertencem a uma natureza diferente da humana. Deus e sua glória pertencem a uma realidade que se encontra já estabelecida. Assim, a teologia trata de assuntos já estabelecidos, que pertencem a uma realidade sobrenatural em relação ao homem e que foram revelados ao mesmo, para que este cuidasse de sua salvação. No entanto, a teologia não bane as ciências, mas se serve delas para convocar os homens ao reino dos céus. Visto que são suas servas, verdadeiramente a servem e não a contradizem.

“Por isso a teologia, embora não necessite, pelo que lhe diz respeito, de provas tiradas da ciência humana, destas tem necessidade, pelo que nos diz respeito, para que possamos nos robustecer e entender o que é sobrenatural a partir do sensível e natural.”

Estando em oposição à escolástica mais tradicional, Campanella procura afirmar, dentro do exemplo de São Paulo Apóstolo, o que é de fato “cativar o intelecto para Cristo” (2Cor. 10,5), ou seja, permitir que a ciência eleve aos dados de Deus. Assim, o ponto de ataque será a cultura aristotélica dos teólogos, pois a maneira de agir desses teólogos submete a ciência não a Cristo mas a um único homem. Inicia por mostrar, a partir da autoridade do próprio Aristóteles, que ele errou.

“Até hoje nenhum filósofo ou teólogo disse qualquer coisa convenientemente adequada ou com uma suficiente certeza acerca das naturezas dos céus, da sua ordenação, do seu lugar, da quantidade, do movimento e das suas configurações e acerca da construção do universo; até mesmo, que tudo isto não pode ser explicado com exatidão, se demonstra com auxílio da Sagrada Escritura e mediante a diversidade de hipóteses avançadas pelos doutos. [...] Portanto, deliram os que julgam que Aristóteles tenha afirmado a verdade sobre as realidades celestes e que não se deva indagar nada mais a respeito. De fato, Aristóteles, no livro segundo *Sobre o céu*, escreve, de acordo com o que apreendera dos egípcios, que as esferas são oito, compreendida a estrelada; que esta última é o primeiro móvel o qual move em 24 horas com movimento violento, de oriente para ocidente, todas as esferas dos planetas contra a sua inclinação, enquanto estas mesmas deslocam-se naturalmente do ocidente para oriente por meio de percursos muito lentos. Pois a Lua desloca-se apenas 12 graus em relação aos 360, percorridos por todas as esferas no movimento diurno mediante impulso violento. Em seguida, no livro XII da *Metafísica* não pretende que todas as outras esferas sejam conduzidas pela primeira, mas que cada

uma se mova por meio de uma inteligência própria, e multiplica todas essas inteligências de acordo com o número das aparências e os movimentos; todavia, não dá razão das aparências, como admitem São Tomás, Simplicio e outros comentadores.”

Outro argumento forte contra a cultura Romana é que Aristóteles promove desacordo entre Deus e os anjos.

“Estabelece desacordo entre Deus e os anjos, posto que esses últimos imprimiriam às esferas um movimento contrário ao estabelecido por Deus e enquanto se dizem seus imitadores, na realidade agiriam de modo oposto. Até mesmo entre os anjos estabeleceu discórdia: de fato, procuram um e outro mover as esferas em sentido contrário, um para o oriente, e um para o ocidente, outro para o norte e outro para o sul; estabelece alguns que movem os astros e outros que são hesitantes, de tal modo que não só admite a violência no céu e também entre os anjos, ou a discórdia e a fadiga no mover as esferas, mas não fornece nem sequer uma explicação de por quê pareça que os astros ora movem-se para o alto, ora para baixo, ora estão parados e ora estão velozes, ora recuam e ora estão lentos, nem fornece razões de por quê haja mudanças na excentricidade, nos apogeus e nos equinócios, e não poderia fazê-lo visto que o céu, na sua opinião, compõe-se de uma quinta essência.”

No entanto, ainda que não seja possível afirmar nada acerca dos céus, o continuar indagando é importante.

“Mas que não seja vã a indagação ulterior é ensinado pelo desejo natural de sempre aprender mais. Ainda, São Bernardo, [...], diz: *embora seja impossível saber quem seja Deus, busca-se o sempre com grandes frutos*. Portanto, o empenho acerca das coisas celestes tem como fim Deus, que é sempre o fruto da nossa indagação. De fato, ainda que não compreendamos perfeitamente a Deus, como diz Paulo aos Atenienses, o qual somos obrigados a buscar, descobrimos sobre ele sempre algo a mais, que pouco a pouco nos torna semelhantes a ele. [...] Portanto, não se trata de uma indagação inútil. Portanto, são invejosos ou de limitado engenho e fé em Deus, os que pensam que se deve contentar com Aristóteles e os outros filósofos antigos, e que não se deve indagar além deles, especialmente depois da luz do Evangelho e depois da descoberta do Novo Mundo e de novas estrelas, coisas que faltaram aos antigos, como a luz da fé. Esta última eleva a nossa natureza acima da dos pagãos e não nos oprime sob o seu jugo, sendo a sua filosofia um

catecismo, enquanto que a nossa é uma doutrina perfeita, como atesta Cirilo. Por isso, no mundo, que é o livro e a sabedoria de Deus, nós poderemos ler melhor se não negligenciarmos a graça que está em nós;”

Outro dado importante e, que põe em jogo o apoio trazido pela patrística aos argumentos recorrentes nesse assunto e vice e versa, refere-se à exegese bíblica. De fato, a questão dos dois livros (da Escritura e da natureza), bem como a da exegese são temas que se encontram também na carta a Cristina de Lorena. A idéia central é mostrar que a Bíblia não pode ser interpretada sem levar em conta a expressão alegórica. Esse é um tema recorrente no século XVII (devido às novas descobertas científicas) e que pode ser retomado por Campanella a partir da patrística visto que o berço da doutrina cristã já se ocupava da exegese alegórica.

“Depois de ter esclarecido que nenhum filósofo antigo estabelece um limite à física e à astronomia, agora será mais fácil demonstrar que tampouco Cristo e Moisés o fizeram. De fato, jamais se lê no Evangelho que Cristo discutisse assuntos de física e de astronomia mas assuntos morais e promessas de vida eterna, cujo caminho nos abriu através do exemplo, da doutrina e do sacrifício supremo.” [...] Por isso nem ordenou aos Apóstolos ensinar essas coisas mas batizar e ensinar o que ele mesmo havia feito e ensinado [...]. De outra parte é evidente que nem Moisés estabelece limites à ciências humanas, nem Deus nos ensinou, por intermédio dele, a física ou a astronomia. De fato, Salomão diz: *Deus entregou o mundo à indagação dos homens*; ele investigou cuidadosamente sobre todas as coisas, examinando a natureza e não somente o livro de Moisés. Este disse algo sumário acerca da criação e da beleza do céu e da terra e de todas as coisas, do modo como poderiam ser úteis a um legislador mais que a um físico. [...] Moisés não utilizou uma linguagem filosófica, mas uma linguagem popular, seguindo mais o conhecimento sensível popular do que o intelectual próprio do conhecimento filosófico. Por isso, sendo excelente em toda ciência, divina e humana, [...], como se diz no capítulo sétimo dos Atos dos apóstolos e Filão e Josefo provam, satisfez assim o povo de modo a satisfazer também os filósofos. De fato, deu a compreender tudo, não só com palavras, mas também com fatos, àqueles que são capazes de entender o sentido místico. [...] Portanto, Agostinho e Crisóstomo ensinam que Moisés não disse nada sobre a criação dos anjos, porque os povos rudes não podiam compreender as coisas incorpóreas e afim de que, sendo inclinados à idolatria, não os adorassem. [...] Assim, todos os Padres que tiram do texto de Moisés ensinamentos

filosóficos, estão de acordo em justificar o modo de exprimir-se de Moisés com a incapacidade do povo. [...] Finalmente Crisóstomo, [...], todavia reconhece que nesse livro Moisés adaptou, em quase tudo, o seu discurso ao nível do povo rude, especialmente quando Moisés diz: *Deus criou dois grandes luminares*, ainda que a lua, sendo menor que muitas estrelas e que a Terra, seja dita ser um luminar maior pela influência que exerce em relação a nós, e pelo fato de que parece maior aos sentidos. São Tomás, na questão 70, artigo 1, mostra que Moisés neste, como em outros textos, segue o falar, o sentido do vulgo antes que a razão; de fato, esta última reconhece que a Lua é menor.”

A ciência é importante para a religião como foi para o apóstolo Paulo, pois somente a partir do conhecimento ocorre a catequese. Assim, quem proíbe a ciência teme sua própria falsidade pois sabe que quem se dedica à ciência acaba por conhecer muitas coisas e pode descobrir a falsidade dos outros.

“Toda seita ou religião que proíbe aos seus seguidores a investigação das coisas naturais, deve ser julgada suspeita de falsidade, visto que a verdade não contradiz a verdade, [...], nem o livro da sabedoria de Deus criador contradiz o livro da sabedoria de Deus revelador; quem teme ser contradito pelos dados da natureza está consciente da própria falsidade. [...]. Portanto, quem quer que a religião cristã proíba as verdadeiras ciências, os estudos e a indagação das coisas físicas e celestes, ou possuem uma opinião errônea sobre o cristianismo ou então são a causa de outros suspeitarem do próprio cristianismo. Além disso, se a religião cristã é efetivamente repleta de toda verdade, desprovida de toda mentira, não só não teme nada dos estudiosos, mas neles mesmos encontra confirmação. Isto diz São Tomás [...], opondo-se a quem condenava nos monges o estudo da filosofia e das outras ciências. [...] Portanto, aqueles que são cristãos, são também sábios e racionais. De fato, o Verbo de Deus é razão suprema a partir da qual nos dizemos racionais por participação. [...] Por este motivo, aqueles que geralmente dizem que não ocorre saber demais nem indagar com argumentações racionais senão aquilo que temos recebido dos outros homens, de um certo modo não são cristãos, antes contradizem Cristo enquanto diminuem a nossa semelhança com ele. De fato, limitam a obra da sabedoria de Deus num punhado de cérebro de um só homem e submetem a inteligência ao engenho humano e não a Cristo, como quer Paulo que, ao contrário, submete todos os tiranos, sábios deste mundo e todo intelecto a Cristo, em cujos grilhões o Eclesiástico coloca aos nossos pés e na coleira os nosso pescoço. Aqueles que, ao contrário, nos encerram nos grilhões de Aristóteles, de

Ptolomeu e de algum outro, [...], julgando que Deus não pode mais criar engenhos superiores a esses, ou que nos ligam aos seus ditos e distorcem o sentido da Escritura a favor das suas sentenças não o extraindo da natureza das coisas, [...], estes verdadeiramente não são cristãos. [...] Aqueles que pretendem saber, porque conhecem Aristóteles [...], nem mesmo estes conhecem de que modo é oportuno saber; são verdadeiramente sábios apenas aqueles que sabem que ignoram inúmeras outras coisas, e que não se deve desistir de indagar, como se já as conhecêssemos, [...]. Servimo-nos das doutrinas pagãs somente enquanto são racionais a partir da primeira razão, Cristo, [...]. Por isso, se dizem algo de bom, precisa-se tirar deles como de injustos possesores (como diz Santo Agostinho no Livro II Da doutrina cristã), [...]. Também São Tomás na primeira parte, questão primeira, diz que os pagãos são citados nas escolas de teologia como testemunhos contra eles mesmos e não na qualidade de juizes ou de testemunhos contra nós.”

No entanto, para fundamentar a idéia paulina de que a ciência é atacada quando é tomada em si mesma porque leva ao orgulho e não compreende a salvação, Campanella recorre à imagem de Maquiavel pois este é o ícone que faz frente a toda utopia do século XVII, é o oposto de todo ideal de reforma religiosa que exige um outro procedimento ético. Maquiavel é aquele a quem os fins justificam os meios, a virtude do bom governante é manter-se no poder, respeitado e temido pelos seus súditos. Pois bem, a ciência não pode ser aclamada sob esses moldes. Esse é o molde atacado por Paulo para falar do Cristo. A ciência é importante para elevar a Cristo. Portanto, a figura de Maquiavel chama a atenção, por contraste, para como deve ser a relação da ciência para com a teologia.

“Portanto, aqueles que proíbem aos cristãos o estudo da filosofia não compreendem o que seja ser cristão e são semelhantes ao Imperador Juliano que, após ter apostatado a fé, proibiu toda ciência aos cristãos a fim de que a teologia, privada das suas servas, não conseguisse mais chamar os homens para dentro dos muros da cidade de Deus. São Tomás considera o mesmo no opúsculo “Contra aqueles que combatem as ordens religiosas”. Como ele denominaria hoje aqueles que nos proíbem de buscar filosoficamente no livro de Cristo, que é o mundo, se qualifica de julianistas os que queriam que seja proibido aos monges ler os livros dos pagãos? Não encontram qualquer justificação na Sagrada Escritura uma vez que os seguintes ditos – Não experimenteis

mais do que o conveniente e, Quem se crê sábio, torne-se tolo – não são contra nós, mas a nosso favor. De fato, essas afirmações não proíbem o indagar de quem busca filosoficamente, mas a sua interrupção, como se já soubéssemos tudo, e proíbem a sabedoria de erguer-se por vontade própria acima da doutrina revelada, e de julgar segundo a sua medida os dogmas divinos, como fazem os pagãos, os heréticos e todo aquele que colocou a lâmpada sob a tija aristotélica. Portanto, proíbe-se prudência humana, quando ela maquiavelisticamente eleva-se sobre a divina e quando considera poder atingir o sobrenatural com o próprio esforço, sem pedi-lo a Deus. [...] Compete à glória da religião cristã o ter permitido não apenas o esforço para a descoberta de novas ciências e a restauração das antigas de modo a não precisar cortar as unhas e os cabelos das estrangeiras, mas também o ter sempre impedido a Maquiavel e Juliano insultar-nos porque, enquanto somos contempladores de Cristo, sabedoria de Deus, todavia mendigamos aos pagãos a ciência que condenamos, reputando-os como que melhores que nós.”

Campanella faz apologia da ciência vista como em São Paulo, ou seja, a ciência é importante como meio. Ela auxilia o encontro com Deus e não deve colocar-se maquiavelisticamente acima da sabedoria divina. No entanto, uma coisa são as afirmações científicas outras são as afirmações teológicas. É preciso que haja uma separação no conteúdo das afirmações pois a ciência não leva à heresia; ao contrário, “conduz os homens à cidadela”, no entanto, dado que caracterizam-se como meio para o alcance de um objetivo, se forem confundidas com os próprios dogmas de fé, como se fossem questões de fé, aí então, induzirão a erros que levam os pagãos a zombarem da doutrina cristã.

“Se portanto, como foi demonstrado, a liberdade de filosofar está mais presente no cristianismo do que em qualquer outra civilização, qualquer um que, de própria iniciativa, prescreva aos filósofos leis e limites como se derivassem da Sagrada Escritura, ensinando que não se deve afirmar nada além daquilo que ele mesmo afirma, e submete e coage a Escritura a um único significado dele mesmo ou de outros filósofos, este comporta-se não apenas irracionalmente e danosamente, mas também de modo ímpio, porque expõe a Sagrada Escritura ao sarcasmo dos filósofos e à derrisão dos pagãos e dos heréticos, pelo que bloqueia o acesso à fé, não chama os infiéis à cidadela da fé mas os conduz para fora

dela, lança também ofensas ao Espírito Santo, cuja palavra, fecundíssima e cheia de significados (como atesta Santo Agostinho [...], Crisóstomo [...], Ambrósio e Orígenes [...] e Gregório [...]) fica assim totalmente ineficaz. É, ao contrário, fecundíssima não só no sentido místico, mas também literalmente, como ensina Agostinho [...] e São Tomás [...] e o Cardeal Cajetano [...]. Aceita, de fato, todos os sentidos e as interpretações que não contradigam diretamente ou indiretamente outras passagens da Escritura, como se diz na questão 32, artigo quarto. Além disso, São Tomás nos dá a causa da tal multiplicidade de interpretações [...], como havia feito antes Agostinho [...] dizendo: As palavras da Sagrada Escritura são expostas de muitas maneiras a fim de que não sejam escarnecidas por quem está impregnado das letras profanas. [...] De resto prejudica muito tanto afirmar quanto negar como pertinente à sagrada doutrina o que não diz respeito à doutrina religiosa. De fato, diz Agostinho [...] quando [...] ouço que um cristão ignora estas coisas (isto é, ignora aquilo que os filósofos afirmam acerca do céu, das estrelas e acerca dos movimentos do Sol e da Lua), e pensa uma coisa por outra, suporto pacientemente as suas opiniões; nem vejo que lhes causem danos se ignoram a posição e a condição de uma criatura corpórea, porque não crê coisas indignas de ti, Senhor e criador de todas as coisas. Ao contrário, causar-lhe-ia dano se mantivesse que estas opiniões pertencem à própria doutrina religiosa, e ousasse afirmar com insistência aquilo que não sabe. Que isto seja manifestamente danoso – prossegue São Tomás – o mantém também o próprio Agostinho [...] quando diz: É algo extremamente torpe, danoso e que deve ser evitado completamente que um infiel qualquer escute um cristão delirar sobre estes argumentos, como se falasse segundo as Escrituras cristãs, e não poder, como se diz, furtar-se a rir se não com dificuldade, ao ouvir tais despropósitos. Que um homem pareça errar, não é tão desagradável quanto o fato de que se creia, por aqueles que estão fora da Igreja, que estariam os nossos autores a pensá-lo e que se lhes reputem ignorantes, com irreparável perda daqueles por cuja salvação nos esforçamos. Parece-me, por isso, ser mais correto manter que não se deve sustentar como dogmas de fé as opiniões difundidas pelos filósofos conhecidos que não estão em contraste com a nossa fé, embora, às vezes, sejam introduzidas sob a autoridade dos filósofos; nem devem ser negadas como contrárias à fé, a fim de que os sábios deste mundo não tenham ocasião de desprezar a doutrina da fé. Isto é sustentado por São Tomás junto com Santo Agostinho. Disso resulta evidentemente com quanta imperícia e contra os decretos dos Padres alguns teólogos modernos defendem o aristotelismo como se se tratasse de uma doutrina de fé, apenas porque São Tomás comentou Aristóteles, quando ele ensina uma doutrina totalmente contrária, [...]De

fato, primeiro Lactâncio Firmiano, [...]e, em seguida, Agostinho [...] sustentam com firmeza que os antípodos não existem, porque aqueles homens não descenderiam de Adão, o que é contrário à Sagrada Escritura que deriva todo o gênero humano de um só homem.”

A figura de Colombo e dos navegadores será muito importante, pois os sentidos comprovam algo que os Padres ou teólogos consideram como herético ou contrário ao texto da Bíblia.

“Procópio de Gaza no ano 500 compôs uma série de comentários à Sagrada Escritura a partir dos textos de todos os Padres e demonstrou que os antípodos não existem. Com base nas suas sentenças e em citações da Sagrada Escritura, Santo Efrém coloca o paraíso terrestre totalmente em um hemisfério totalmente outro, descoberto por Colombo. Ao contrário, alguns Padres consideram que seja herege quem admite os antípodos. Não obstante, a sua afirmação, após os testemunhos dos navegadores, revela-se contrária à verdade. Portanto, se é verdadeiramente contrário à Sagrada Escritura a existência dos antípodos, como eles disseram, ou que lá está o paraíso terrestre ou o inferno ou o purgatório, como opinaram Dante, Isidoro e outros, disto segue-se que a verdade, já divulgada por Colombo, seja contrária ou discordante da Escritura de Deus. [...] Vê como é danoso afirmar também isto como se fossem doutrinas de fé. Mais cuidadoso foi Beda ao sustentar que a hidropsia é uma enfermidade derivada de um defeito da vesícula, e São Tomás ao afirmar que sob o equador não há nenhum homem, levado pela autoridade de Aristóteles, embora Alberto e Avicena sustentassem o contrário; esses, de fato, não divulgaram isso como se fosse de fé, mesmo se São Tomás pudesse alegar a espada flamejante. Hoje a geografia e a medicina lhes retrucam, mas sem colocar em perigo a fé. Erraram de modo mais horroroso os que ensinam que a zona tórrida é a espada de fogo do anjo que guarda o caminho para o paraíso, visto que já se sabe que aquela zona não traz nenhum impedimento aos viajantes e navegadores. [...] Por estas razões, se Galileu vencer, os nossos teólogos terão causado não pouca zombaria da fé romana [...]. Se, ao contrário, resultar falso o ensinamento de Galileu, nenhum dano será acarretado à doutrina teológica. De fato, nem tudo que se apresenta como falso é contra a fé na Igreja militante, como provavelmente acontece na triunfante. De outra forma, os erros dos santos na física, uma vez descobertos, provariam que eles são heréticos. Além disso caso se descubra que é falsa, não perdurará. Portanto, considero que esta doutrina filosófica

não deve ser proibida, seja porque os heréticos a abraçariam com mais avidez e nós seríamos escarnecidos [...].”

As novas descobertas permitem dizer que muitos autores respeitáveis e mesmo santos erraram. Nem por isso foram hereges ou se opuseram à Escritura. Seus erros podem se revestir de zombarias contra a fé, o que eles certamente não desejaram. Tudo isso mostra a maneira adequada para avaliar a doutrina de Galileu. Se ele estiver correto, a atitude dos teólogos pretendendo que sua doutrina é herética e contrária às Escrituras acarretará desprezo pela fé cristã. Se ele estiver errado, seu erro em nada afetará a fé, pois tais questões em nada se referem à fé cristã.

2.4 A VIDA E AS OBRAS DE TOMÁS CAMPANELLA³⁴

1568 – Tomás Campanella nasceu no dia 5 de setembro, em Stilo, Província de Reggio Calabria³⁵, filho de Jerônimo Campanella e Catarina Martello. Seu nome de batismo era João Domingos Campanella.

1582 – Ingressou na Ordem Dominicana aos 14 anos, iniciando seus estudos no convento de São Jorge Morgeto³⁶. Nessa ocasião, optou pelo nome de Tomás, influenciado por um pregador e pelas leituras acerca da vida de Tomás de Aquino e de Alberto Magno.

1583 – Pronunciou seus votos na igreja de Santa Catarina, junto ao convento dominicano, na vizinha Placanica.

1586 – Seguindo a reforma dos estudos e do noviciado disposta pelo padre geral, foi transferido, aos 18 anos, para o convento de Nicastro. Deu início ao *De investigatione rerum*.

³⁴ FEMIANO, Salvatore. “Introduzione” in: CAMPANELLA, Tomás. *Apologia per Galileo*. Salvatore Femiano, Coleção Scrittori italiani. Milão: Marzorati-editore, 1971, p. 5. PONZIO, Paolo. “Cronologia della vita e delle opere di Tommaso Campanella” in: CAMPANELLA, Tomás. *Apologia per Galileo*. Paolo Ponzio. Milão: Rusconi Editore, 1997. p. 31; DI NAPOLI, Giovanni. “Nota Biografica” in: CAMPANELLA, Tomás. *Metafisica*. Giovanni di Napoli. Pádua: Editrice RADAR, 1969. p. 45.

³⁵ A Região da Calábria divide-se em cinco províncias: Catanzaro, Cosenza, Crotone, Reggio Calabria e Vibo Valentia. Esta “nota biográfica” faz menção às cidades de Stilo, São Jorge Morgeto e Placanica, pertencentes à Reggio Calabria e às cidades de Altomonte, Cosenza e Nicastro, pertencentes à província de Consenza.

³⁶ Quarto convento da ordem dos pregadores na Calábria. Em 1524 foi destinado à Casa de Noviciado e sucessivamente à Casa de Estudos, formando religiosos e leigos. Trata-se de um dos santuários mais visitados da Calábria seiscentista. O convento surgiu a partir da igreja da Santíssima Anunciação (1393), edificada pela família Caracciolo, que a cedeu aos dominicanos.

1588 – Próximo ao final do ano foi novamente transferido, desta vez, para a província de Cosenza, convento da igreja de Santa Maria da Consolação – cidade de Altomonte. Campanella já conhecia as teorias de Telésio, mas foi aí que teve acesso aos dois primeiros livros do *De rerum natura*. Campanella almejou ainda conhecer o filósofo cosentino; no entanto, Telésio faleceu antes que o encontro pudesse se realizar. Nesse mesmo ano Campanella completou seus estudos literários, filosóficos e teológicos.

1589 – Ainda em Altomonte, escreveu sua primeira obra de filosofia da natureza: *Philosophia sensibus demonstrata*, em oito livros. Trata-se de um polêmico confronto ao *Pugnaculum Aristotelis adversus principia B. Telesii*, escrito em 1587 pelo aristotélico Giacomo Antônio Marta.

A declarada inclinação de Campanella às teorias de Telésio, sua relutância em aceitar o aristotelismo, suas constantes tentativas de relacionar-se com os seculares e seu comportamento pouco adequado ao ambiente formal do convento, levaram seus superiores a transferi-lo para o convento de São Domingos Maior, em Nápoles; no entanto, aos constantes confrontos, também com os frades de São Domingos, seguiu-se um período de estada fora do convento, vindo Campanella a compartilhar do convívio dos Del Tufo, família pertencente à nobreza napolitana.

1590 – Livre do cotidiano do convento, passou a uma vida de intensa atividade cultural e estreitas relações de amizade com expoentes da nobreza napolitana. Freqüentou também o célebre João Batista Della Porta³⁷. Terminou o *De investigatione rerum*, iniciado em 1586.

1591 – A *Philosophia sensibus demonstrata* foi publicada com dedicatória a Mário Del Tufo. Escreveu mais alguns tratados: *De insomniis*, *De sphaera Aristarchi*, *Exordium novae metaphysicae*, *Philosophia Pitagorica* e *Philosophia Empedoclis*: todos esses se perderam.

1592 – O período de regalias, concedido pelo convento de São Domingos, foi acompanhado por seus superiores, resultando numa acusação de vida religiosa irregular. Em maio

³⁷ João Batista della Porta (1535-1615). Dramaturgo e escritor de magia natural napolitano. Em 1580 fundou a Academia dos Segreti levando a Inquisição a investigar suas atividades. Em 1610 tornou-se membro da Academia dos Linceus, do príncipe Cesi, à qual Galileu também pertenceu.

foi encarcerado no convento de São Domingos Maior e submetido a processo. O Padre Provincial sentenciou Campanella a retornar à Calábria dentro de oito dias e, também, a abandonar o telesianismo, a seguir a doutrina de São Tomás e a recitar aos sábados, por três vezes, os salmos penitenciais e o ofício dos mortos.

Campanella divisou, nessa imposição, o fim de sua liberdade. Logo, não retornou à Calábria, mas fugiu para Roma. Em seguida partiu para Florença, onde esperava obter uma cátedra junto à corte da Toscana. Tendo, Fernando I, negado-lhe o pedido, seguiu para Pádua, passando por Bolonha, onde alguns “falsos frades” lhe roubaram todos os manuscritos que levava consigo. Manuscritos esses que depois chegaram ao Santo Ofício.

1593 – Em Pádua, nos primeiros dias de janeiro, inscreveu-se como estudante espanhol na Universidade. Redigiu três escritos tencionando uma federação européia sob liderança do Papa e hegemonia da Espanha feita braço secular da Igreja. Os escritos são: *Della monarchia dei cristiani*, *Discorsi ai principi d'Itália* e *Discorsi universali del governo ecclesiastico*.

1594 – No princípio do ano foi preso [em Pádua] por ordem do Santo Ofício, por não ter denunciado um herege com o qual havia discutido artigos de fé. Teve seus manuscritos seqüestrados e foi submetido a duas torturas; uma em maio e outra, mais dura, em julho. Junto com outros dois encarcerados empreende uma fuga sem sucesso, o que lhe agravou ainda mais sua situação jurídica. Assim, em outubro, foi transferido para o cárcere do Santo Ofício, em Roma, acusado de heresia; acusações fundamentadas também nas doutrinas do *De sensu rerum*³⁸.

1595 – No cárcere escreveu o *Compendium de rerum natura*, publicado por Tobia Adami em 1617 com o título *Prodromus philosophiae instaurandae*.

1596 – Campanella foi, então, levado ao convento dominicano de Santa Sabina, em Roma. Enquanto aguardava o desfecho do processo, iniciou a redação do *Epilogo Magno di quello che della natura delle cose ha filosofato fra T. Campanella servo di Dio*. Essa redação foi interrompida

³⁸ As biografias consultadas fazem referência ao *De sensu rerum* sem afirmar o período em que a obra foi composta. Temos relato do *De investigatione rerum*, cujo primeiro esboço é de 1586 e término em 1590. A ausência dessa informação leva-nos à possível associação entre os títulos.

(sendo terminada apenas em 1598) para Campanella cumprir parcial abjuração, sendo depois transferido para o convento de Santa Maria sobre Minerva, também em Roma, onde permaneceu em domicílio fechado. No convento de Santa Maria redigiu e dedicou ao cardeal Bonelli³⁹ o *Dialogo politico contro Luterani, Calvinisti e altri eretici*.

1597 – Um criminoso, antes de ser executado em Nápoles, denunciou Campanella como herético. Voltou ao cárcere do Santo Ofício, em Roma. Após um rápido processo recebeu a sentença de retornar à Calábria onde deveria permanecer em regime fechado em um convento escolhido por seus superiores. Quando preparava-se para o retorno, em dezembro, foi surpreendido com a anulação da sentença. Uma rápida e mais apurada investigação inocentou-o e o libertou.

1598 – Ainda assim, em março, Campanella decide retornar à Calábria, desta vez por desejo pessoal e não mais para o cumprimento de sentença. Ficou por algum tempo em Nápoles onde ditou uma cosmografia e a *Encyclopedia facilis dictata principibus*; terminou o *Epilogo Magno*.

1599 – Chegando à Calábria transferiu-se para Stilo, convento de Santa Maria de Jesus⁴⁰. Campanella encontrou a Calábria presa à miséria devido à luta entre os bispos e a autoridade espanhola e destruída pelas incursões sempre mais freqüentes dos Turcos. Tomou partido dos bispos e redigiu a *Monarchia di Spagna* reafirmando seus ideais de teocracia pontifícia com hegemonia da Espanha sob domínio do papado. Certo de que o reino de Nápoles constituía o principal obstáculo à unidade política da Europa e causa de discórdia entre França e Espanha, propôs a subtração do poder espanhol sobre esse reino instituindo-o como república sob proteção exclusiva do Papa. Campanella possuía um projeto pessoal fundamentado em profunda e universal

³⁹ Antônio Miguel Bonelli (1541-1598) – diplomata e dignatário eclesiástico italiano, nascido em Bosco e falecido em Roma. Seu tio, o papa Pio V, o nomeou cardeal (1566) servindo em Espanha, Portugal e França. Contribuiu com a eleição de Gregório XIII e sob o pontificado deste obteve cargos importantes. Felipe II, rei da Espanha, concedeu-lhe o título de Marquês de Bosco.

⁴⁰ A igreja de São Domingos e o convento de Santa Maria de Jesus compõem, ainda hoje, um vasto complexo arquitetônico seiscentista dos padres dominicanos cujo valor histórico se dá exatamente por ser esse o local onde nasceu e morou o filósofo Campanella. Embora provavelmente já existissem tais instituições no período em que Campanella entrou para a ordem dominicana, as biografias fazem referência somente a São Jorge Morgeto. Provavelmente, Campanella iniciou seus estudos em São Jorge por tratar-se, este, de um colégio preparatório; o que provavelmente Santa Maria de Jesus não podia oferecer-lhe.

revolução social e política diretamente ligada à instauração de uma teocracia papal. Com a proximidade da passagem do século, seguindo o que diziam todos os livros de profecia, magia e astrologia, interpretou, nos graves fenômenos naturais (terremotos e tempestades), nas carestias e nas discórdias civis, sinais premonitórios da chegada dos tempos, momento em que realmente haveria a renovação do século no sentido teocrático. Assim, Campanella enxergou na querela sobre o reino de Nápoles o estopim da revolução teocrática. Por isso participou de diversos encontros clandestinos intensificando a trama dos conjurados, anunciando publicamente uma vitória predita pelos sinais dos tempos. Esses ideais foram mal vistos por Felipe II da Espanha pois, segundo o conselho de alguns nobres e frades, essa era a maneira de ver a Calábria e a região livre do domínio espanhol. Essa movimentação ficou conhecida como a *Conjura da Calábria* de 1599. Em agosto a conjura é denunciada à autoridade local. Em setembro Campanella foi preso. Foi processado primeiramente em Scilace e depois em Gerace⁴¹, junto com outros conjurados, sob a acusação de rebeldia e heresia. Em novembro foi transferido para Nápoles, no cárcere do Castelo Novo⁴².

1600 – As gravíssimas acusações que se apresentaram ofereceram rapidamente as distinções do processo: conspiração e heresia. Pelo processo de heresia, a Santa Sé requestou o acusado para encarceramento em Roma, ao que o vice-rei espanhol opôs-se rigorosamente. Em Nápoles, iniciou-se o processo da conjura. Interrogado pela primeira vez pelos juizes napolitanos negou toda acusação (janeiro). Decidiu-se torturar os prisioneiros. Tendo negado cumplicidade na conjura, Campanella ficou, por oito dias, trancado na fossa dos crocodilos sendo, logo depois, submetido, por dois dias seguidos, ao atroz tormento do poleiro ou poledro. Cansado do suplício, doente, afirmou ter proposto a constituição de uma nova república levado pelos “sinais” por ele previstos e interpretados. Essa indireta confissão comprometeu-o ainda mais e colocou sua vida seriamente em risco. De Leonardis, advogado, tenta uma defesa sem sucesso. Vendo que não lhe restava mais alternativa, Campanella iniciou o único plano que poderia salvar sua vida: na manhã de

⁴¹ Scilace e Gerace são duas dioceses de sufrágio pertencentes à Reggio Calabria.

⁴² Em Nápoles, Campanella esteve encarcerado nas masmorras de três Castelos: Castelo Novo, Castelo Sant’Elmo e Castelo do Ovo.

Páscoa (2 de abril) Tomás simula delírio em sua cela. Deu-se, assim, início a uma sucessão de simulações de loucura. Por conta disso, o processo da conjura foi suspenso. Iniciou-se então o processo por heresia, em 19 de abril, quando o Papa nomeou um núncio e um padre como juizes para esse processo. Estes seguiram para Nápoles. Campanella, novamente torturado, desta vez com a corda, continua simulando sua loucura e negando todas as afirmações.

1601 – Com a morte do padre que acompanhava o núncio, nomeou-se o bispo de Caserta. Roma desejava ter certeza da loucura de Campanella. Assim, entre 4 e 5 de junho, por trinta e seis horas consecutivas, foi torturado e interrogado. Sendo demasiado o suplício, o frade teve sua vida poupada, mas ficou esquecido no cárcere.

1602 – No cárcere napolitano escreveu *A Cidade do Sol*, *Aforismi politici* e várias poesias filosóficas. Redigiu também a primeira versão da *Metafisica* (em língua italiana).

1603 – Em janeiro chega a Nápoles a carta sentença, vinda de Roma, resultante do processo de heresia: Campanella foi condenado à prisão perpétua, devendo esta ser cumprida no cárcere do Santo Ofício, em Roma. O processo de conjura continuou por pouco tempo, sendo depois totalmente suspenso, devido à submissão de Campanella a severa detenção nos cárceres napolitanos. Nesse período confiou ao alemão Cristóvão Pflug cópia da *Monarchia di Spagna* e do *Epilogo Magno*. Começou a escrever a *Astronomia*, em quatro livros, que terminou no ano seguinte.

1604 – Ainda que Campanella, pelo processo de heresia, tenha sido sentenciado à prisão de Roma, permaneceu encarcerado em Nápoles de 1604 a 1626. Foi transferido de um cárcere a outro e a severidade do tratamento apresentou-se ora mais, ora menos intensa. Nesses cárceres escreveu os seus livros mais sofridos: *Sonetto nel Caucaso*, *Lamentevole orazione profetale*, *Salmodie metafisicali*, *Dispregio della morte*. Reescreveu, em italiano, o *De sensu rerum*, com o título: *Del senso delle cose e della magia*.

1605 – No decorrer de um ano, deixado deliberadamente nas masmorras do Castelo Sant'Elmo, continuou a escrever obras sobretudo de caráter político-religioso. Nasceram, assim, o *Ricognoscimento filosofico della vera universale religione contro l'anticristianesimo* (foi traduzido

para o latim e intitulado *Atheismus triumphatus* pelo alemão Gaspar Schopp⁴³) e a *Monarchia del Messia* que recebeu um apêndice intitulado *Discorso delle ragioni che ha il Re Cattolico sopra il Mondo Nuovo e altri regni d'infideli*, também traduzido para o latim. Iniciou a composição dos *Articuli Prophetales*.

1606 – Continuou a enviar requisições e súplicas ao Papa, aos cardeais e a alguns políticos; pedia libertação ou transferência para Roma. Escreveu a *Canzone di pentimento* e as *Salmodie*. Elaborou melhor o *Epilogo Magno* (de 1598) e os *Discorsi del governo ecclesiastico* (de 1593); entre setembro e outubro compôs os três livros dos *Antiveneti* para tomar o partido do papado no conflito deste com a república de Veneza.

1607 – Entrou nos primeiros meses do ano mantendo relação epistolar com Gaspar Schopp, que ficaria em Nápoles apenas em abril, porém, com a possibilidade de visitar o prisioneiro.

1608 – Terminou os *Articuli prophetales* iniciados em 1605. Em abril, foi transferido para o Castelo do Ovo onde ocorreu uma detenção severa, mas menos cruel e atormentada. São deste ano os três *Arbitrii sopra l'aumento delle entrate del Regno*.

1609 – Por oito anos desenvolveu uma intensa atividade de escritor. Reescreveu, em latim, a *Metafisica* (II redação), obra que foi seqüestrada e que recomeçou a escrever no ano seguinte (III redação). Compôs uma primeira *Medicina* em dois livros. Começou a elaborar a *Philosophia realis (Questiones physiologicae, ethicae et politicae)*.

1611 – Depois da publicação do *Sidereus Nuncius* de Galileu (1610), iniciou com vigor renovado uma comunicação epistolar com o físico pisano. No curso de um ano promoveu retoques em *A Cidade do Sol* e retomou a *Medicina*, ampliando-a.

1612 – Iniciou a redação da *Philosophia rationalis* (gramática, poética, retórica, dialética, historiografia).

⁴³ Gaspar Schopp (1576-1649). Erudito e polemista, converteu-se ao catolicismo em 1598. Travou debates com várias autoridades de seu tempo. Utilizava seu sobrenome (Schopp) traduzido para o latim: Scioppius.

1613 – Terminou a *Medicina* em sete livros e um tratado de astrologia em 6 livros ao qual, em 1636, foi acrescentado um sétimo. Iniciou o rascunho da vastíssima *Theologia* e o projeto de uma obra que servisse aos missionários para a conversão dos pagãos: o *Quod Reminiscetur*.

1614 – Em março, enviou a Galileu o rascunho da *Theologia*. Discutiu com o cientista pisano as questões sobre a flutuação dos corpos, utilizadas na elaboração do *Discorso delle cose che stanno in su l'acqua o che in quella si muovonno* de Galileu (pontos retomados de modo mais amplo no Livro II da *Metafisica*).

1615 – Terminou o *Quod Reminiscetur*.

1616 – Em fevereiro compôs rapidamente uma defesa em favor de Galileu e do copernicanismo, a *Apologia pro Galilaeo*, publicada por Adami, em 1622, em Frankfurt. A obra apologética chegou às mãos do Cardeal Caetano⁴⁴ somente depois da condenação da hipótese copernicana de 5 de março desse ano. Em julho chegou a Nápoles o novo vice-rei Pedro Giron⁴⁵, duque de Ossuna; mostrou-se benévolo para com o prisioneiro dominicano, transferindo-o para o Castelo Novo. Todavia, próximo ao final do ano, após alguma nova acusação ou talvez somente por causa da índole caprichosa do vice-rei, Campanella foi recolocado na prisão do Castelo de Sant'Elmo.

1619 – Iniciou a publicação da *Mathematica* que foi interrompida no primeiro livro. Terminou a *Gramática* que constitui a primeira parte da *Philosophia rationalis*.

1620 – Chegou a Nápoles um outro Vice-rei, Cardeal Gaspar Borja y Valesco⁴⁶ que redigiu a *Informazione sopra la lettura delli processi fatti l'anno 1599 in Calabria* e a *Narrazione della istoria sopra cui fu appoggiata la favola della ribellione*. Campanella, movido pelo fato de

⁴⁴ Bonifácio Caetano (Tiago de Vio). Legado do Papa de 1469 a 1534. Professor de filosofia em Nápoles e de teologia em Brescia e Roma. Para recompensar sua dedicação, Julio II nomeia-o cardeal em 1517. Era dominicano e tomista.

⁴⁵ Pedro Giron – Primogênito do conde de Urenha, casado com dona Mencia de Gusmão, irmã de Dom Henrique de Gusmão, duque de Medina Sidonia. Pertencia à poderosa família Conversa de la Caballería, em Aragão. Grão-mestre da Ordem de Catatrava no mesmo período em que seu tio foi Arcebispo de Toledo.

⁴⁶ Gaspar Borja y Valesco (1582-1645) – Cardeal representante da Espanha na corte pontifícia e vice-rei de Nápoles. Filho do duque de Gandía, foi arcebispo de Milão, Sevilha e Toledo. Durante sua estada em Roma tratou de indispor o Papa com Veneza. Em 1620 foi nomeado vice-rei de Nápoles. O duque de Ossuna negou-se a abandonar o cargo, pelo que Borja teve que desembarcar em segredo em Prócida e permanecer no Castelo Novo durante alguns dias até que seu

que o governo do reino, no caso, era um homem da Igreja, buscou informá-lo de que a documentação a respeito dos processos estava dispersa. Borja y Valesco foi, no fim do ano, substituído pelo rígido Antônio Zapata Cisneros⁴⁷.

1622 – Durante o ano completou a quarta redação da *Metafisica*, em sete livros.

1623 – No início de julho faleceu o Papa Gregório XV e Campanella apressa-se em compor uma *Pro conclavi admonitio ad electores summi pontificis de eligendo summo pontifice semper optimo*, enviando-a a dois cardeais eleitores muito influentes. Em agosto foi eleito o Cardeal Maffeo Barberini (Urbano VIII).

1624 – Divulgou a um amigo a *Theologia*, totalmente finalizada. Reviu e completou a *quaestio De comentis* inscrita nas *Questiones Physiologicae*. Procura publicar a *Metafisica* na França.

1626 – Em julho, Campanella empreendeu uma fuga. Disfarçado de padre, sob o nome falso de Dom Giuseppe Pizzuto, embarcou para Roma onde, barrado, foi conduzido à prisão do Santo Ofício sob constante vigilância. Durante o ano, devido a áspera censura feita pelo padre Nicolau Riccardi⁴⁸ (o padre Monstro), redigiu a *Defensio libri sui De sensu rerum* seguida, depois de um ano, do *De Praedestinatione et reprobatione et auxiliis divinae gratiae*.

1629 – Aos 61 anos, conseguiu a esperada liberdade do Santo Ofício e com ela também os livros que, em abril, foram proibidos pelo Índice. Foi libertado com a ajuda do papa Urbano VIII

antecessor partisse para a Espanha. Em Nápoles governou com retidão e justiça, afabilidade e grandeza, satisfazendo tanto aos príncipes e senhores como a todo o reino.

⁴⁷ Antônio de Zapata Cisneros (1550-1635) – Eclesiástico graduado em 1578 pela Universidade de São Bartolomeu de Salamanca. Pela linhagem de seu pai, herdou o condado de Barajas, mas o renunciou. Ocupou o cargo de inquisidor em Cuenca e Toledo. Foi apresentado a Felipe II para o bispado de Cádiz e em 1596 para o de Pamplona. Em 1600, Felipe III lhe concedeu o arcebispado de Burgos, cargo ao qual também renunciou devido Clemente VIII ter-lhe outorgado o título de cardeal. Com esta dignidade passou por protetor da Espanha, em Roma, sendo, ademais, inquisidor da cidade. Assistiu, em 1605, o conclave que elegeu a Paulo V. Em 1620 o rei o designou para o vice-reinado de Nápoles. Assistiu a um novo conclave que deu a eleição a Gregório XV. No vice-reinado foi substituído pelo duque de Alba. Uma bula de Urbano VIII elevou-o a inquisidor geral (1627) quando ocupava a administração do arcebispado de Toledo em nome do Cardeal-infante dom Fernando.

⁴⁸ Nicolau Riccardi (1585-1639) – Teólogo, escritor e pregador. Portador de deficiência física compensada por uma mentalidade de altíssima ordem. Entrou para a ordem dominicana durante o período em que estudou na Espanha, pronunciando os votos no convento de São Paulo, onde estudou filosofia e teologia. Foi professor de teologia tomista em Pincia, adquirindo reputação de pregador apenas pela sua fama de teólogo. Em Roma (1621) adquiriu a confiança de Urbano VIII, tornando-se regente dos estudos e professor de teologia do Colégio sobre Minerva. Em 1629 Urbano VIII nomeou-o Mestre do Sagrado Palácio em sucessão a Nicolau Ridolfi, recentemente eleito Mestre Geral dos Dominicanos.

que tinha por Campanella grande estima e desejava conferir-lhe um cargo na Cúria romana. Recebeu da Ordem Dominicana o título de mestre em Sagrada Teologia. Urbano VIII tendeu a reconhecer os seus méritos, mas alguns frades daquela ordem, que lhe eram hostis, impediram a publicação e difusão de algumas de suas obras.

1631 – Retomou, com uma série de cartas, a correspondência com Galileu. Durante o verão, foi convidado a dar algumas aulas de filosofia natural a dez clérigos das Escolas Pias, em Frascati. Redigiu a *Expositio super cap. LX epistulae ad Romanos, o Risposte alle censure dell'Ateismo triunfato* e o *Liber Apologeticus contra impugnantes Institutum Scholarum Piarum*.

1632 – Ditou ao médico francês Gabriel Naudé⁴⁹ sua autobiografia, *Vita Campanellae* (perdida) e o *Syntagma de libris propriis et recte ratione studendi* que, retido indevidamente por Naudé, foi publicado em Paris somente em 1642. É também de 1632 o *Dialogo politico fra un Veneziano, Spagnolo e Francese circa li rumori passati di Francia*.

1634 – Nos primeiros meses, procurou safar-se da falsa acusação de ter sido cúmplice de uma conjura, organizada por um certo Tomás Pignatelli com o intuito de assassinar o vice-rei de Nápoles. Enviou um memorial a este último, mas, sabendo que seria extraditado a qualquer momento para Nápoles, na noite de 21 ou 22 de outubro, disfarçado de frade menor, com falso nome de frei Lúcio Berardi, fugiu para a França. Em 15 de novembro, chegando a Lion, viu, maravilhado, que já haviam sido publicados os primeiros quatro livros da *Medicina*.

1635 – Foi recebido por Luis XIII, que o acolheu com bondade e lhe conferiu uma modesta pensão. Infelizmente, esta lhe foi paga sempre de modo descontínuo e em atraso. Dedicou-se a publicar suas obras: concluiu a publicação dos sete livros da *Medicina* (março) e enviou a Urbano VIII os *Aforismi politici per le presenti necessità di Francia*. Em agosto, o tipógrafo Dubray empreendeu a publicação da *Philosophia rationalis*.

⁴⁹ Gabriel Naudé (1600-1653) – Bibliotecário do Cardeal Jules Mazarin (1602-1661); Cardeal sucessor de Richelieu

1636 – Foi publicado o *De sensu rerum* revisado pela segunda vez e precedido de dedicatória a Richelieu. Deu à publicação também o *Ateismus Triumphatus* com vários apêndices: o *De gentilismo*, o *De praedestinatione* e a *Expositio super IX Rom.*

1637 – Foi publicada a *Philosophia Realis*, acrescida das *Quaestiones physiologicae*, a *Pro conclavi admonitio* (1623), o *De regno Dei* (1630) e a *Civitas solis* (1611), oportunamente revisada pelo autor.

1638 – O tipógrafo Dubray concluiu a publicação da *Philosophia Rationalis*. Em agosto o frade pôde, finalmente, enviar um exemplar, in folio, da *Metafisica* (V redação) ao ministro Claudio Bullion, ao qual a obra é dedicada.

1639 – Enviou suas duas últimas cartas aos cardeais sobrinhos do papa, Antônio e Francisco Barberini, respectivamente em 1 de fevereiro e 4 de março, nas quais comentou suas últimas preocupações: a contínua incompreensão de suas obras por parte dos confrades do convento de Santa Maria sobre Minerva e sua obra missionária, não só na França mas também na Inglaterra, corte com a qual havia tido contato. São os seus últimos escritos. Em abril Campanella passou a sentir os primeiros sinais da moléstia que o levaria à morte. Faleceu serenamente, em 21 de junho, sob as orações de seus confrades, no convento dominicano da rua St. Honoré, em Paris, em paz com Deus e com o mundo.

3 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

3.1 – SOBRE A *APOLOGIA DE GALILEU*.

CAMPANELLA, Tommaso. *Apologia pro Galileo, mathematico Florentino. Ubi disquiritur utrum ratio philosophandi, quam Galileus celebrat, faueat sacris scripturis, na aduersetur*. Francofurti: G. Tampachii. 1622. 1 microficha publicada por Readex Microprint, 1985. (Landmarks of Science, Series I).

CAMPANELLA, Tommaso. *Apologia per Galileo*. Introdução e notas de Paolo Ponzio. Texto latino confrontado. Milão: Rusconi Editore, 1997.

CAMPANELLA, Tommaso. *Apologia per Galileo*. Salvatore Femiano, Coleção Scrittori Italiani. Milão: Marzorati Editore, 1971.

BRUNO, Giordano. *Opere di Giordano Bruno e di Tommaso Campanella*. A cura di Augusto Guzzo e di Romano Amerio. Milão: R. Ricciardi, 1956.

3.2 – REFERÊNCIAS GERAIS:

BIANCHI, Luca. “Captivare intellectum in obsequium Christi” in *Rivista Critica di Storia della Filosofia*. XXXVIII (1983), p. 81-87.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. Edições Loyola. 1994.

BIRD, Otto. “How to read an article of the Summa”, in: *The New Scholasticism: Journal of the American Catholic Philosophical Association*. XXVII (1953), p. 129-59.

BLANCHE, F. A. “Le vocabulaire de l’argumentation et la structure de l’article dans les ouvrages de Saint Thomas”, in: *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, XIV (1925), 167- 87.

CAMPANELLA, Tommaso. *Metafisica*. Giovanni di Napoli. Pádua: Editrice RADAR, 1969.

CHENU, M-D. *Introduction a l’étude de Saint Thomas D’Aquin*. Montreal & Paris: Vrin, 1950.

D’ALÈS, A. “Galilée”. in: *Dictionnaire Apologétique de la foi Catholique*. Paris:Beauchesme. 4^o ed., Tomo II, 1924. pp.148-197.

DAWSON, Christopher. *Progrès et religion: une enquête historique*. Tradução de Pierre Belperron. Paris: Librairie Plon, 1935.

DUBARLE, A. M. “Les principes exégétiques et théologiques de Galilée concernant la science de la nature”. in: *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*. Tomo L, n^o 1, janvier. 1966. pp.67-87.

Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana. Madri: Espasa-Calpe. Tomo III. 1910. pp.1590.

ÉVORA, Fátima Regina Rodrigues. *A Revolução copernico-galileana*. 2^o edição. Campinas: Unicamp. Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1993-94.

GALILEI, Galileu. *Le Opere*. Ristampa delle Edizione Nazionale, Firenze, G. Barbera. 1934.vol. XIII.

- GALILEI, Galileu. *Ciência e fé: Galileu Galilei*. São Paulo: Nova Stella Editorial; Rio de Janeiro: MAST, 1988.
- GEENEN, G. *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris, Letouzey, 1950, Tomo XV, 1ª parte, verbete "Thomas d'Aquin", col. 738-739; 749-751.
- GRANADA, Miguel Angel. "Il problema astronomico-cosmologico e le Sacre Scritture dopo Copernico: Christoph Rothmann e la *Teoria dell'Acomodazione*". in *Rivista di Storia della Filosofia*. Ano LI, Nuova Serie. 4/1996. pp789-828.
- HALE, J. R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- HOOYKAAS, R. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Tradução de Fernando Dídimo Vieira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- KENNY, A.; KRETZMANN, N.; PIMBORG, J. *The Cambridge history of later medieval philosophy: from the rediscovery of Aristotle to the desintegration of scholasticism 1100 – 1600*. Associate editor Eleonor Stump. Cambridge: University Press, 1982.
- LINDBERG, Charles David., NUMBERS, Ronald. *God and nature: historical essays on the encounter between christianity and science*. California: University of California Press.
- LLORENTE, Miguel de la Pinta. *La Inquisicion Espanhola y los problemas de la cultura y de la intolerancia*. Madri: Ediciones Cultura Hispanica. Tomo II, 1958.
- LUBAC, Henri de. "A propôs de l'allégorie chrétienne". in: *Recherches de Science Religieuse*, 47 (1959).
- MONDOLFO, Rodolfo. *Figuras e idéias da Filosofia da Renascença*. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Editora Mestre Jou. 1967.
- NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. *Sobre uma frase de Galileu*, in *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 9 (1986), pp. 53-59.
- OLIVEIRA, Celia Viderman. *O livro da natureza: Galileu Galilei*. São Paulo: PUC, 1993. (dissertação de mestrado).
- PAGANI, Sérgio M. *Os documentos do processo de Galileu Galilei*. Tradução Antônio Angonese – Petrópolis, RJ: Vozes.
- PÉPIN, Jean. "Helenismo e Cristianismo" in: CHÂTELET, François. *História da filosofia – idéias e doutrinas*. Vol. 2 (A Filosofia Medieval – Do século I ao século XV). Tradução Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 2ª edição. 1983.
- RUSSELL, Bertrand. *A perspectiva científica*. Trad. de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2º edição. 1949.
- *Religion and science*. New York: Henry Hold and Company, 1935.

SUAREZ. Francisco. *Disputaciones Metafísicas*. Tradução Sergio Rábade Romeo, Salvador Caballero Sánchez e Antonio Puigcerver Zanón. Madri: Editorial Gredos, 1960, 7v.

VACANT. A. , MANGENOT, E. “Galilée”. in: *Dictionnaire de Théologie Catholique*. Paris: Letousey, 1915. Vol 6, cols. 1057-1094.

VAZ, Henrique C. de Lima. “Fisionomia do século XIII (fragmentos de um curso)”. in: *KRITERION Revista de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais*. Vol. XIX, nº 66 (1966-72) – *Escritos de Filosofia*, I, cap. I, pp. 11-33.

VIGANO, Mario. “Fede e scienza in Galileo”. in: *La Civiltà Cattolica*. Anno 116, 2 gennaio 1965, Quaderno 2749. Vol I, n.1. pp. 36-44.

———. “Fede e scienza in Galileo”. in: *La Civiltà Cattolica*. Anno 116, 6 febbraio 1965, Quaderno 2751. Vol I, n. 3. pp. 228-239.

———. “Fede e scienza in Galileo”. in: *La Civiltà Cattolica*. Anno 116, 3 aprile 1965, Quaderno 2755. Vol II, n. 7. pp. 35-47.

———. “Fede e scienza in Galileo”. in: *La Civiltà Cattolica*. Anno 116, 5 giugno 1965, Quaderno 2759. Vol II, n. 11. pp. 447-455.

APOLOGIA DE GALILEU
(TOMÁS CAMPANELLA)

AO BENÉVOLO LEITOR

O editor deseja muitas felicidades

Não é sem propósito para nós pequenos humanos, que vivemos como *vermes no queijo*⁵⁰ neste mundo espalhado por todos os lados, examinar as tão importantes discussões sobre sua composição, se estaria este nosso lar e domicílio que chamamos Terra a girar no espaço em torno do Sol junto com os outros globos de seu gênero, ou se estaria o Sol a rodar em torno dela. Somos, para dizer a verdade, desses pequenos animais tão ignorantes que não sabemos quase nada a respeito desse assunto, como um rato sobre o navio que nada saberia responder, caso encontrasse um outro rato seu vizinho a indagar se, estando o mar calmo, estaria o navio – onde eles habitam – a mover-se ou estaria parado no mesmo lugar. Esta investigação é por isso julgada por muitos mais elevada do que o parecer do vulgo, sobretudo, após tantas novidades descobertas nos globos superiores mediante aquele instrumento ótico, que os filósofos Linceus de Roma chamam de telescópio⁵¹. Isto foi, em geral, observado por certos presunçosos, que ambicionam ao nome de filósofo junto ao vulgo e todavia, o seu deliberado assombro não deve ser tal a desaconselhar aos outros uma investigação mais cuidadosa da verdade. Sobretudo buscam impedir esta investigação os teólogos de uma e de outra Confissão com base na autoridade indeclinável da Sagrada

⁵⁰ Segundo Ponzio, tal expressão pode ser encontrada em outros lugares da obra campanelliana. Cfr. *Metaph.*, I, I, c. 5, art. 2, p. 282; *De sensu rerum*, Frankfurt, 1622, I, II, c. 25, p. 152; *Atheismus Triumphatus*, c. 8, p. 81; soneto *Del mondo e sue parti*, in T. Campanella, *Tutte le opere*, L. Firpo. Milão: Mondadori, 1954. p. 16.

⁵¹ Cfr. G. GALILEU, *Opere*, XI, p.420.

Escritura⁵². Quanto a ser isso justo ou não, deve ser discutido escrupulosamente pelos homens que amam a verdade. Já que muitos estudiosos notáveis, antigos e modernos, peritos não menos nos estudos sagrados que nos profanos, à seguida dos antigos Pitagóricos foram, e são ainda, desta opinião, não se deve presumir que eles sejam ímpios ou ignorantes.

Tais questões e muitas outras são discutidas de modo excelente pelo já célebre filósofo, teólogo e monge italiano Tomás Campanella, neste tratado que, benévolo leitor, quisemos difundir. Para que não julgues que apenas ele, entre os italianos da mesma profissão religiosa seja desta opinião, podes acrescentar a célebre e ampla carta do mestre carmelita Paulo Antônio Foscarini ao Geral de sua Ordem, mestre Sebastião Fantoni, sobre a consideração acerca das opiniões dos Pitagóricos e de Copérnico a respeito da mobilidade da Terra e a estabilidade do Sol e o novo sistema pitagórico do universo; carta escrita em italiano e impressa em Nápoles, em 1615, por Lázaro Scoriggio e, caso houvesse uma versão em latim, poderia servir como apêndice deste tratado.

Depois que examinares e avaliares corretamente as razões desses autores, junto também com aquelas que é possível ler nas obras do cardeal Nicolau de Cusa, Nicolau Copérnico, Jorge Joaquim Retico, Miguel Mästlin e Davi Origan, alemães; de Giordano Bruno de Nola, Francisco Patrizi, Galileu Galilei e Redento Baranzano, italianos; de Guilherme Gilbert e Nicolau Hill, ingleses e do nosso compatriota João Kepler, hoje o mais importante, que – para concluir – teve a coragem de sustentar, ainda com um outro estudo, que a maior parte dos filósofos depois do *Mensageiro das Estrelas* de Galileu, *copernicaniza*, não duvido, amigo leitor, que julgarás com maior equidade esta tão hostilizada teoria.

Passa bem, na espera de muitos outros escritos deste autor.

⁵² O autor da carta faz referência tanto à decisão do Concílio de Trento de reforçar a interpretação literal da Sagrada Escritura em detrimento da interpretação escolástica, como da aversão que os teólogos reformadores, a começar por Lutero, tinham dos confrontos com a teoria copernicana que minava a validade e a veracidade das afirmações bíblicas.

Frei Tomás Campanella

Deseja muitas felicidades ao

ILUSTRÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO

SENHOR CARDEAL BONIFACIO CAETANO

PATRONO RESPEITABILÍSSIMO DAS VIRTUDES ITALIANAS

Eis, te envio, Reverendíssimo Senhor, a questão que elaborei por tua ordem, na qual discuto, de acordo com a Sagrada Escritura, acerca do movimento da Terra, da estabilidade da esfera celeste e da doutrina do sistema copernicano. Vê qual é a doutrina justa; qual, também, deves defender ou rejeitar, uma vez que recebeu este encargo do Santo Senado⁵³. Eu submeto o meu juízo não somente à Santa Igreja, mas a qualquer um que seja mais conhecedor, e sobretudo a ti, protetor das musas italianas. Enquanto viveres, essas não morrerão. Por isso, que possas viver eternamente. Assim seja.

⁵³ Trata-se do Conselho dos Cardeais encarregados do Índice e não da Congregação homônima.

APOLOGIA DE GALILEU

Proêmio

Já que há alguns anos estão claras duas questões essenciais para o nosso tempo, a saber, *se é lícito fundar uma nova filosofia e, se é lícito e conveniente rebaixar a escola peripatética e a autoridade dos filósofos pagãos e, no lugar dela, introduzir, nas escolas cristãs, uma nova filosofia de acordo com a doutrina dos santos*⁵⁴, sou agora convidado a tratar de uma outra questão particular por alguns que rejeitam a doutrina filosófica sustentada pelo florentino Galileu, porque parece estabelecer princípios contrários à Sagrada Escritura. Dentro de minhas possibilidades, procurarei cumprir este encargo.

⁵⁴ Cfr. *De gentilismo non ritinendo*, art. 1-2, (*Della necessità di una filosofia cristiana*, R. Amério, Torino: SEI, 1953. p. 3-75).

PERGUNTA-SE PORTANTO:

Se a doutrina filosófica que Galileu sustenta concorda com a Sagrada Escritura ou dela discorda.

Resolverei toda a questão em cinco capítulos. No primeiro, apresentarei os argumentos contrários a Galileu. No segundo, apresentarei os de sua defesa. No terceiro, preestabecerei algumas teses à dupla solução subsequente. No quarto, responderei aos argumentos contrários a Galileu. No quinto, direi qual avaliação se deve fazer dos argumentos em sua defesa.

CAPÍTULO I

ARGUMENTOS CONTRA GALILEU

(1) Em primeiro lugar argüi-se contra Galileu por este motivo: quem procura introduzir novidades que são contrárias à física e à metafísica de Aristóteles, sobre as quais São Tomás e todos os escolásticos fundam a doutrina teológica, parece querer subverter de todo o ensinamento da teologia⁵⁵.

(2) Além disso, ele divulga opiniões que são contrárias a todos os Padres e aos escolásticos. De fato, ensina que a Terra se move, e que ela não está no centro do mundo e que, ao contrário, o Sol e a esfera celeste são imóveis. No entanto, os Padres, os escolásticos e o sentido atestam um ensinamento contrário.

(3) Além disso, contradiz de modo manifesto a Sagrada Escritura. De fato se diz no *Salmo 92* que *fixou a Terra para que não oscile*⁵⁶, e no *Salmo 103*, *Tu estabeleceste a Terra sobre sólidos fundamentos, ela não se moverá nos séculos dos séculos*⁵⁷. E Salomão no capítulo primeiro do *Eclesiastes*, *mas a Terra permanece sempre*⁵⁸.

(4) Além disso, é igualmente evidente no que concerne ao movimento do Sol. Diz-se, de fato, no mesmo lugar do *Eclesiastes*, *a Terra permanece sempre, o Sol nasce e o Sol se põe*,

⁵⁵ Cfr. *Della necessità di una filosofia cristiana*, art. 2, p.23.

⁵⁶ *SL*, 92,5.

⁵⁷ *SL*, 103,5.

⁵⁸ *Ecl.*, 1,4.

*apressa-se para o lugar de onde ressurgirá, o vento sopra no meio dia e depois venta para o norte; gira e torna a girar, e sobre os seus giros o vento retorna*⁵⁹.

(5) Além disso, no capítulo décimo do livro de Josué, sustenta-se como um milagre estupendo o fato de que Josué, com a sua palavra, parou o movimento do Sol. *Sol – disse – para no Gabaon, e tu Lua, sobre o vale de Aialon. O Sol parou no meio do céu e não se pôs pelo espaço de um dia*⁶⁰. A mesma narrativa é repetida no capítulo 46 do *Siracida*⁶¹.

(6) Além disso no capítulo 38 de Isaías, Deus manifesta a Ezequias, como sinal de que recuperará a saúde, o prodígio no relógio solar de Acaz: *E o sol retrocedeu em dez graus sobre a escala que havia já descido*⁶². A respeito desse prodígio Ezequias foi interrogado pelo Rei dos Caldeus, que estudioso de astronomia, deu-se conta desse retrocesso do Sol, como se pode ler no capítulo 32 do livro II dos *Paralipômenos*⁶³. Portanto, se Deus não tivesse verdadeiramente parado o movimento do Sol, não seria um verdadeiro milagre. Portanto, seria falsa a Escritura que narra como verdadeiros estes dois episódios.

(7) Além disso, na Sagrada Escritura, parecemos admirados ao vermos os movimentos do céu estrelado. De fato, se diz no Cântico de Débora (*Juizes*, capítulo quinto): *As estrelas do céu deram batalha, das suas órbitas combateram contra Sísara*⁶⁴. Portanto, as estrelas têm um movimento e, como elas, também o céu no qual estão como nós numa tábua. Ainda, o apóstolo Judas fala de *estrelas errantes*⁶⁵. Portanto as estrelas se movem. Ainda no capítulo quarto do livro III de Esdras: *Grande é a Terra, e excelso é o céu; e o curso veloz do Sol percorre o giro do céu na sua órbita, em um só dia*⁶⁶. Portanto Galileu, tornando imóvel o céu estrelado, contradiz abertamente a Escritura de Deus.

⁵⁹ *Ecl.*, 1,4-6.

⁶⁰ *Js.*, 10, 12-13.

⁶¹ *Sr.*, 46,5.

⁶² *Is.*, 38,8.

⁶³ *II Par.*, 32,24.

⁶⁴ *Jz.*, 5,20.

⁶⁵ *Jd.*, 1,13.

⁶⁶ *III Esd.*, 3,34.

(8) Além disso, Galileu supõe a existência de água na Lua e nos planetas⁶⁷; isto é falso, pois esses são de natureza incorruptível, como testemunham os escolásticos e Aristóteles e a perenidade e a imutabilidade do céu por todos os séculos. Supõe também a presença de montes e terra sobre a lua, e coloca terras também nos outros planetas⁶⁸. Isso parece envilecer muito a morada dos anjos e viola as nossas esperanças que temos postas nos céus.

(9) Além disso, da opinião de Galileu segue-se que muitos são os mundos, as terras e os mares, como sustenta Maomé; e que neles habitam homens, como se houvesse os quatro elementos nas estrelas como no nosso mundo. Se de fato toda estrela se compusesse dos quatro elementos completos, toda estrela seria certamente um mundo. Mas, uma vez que na Escritura se fala de um só mundo e de um só gênero humano, parece claro que esta seja uma opinião contrária à Escritura. Omito a opinião que seria herética, de acordo com a qual Cristo teria morrido também nas outras estrelas por outros homens, assim como alguns pensam que Cristo teria sido outrora crucificado uma segunda vez no outro hemisfério, para salvar os homens que aí habitavam, assim como o fez por aqueles que habitam no nosso hemisfério. Seria lícito neste ponto sustentar com o herético Paracelso que há outros homens, participantes da beatitude, no ar, na água e sob a Terra, dos quais não se sabe se gozam eles da redenção. Contra Paracelso escreveu o jesuíta Martinho do Rio nas *Disquisições mágicas*⁶⁹.

(10) Além disso, não parece que se possa discutir dessas coisas sem um enorme escândalo. De fato, nas escolas já é aceita a doutrina a respeito do céu e da Terra, conforme a teologia, isto é, aquela ensinada pelos escolásticos. Portanto, qualquer um que tenha outro ensinamento, parece querer criar uma nova via com o intento de destruir a teologia escolástica e de estabelecer-se acima dos outros.

⁶⁷ Cfr. G. GALILEI, *Sidereus Nuncius*, in *Opere*, III, p. 65.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 62-65.

⁶⁹ M. DEL RIO, *Disquisitionum magicarum*, libri sex, officina Gerardo Rivio, Lovanio 1599-1600, vol. III, 1. VI, c.2. sect 1, p. 174-176.

(11) Além disso, nas Escrituras, somos advertidos: *não procures o que está acima de ti*⁷⁰, e, *não queiras ser mais sábio do que convém*⁷¹; e, *não ultrapasses os limites que estabeleceram os teus pais*⁷²; e *quem se fizer investigador de Deus, ficará sob o peso de sua glória*⁷³. Galileu parece ter feito o contrário submetendo ao seu engenho os corpos celestes e construindo, segundo o seu arbítrio, toda a arquitetura do mundo. Catão, mais retamente, aconselhou: *não indagues os mistérios de Deus e a natureza do céu; porque és mortal, cuida do que é mortal*⁷⁴.

⁷⁰ *Sr.*, 3,22.

⁷¹ *Rm.*, 12,3.

⁷² *Pr.*, 22,28.

⁷³ *Pr.*, 25,27.

⁷⁴ PSEUDO-CATÃO, *Disticha*, II, 2.

CAPÍTULO II

ARGUMENTOS A FAVOR DE GALILEU

(1) Mas, ao contrário, opõe-se aos argumentos anteriores, a favor de Galileu, a autoridade dos teólogos que decidiram a publicação dos livros de Nicolau Copérnico sobre os movimentos dos astros segundo as observações feitas por ele desde 1525⁷⁵, porque não continham nada de contrário à fé católica. Nesses livros discute-se sobre o movimento da Terra e a estabilidade do firmamento, isto é, do céu estrelado, e sobre a estabilidade do Sol no centro do nosso mundo. Galileu não mostra nada de novo, senão, alguns sistemas ainda não conhecidos. Portanto, se os livros de Copérnico não prejudicam a fé católica, nem também Galileu a prejudicará.

(2) Igualmente, o Papa Paulo III Farnese, a quem Copérnico dedicou aqueles livros, e alguns cardeais (que, antes de sua publicação, muito fizeram a fim de que fossem transcritos, como resulta da carta que serve de proêmio) aprovaram aquele tratado. No tempo de Paulo III floriram na Igreja engenhos brilhantíssimos, quando aquele pontífice de alma, virtude e sangue nobilíssimos, depois de chamá-los a si, os cobria de dignidade e os protegia. Por isso seria um tanto estranho se aqueles engenhos tivessem sido cegos como topeiras frente a Copérnico, e que os nossos

⁷⁵ N. COPÉRNICO, *De revolutionibus orbium caelestium*, l. III, c.2, in *Opere scelte*, F. Barone, UTET, Torino, 1979, p. 371ss.

contemporâneos, não tão famosos, tivessem, no que diz respeito a Galileu, fundamentados sobre observações mais certas, um olhar mais agudo do que o de Argo.

(3) Igualmente, depois de Copérnico escreveram, sustentando a mesma doutrina, Erasmo Reinhold, João Stadius, Miguel Mästlin, Cristovão Rothmann e muitos outros. Até mesmo, os matemáticos contemporâneos duvidam de poder redigir efemérides exatas, sem ter conta dos cálculos de Copérnico, e de poder falar corretamente dos movimentos celestes, sem alterar os mais certos princípios matemáticos, que são convalidados pelo testemunho do sentido e de todos os povos, senão sobre a base das teses de Copérnico. Estas não são de todo novas: antes dele, Domingos Maria de Ferrara⁷⁶, pela observação de novas aparências, afirmou que se deveria compor uma nova astronomia que foi depois elaborada por Copérnico, seu discípulo.

(4) Igualmente, o doutíssimo cardeal Cusano abraçou esta doutrina e reconheceu no firmamento estrelado outros sóis e outros planetas que giram ao redor dos primeiros⁷⁷. Um certo Nolano e outros, que não é permitido mencionar por serem heréticos, sustentam esta doutrina. Mas nisto não foram condenados como hereges; nem aos Católicos foi proibido editar livros a esse respeito. Entre os quais resplandece João Kepler, matemático do Imperador romano, que na sua *Dissertação sobre o Mensageiro das Estrelas*⁷⁸ de Galileu sustenta esta doutrina, e o habilíssimo inglês Guilherme Gilbert, no livro sobre filosofia magnética, e muitíssimos outros ingleses dos quais omito o nome. Igualmente, João Antônio Magini, matemático Paduano, que do ano de 1581 até o corrente de 1616 manifesta abertamente nas suas *Efemérides* seguir o cálculo de Copérnico e de Reinhold, sustenta as posições destes e, em numerosas cartas, critica quem é de opinião diversa.

(5) Igualmente, o jesuíta reverendo padre Clávio, na última edição das suas obras, tendo observado que Mercúrio e Vênus giram em torno do Sol, embora no passado, de acordo com os

⁷⁶ No texto latino se lê Franciscus Maria Ferrariensis.

⁷⁷ N. CUSANO, *De ludo globi*, in *Opere filosofiche*, aos cuidados de G. Federici Vescovini, UTET, Torino, 1972, pp. 857-928.

⁷⁸ A *Dissertatio cum Nuncio Sidereo*, escrita logo após a leitura da obra galileana manifesta, sem dúvida, a estima que o estudioso, naquele tempo já muito considerado, tinha pelo matemático pisano. O motivo de sua redação não se apresenta totalmente certo. Galileu teria enviado a Juliano de Médici uma cópia do *Sidereus Nuncius* para que o entregasse a Kepler, esperando, deste, um parecer. Mas a carta do embaixador florentino parece oferecer uma hipótese diversa, isto é, que a

seguidores de Aristóteles, tivesse sustentado o contrário, sugere aos astrônomos a construção de um outro sistema dos céus. Considerando tal advertência, um matemático contemporâneo, que se denomina Apelles⁷⁹, nas suas observações sobre as manchas solares, comunga da doutrina de Galileu e Copérnico⁸⁰.

(6) Além disso, demonstrarei afinal que esta doutrina de Galileu sobre o movimento da Terra, sobre a estabilidade e centralidade do Sol, sobre os sistemas siderais, sobre as águas e sobre os elementos destes é antiquíssima, tem até mesmo origem no próprio Moisés. Mostrarei também que Pitágoras, de origem judaica, embora nascido numa cidade grega, como testemunha Santo Ambrósio⁸¹, difundiu essa mesma doutrina na Itália e na Grécia, e a ensinou em Crotona na Calábria, e que foi contradita por Aristóteles com razões inconsistentes⁸², sem demonstração matemática, mas com uma conjectura moral grosseira, do mesmo modo como havia desprezado os livros de Moisés, uma vez que não pôde entender mediante sua lógica a profundidade, as recônditas razões e os mistérios desses livros. Isto se extrai dos escritos de Santo Ambrósio e Pico della Mirandola⁸³. Demonstrarei que Galileu defende nossos antigos da ofensa dos gregos. Que a mesma doutrina fosse sustentada por Numa Pompilio, discípulo de Pitágoras e sapientíssimo rei dos romanos, é testemunhado não só por Ovídio⁸⁴, mas também por numerosos outros historiadores, se bem que alguns o neguem. Plínio diz a verdade quando conta que Pitágoras foi considerado por decreto do senado romano o mais sábio entre os filósofos⁸⁵, quando lhe elevaram uma estátua (uma vez que o oráculo de Delfos tinha ordenado dedicar e erguer uma estátua ao mais sábio dos Gregos). Portanto, parece que fazem injúria à Itália, a Moisés e a Roma aqueles que hostilizam a maneira de

cópia era para o embaixador e que este teria enviado a Kepler requerendo um parecer. Cfr.: E. PASOLI, *Introduzione*, a J. KEPLER, *Dissertatio cum Nuncio Sidereo*, E. Pasoli e G. Tabarroni. Torini: Bottega D'Erasmus. 1972, p. XXII-XXV.

⁷⁹ Trata-se do pseudônimo do astrônomo jesuíta Cristovão Scheiner usado por ocasião da publicação do *De maculis solaribus et stellis circa Iovem errantibus, accuratior disquisitio, ad Marcum Valserum*.

⁸⁰ Estas manchas são *luminosidades difusas que se avistam no disco solar e não são derradeiras, mas se dissolvem e se dissipam, nascendo aí outras*, cfr. *Theol.*, I, III, *Cosmologia*, c. IV, a. 1, p. 114.

⁸¹ AMBRÓSIO, *Hexaëmeron*, I, c. 1, n. 3 (PL 14, 135).

⁸² ARISTÓTELES, *De caelo*, II, 13, 293a.-b.

⁸³ G. PICO DELLA MIRANDOLA, *Heptaplus de Dei creatoris sex dierum opere Geneseos*, in *Opera Omnia*, Basilea 1622, t. I, p. 8.

⁸⁴ OVÍDIO, *Ex Ponto*, III, 3, 44.

⁸⁵ PLÍNIO, O ANTIGO, *Naturalis Historiae*, XXXIV, 12, 1.

filosofar e os ensinamentos de Galileu, e antepõem aos pitagóricos os aristotélicos, agora que resplandece a verdade sepultada. Os nossos pais, ao contrário, não cometeram um tão grave erro uma vez que a nova terra, os sistemas celestes e os novos fenômenos não haviam ainda sido descobertos e nem se colocava o problema da concordância da Escritura com uma filosofia deste tipo.

(7) Também, visto que os teólogos desde o tempo de Casella e de Domingos Maria de Ferrara até nós não só não condenaram esta nova astronomia, mas até mesmo decretaram sua publicação, e eles não são julgados inferiores aos contemporâneos, parece que os opositores de Galileu se insurgiram por inveja ou por ignorância, antes que por zelo pela doutrina de Cristo.

(8) Igualmente, na Sagrada Escritura chama-se o céu sideral de *Firmamento*, posto que é imóvel. Portanto, a Terra se move e o Sol é o centro. De fato, deste modo, são salvos todos os fenômenos e os princípios dos matemáticos, como demonstra Copérnico e os seus seguidores: até mesmo os próprios seguidores de Ptolomeu o confessam.

(9) Igualmente, as manchas solares, as novas estrelas no céu sideral e os cometas acima da Lua indicam claramente que os astros são sistemas.

(10) Igualmente, demonstraremos em pouco, através de argumentos tomados dos santos Doutores, que o texto de Moisés não pode ser explicado de maneira suficientemente correta se os astros não são sistemas.

(11) Igualmente, São Justino nas *Questões aos ortodoxos*⁸⁶, mostra como há oposição entre cristãos e pagãos acerca da figura do céu: estes últimos afirmam que o céu é esférico e móvel, enquanto os cristãos afirmam que é feito na forma de abóbada e é imóvel. Outros doutores chamam o céu de firmamento porque é imóvel.

⁸⁶ PSEUDO-JUSTINO, *Responsiones ad orthodoxos*, q. CXXX (PG 6, 1379-1382).

CAPÍTULO III

PREESTABELECEM-SE TRÊS TESES À DUPLA SOLUÇÃO QUE SE SEGUIRÁ

Aos argumentos propostos por ambas as partes, segundo o parecer dos teólogos antigos e modernos, a favor e contra Galileu, responderei depois de ter aqui estabelecido preliminarmente alguns sólidos e indiscutíveis fundamentos ou teses conforme a doutrina dos santos, os decretos da natureza e o consenso de todos os povos.

PRIMEIRA TESE

Quaisquer que queiram colocar-se como juizes de uma questão que diga respeito à religião ou a uma parte dela, devem ter zelo de Deus e ciência, como ensina São Bernardo na *Apologia*⁸⁷, baseado sobre quanto está escrito pelo Apóstolo no capítulo décimo da *Carta aos Romanos*⁸⁸.

Demonstra-se a primeira parte desta proposição copulativa. De fato, aqueles que possuem ciência sem ter zelo de Deus, bajulam os homens que prevalecem nos tribunais e nas escolas; e por esse motivo não têm coragem de indicar a verdade, como se diz no capítulo 12 do *Evangelho de João: Muitos entre os notáveis creram em Jesus; mas, por causa dos Fariseus, não o declaravam para não serem afastados da sinagoga; de fato preferiram mais a glória humana à de*

⁸⁷ BERNARDO, *Apologia ad Guillelmum Abatem*, c. 1, nn. 1-3 (PL 182, 898-899).

⁸⁸ *Rm.*, 10,2.

*Deus*⁸⁹. Igualmente, o Apóstolo condena os filósofos que, embora conhecendo a Deus, todavia não o honravam como tal, mas ofereciam sacrifícios a falsos deuses⁹⁰, posto que – como narram Platão na *Apologia de Sócrates*, Xenofonte, Cícero, Plínio e outros – temiam ser acusados de heresia diante do Senado; e muitos deles eram mortos como ímpios. Outros, ao contrário, visto que pela convicção presente no vulgo, tiram vantagem em dinheiro e honras, defendem esta opinião a fim de que pareçam interessados no bem público, e não combatem ou sofrem pela verdade e pela justiça, mas pela sua vangloria e o seu ventre e, deixando de pronunciar seu juízo, aprovam a acusação dos outros, como diz o Papa Leão a propósito de Pilatos⁹¹ e como diz o Apóstolo: *trocaram a verdade de Deus pela falácia*⁹² e influenciam tanto a si mesmos a ponto de parecer verdadeira a opinião que ora defendem com palavras, que antes negavam com o coração. Assim se produz a perdição das almas, como diz Tito Lívio e afirmamos no *Antimaquiavelismo*⁹³.

Demonstra-se a segunda parte da proposição copulativa. Aqueles que possuem zelo por Deus e não ciência, embora possam ser muito santos, se não receberam uma clara revelação de Deus, não podem julgar a respeito de tal questão. Donde o Apóstolo na *Carta aos Romanos* dá testemunho aos Judeus de terem perseguido os Cristãos, *por zelo de Deus, mas não segundo a ciência*⁹⁴. E o atesta também a respeito de si mesmo, pois também acreditava prestar homenagem a Deus. Embora fosse versado e erudito seja na lei, na escola de Gamaliel⁹⁵, seja nas ciências profanas, todavia diz: *o fiz por ignorância e na minha incredulidade*⁹⁶, uma vez que não havia examinado, como deveria, a fé cristã de todos os pontos de vista. Além disso, Lactâncio Firmiano⁹⁷ e Santo Agostinho⁹⁸, embora sendo santos e instruídos, negavam a existência dos antípodas, movidos por zelo de Deus e da Sagrada Escritura, como resulta evidente dos argumentos que

⁸⁹ *Jo.*, 12, 42-43.

⁹⁰ *Rm.*, 1, 21.

⁹¹ LEÃO MAGNO, *Sermo LIX: De passione Domini VIII, feria quarta habitus*, c. 2-3 (PL 54, 338-339).

⁹² *Rm.*, 1, 25.

⁹³ *Atheismus Triumphatus*, c. 1, p. 3.

⁹⁴ *Rm.*, 10, 2.

⁹⁵ *At.*, 22, 3-4.

⁹⁶ *I Tm.*, 1, 13.

⁹⁷ LACTÂNCIO, *Divinae Institutiones*, 1. III, c. 24 (PL 6 426).

⁹⁸ AGOSTINHO, *De civitate Dei*, 1. XVI, c. 9 (PL 41, 487-488).

aduzem a esse respeito, seja porque aqueles homens não teriam origem em Adão, o que é contra a Escritura, seja porque seria impossível que algum dos nossos emigrasse até lá através do Oceano impenetrável. Outros acrescentam estes argumentos: porque Cristo teria sido crucificado duas vezes, aqui e lá; porque a Escritura diria que o céu é extenso como uma abóbada, cuja base seria a terra (diz Justino), tendo sobre ela água e sobre esta, o céu imóvel. Todavia, já vimos que todas essas explicações, produtos da falta de matemática e de cosmografia, são falsas e por causa delas foi também distorcida a Escritura. Como se reconhece falsa a asserção de São Tomás segundo a qual não existiriam homens abaixo do equador⁹⁹ e isto pela própria ignorância da física e da geografia e por seu zelo por Aristóteles¹⁰⁰ no qual quis acreditar mais que nas explicações de Alberto Magno¹⁰¹ e de Avicena. Dessa maneira, pelo mesmo zelo pela Escritura, Santo Efrém, Atanásio Sinaíta e Moisés, bispos da Síria, colocaram o paraíso terrestre no outro hemisfério: dizem, de fato, que apenas em um espaço tão grande poderiam estar aqueles quatro rios do paraíso e as tantas e tão grandes árvores. Contudo, também estes não se enganaram menos, como aparece pelo testemunho dos navegadores. Portanto, afirmamos corretamente que sem ciência nem mesmo um santo pode julgar corretamente. Por isso, São Tomás, no capítulo 11, do opúsculo *Contra aqueles que combatem as ordens religiosas*¹⁰², porque se dedicam à filosofia, cita a este propósito uma glosa a Daniel, que diz: *se alguém, ignorando a matemática, escrevesse contra os matemáticos, ou não sendo um perito em filosofia, contra os filósofos, quem não zombaria disso mesmo que, ao zombar, pudesse incorrer também ele na zombaria?* Diz o poeta cômico, a propósito de um tal juiz: *ó deuses imortais, nada mais injusto que um ignorante, que não reconhece nada de correto senão aquilo que lhe agrada*¹⁰³.

⁹⁹ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 102, art. 2-4 (ST 2, 331; L 5, 449-451).

¹⁰⁰ ARISTÓTELES, *Meteorologica*, II, 5, 362b.

¹⁰¹ ALBERTO MAGNO, *De natura locorum*, tract. I. c. 6-10.

¹⁰² TOMÁS DE AQUINO, *Contra impugnantes Dei cultum, et religionem*, ps. 3, c. 4 (ST 3, 549-550; L 41, A 131-134).

¹⁰³ TERÊNCIO, *Adelphoe*, atto I, sc. 2, 98-99

SEGUNDA TESE

Seis são as asserções que deve ter presente, quem deve enfrentar tais questões, para poder julgar com retidão.

Em primeiro lugar, que a filosofia das coisas celestes [astronomia] e das coisas inferiores [física] é necessária ao teólogo especulativo que queira discutir contra os seguidores de alguma escola.

Em segundo lugar, que a ciência acerca dos céus não está, ainda, acabada pelos filósofos.

Em terceiro lugar, que nem o santo Moisés, nem o Senhor Jesus nos revelaram a física e a astronomia, mas *Deus entregou o mundo à indagação dos homens*¹⁰⁴ [...] *a fim de que o seu intelecto contemplates, através das coisas criadas, os mistérios de Deus*¹⁰⁵. Eles, ao invés, ensinaram a viver bem e as doutrinas sobrenaturais, para as quais não era suficiente a nossa natureza.

Em quarto lugar, que quem proíbe aos cristãos o estudo da filosofia e da ciência, proíbe-lhes também serem cristãos; e que apenas a doutrina cristã recomenda aos seus seguidores todas as ciências, posto que não teme que possa ser falsa.

Em quinto lugar, que quem combate, como se fosse legitimado pela doutrina da fé cristã, os filósofos que demonstram através da razão e de experimentos as suas doutrinas, quando estas não

¹⁰⁴ *Ecl.*, 3, 11.

são expressamente contrárias às Sagradas Escrituras, nas passagens cuja explicação não fosse possível através de outros contextos, este se comporta danosamente para consigo, impiamente para com a fé e de modo ridículo para com os outros. Ainda, pior faz aquele que adapta o sentido da Escritura a um único filósofo a ponto de tornar inverossímeis os outros.

Em sexto lugar, que nem toda asserção falsa pode contradizer a Sagrada Escritura a ponto de ser tomada por herética pela Igreja militante, como talvez poderia ser naquela triunfante, a não ser que subverta imediatamente ou por conseqüência o sentido da Escritura; que, se os teólogos aceitaram doutrinas, ao menos em aparência, igualmente ou mais contrárias às Escrituras divinas, não se deveria condenar ou impedir uma ulterior indagação de quem busca descobrir se este é o caso de algumas doutrinas alegadas com o intento de mostrar a verdade e não para combater a fé.

Não será difícil demonstrar aqui, pelo que diz respeito à presente questão, estas seis asserções, que já demonstramos na *Teologia*¹⁰⁶.

¹⁰⁵ *Rm.*, 1,20.

¹⁰⁶ *Theol.*, 1. I, praefatium (*Dio e la predestinazione*, R. Amerio, Vallecchi, Firenze 1949, pp. 2-15).

PROVA DA PRIMEIRA ASSERÇÃO

Embora ao cristão seja suficiente conhecer aquilo que deve crer para conseguir a salvação eterna, como ensina São Tomás (IIa IIae, q. 8 e 9)¹⁰⁷ e com ele todos os teólogos, isto não é suficiente ao teólogo que tem o encargo de *exortar os outros na doutrina sã e de convencer os adversários*, como sustenta o Apóstolo¹⁰⁸, e com ele todos os Padres. Uma vez que, de fato, o teólogo deve examinar todas as coisas de acordo com a causa primeira, que é Deus, e não apenas de acordo com as causas inferiores, assim como fazem os outros artesãos e doutos, é preciso que conheça todas as ciências, para conhecer o próprio Deus, que é seu principal objeto, e todas as suas obras, de tal modo que no caso em que uma dada ciência, tratando de Deus e de suas obras segundo critérios humanos, contradisser a ciência divina, ele possa combatê-la rebatendo-lhe os argumentos. De fato, o verdadeiro não contradiz o verdadeiro e nem mesmo o efeito a causa: por isso nem mesmo a ciência humana contradiz a divina, nem as obras de Deus a Deus, como foi advertido pelo Concílio de Latrão sob Leão X¹⁰⁹. Pelo que, São Tomás, no opúsculo *Contra aqueles que combatem as ordens religiosas*, pelo fato de que os frades se dedicavam à ciência e à eloquência profana, demonstra que estão cegos e não vêem quanto as ciências são necessárias ao teólogo e não somente

¹⁰⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Suma de Teologia*, IIa-IIae, q. 8, art. 1 (ST 2, 368; L 8, 66-67); q. 9 art.1 e 4 (ST 2, 368-369; L 8, 74; 76-77).

¹⁰⁸ *Ti.*, 1, 9.

¹⁰⁹ Cf. *Concilium Lateranense V*, sessão VIII (19 de dezembro 1513).

úteis. Por isso a teologia, embora não necessite, pelo que lhe diz respeito, de provas tiradas da ciência humana, destas tem necessidade, pelo que nos diz respeito, para que possamos nos robustecer e entender o que é sobrenatural a partir do sensível e natural. Isto é provado pelo testemunho de Agostinho, Jerônimo, Dionísio e outros Padres, os quais ensinaram o que se deveria fazer e o fizeram eles mesmos. Diz Jerônimo, na *Carta a Magno*¹¹⁰: *de modo que não sabes o que deves admirar em primeiro lugar: a erudição profana ou a ciência bíblica*; acrescenta que por essas razões o apóstolo Paulo tinha lido os poetas e os filósofos, que até citava freqüentemente. Gregório, na *Morais*, explicando o texto de Jó *que criou a Ursa e Órion*¹¹¹ diz que isto foi tirado da doutrina dos astrônomos profanos¹¹². A mesma doutrina provam os Padres e São Tomás (p. I. q. 1)¹¹³ a partir da frase de Salomão: *a sabedoria, isto é, a teologia chamou à cidadela as servas*¹¹⁴, isto é, as ciências. Até mesmo é claro que todo o gênero humano, não este ou aquele indivíduo, é obrigado a dedicar-se às ciências. De fato, Deus criou o homem a fim de que o conhecesse, e conhecendo-o, o amasse, e amando-o, dele gozasse; por essa razão, o homem foi criado dotado de sentidos e de razão. Ao contrário, se é verdade que a razão é feita para as ciências, se o homem não utilizar este dom de Deus segundo o projeto divino, agiria contra a ordem natural de Deus – como costuma observar Crisóstomo – como se não quisesse utilizar os pés para caminhar. Por isso Aristóteles diz: *todos os homens desejam por natureza conhecer*¹¹⁵. E Moisés no capítulo primeiro do *Gênesis*: *Deus colocou o homem no paraíso, a fim de que o cultivasse e o guardasse*¹¹⁶. Mas não se tratava de um trabalho manual, ou de guardar os animais, posto que ele vivia então, sem esforço, de tudo aquilo que nascia espontaneamente e todos os animais o obedeciam; tratava-se, pelo contrário, de um trabalho de indagar sobre as coisas, e de uma observação das realidades celestes e naturais, trabalho que provinha da admiração, afim de que, de toda coisa pudesse remontar à causa primeira,

¹¹⁰ JERÔNIMO, *Epíst. LXX: ad Magnum, oratorem urbis Romae*, n. 4 (PL 22, 667).

¹¹¹ Jó, 9, 9.

¹¹² GREGÓRIO MAGNO, *Moralium libri, sive expositio in librum B. Job*, l. IX, c. 11. N. 12 (PL 75, 865-866).

¹¹³ TOMÁS DE AQUINO, *Suma de teologia*, I, q. 1 (ST 2, 184-187; L 4, 6-26).

¹¹⁴ *Pr.*, 9, 3.

¹¹⁵ ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 1, 980a.

¹¹⁶ *Gn.*, 2, 15.

posto que estava vinculado a adorar a Deus (coisa que sem um prévio conhecimento não pode ser feita *posto que*, como testemunha o Apóstolo, *os mistérios invisíveis de Deus se contemplam mediante as coisas criadas*¹¹⁷). Não obstante o fato de que todas as ciências tivessem sido infundidas em Adão, não tinha ele a ciência experimental. Este preceito lhe foi dado, não enquanto pessoa, mas por ser cabeça do gênero humano e, portanto, também a nós que dele descendemos, como dão testemunho os Padres. Assim diz Davi: *buscai a Deus e vossa alma viverá*¹¹⁸; ora, não pode ser buscado por nós senão nas coisas naturais, criadas por ele, assim como se busca a causa no efeito. Diz em outro lugar: *Admiráveis são as tuas obras, por isso a minha alma as investigou*¹¹⁹. Salomão declara, ainda, que embora dotado de ciência infusa, indagou deliberadamente sobre tudo o que está sob o Sol¹²⁰; no capítulo sétimo da *Sabedoria* revela conhecer todas as coisas naturais, matemáticas, astronômicas e lógicas¹²¹; no *III Livro dos Reis* se diz que ele disputou sobre todas as realidades físicas e que escreveu, como querem outros, sobre as ervas, as aves, as pedras e os peixes¹²². Por isso o mundo era chamado desde o início de *Sabedoria de Deus* (como foi revelado a Santa Brígida), e *livro*, a fim de que todos pudéssemos lê-lo. Por isso, São Leão, no *Sermão VII, sobre o jejum do décimo mês*, diz: *por esses mesmos elementos do mundo, como se fossem páginas abertas, nós compreendemos o significado da vontade divina*¹²³. No *Sermão VIII*¹²⁴ demonstra o mesmo pelo fato de que *os céus narram a glória de Deus etc., e os mistérios invisíveis de Deus por meio das coisas criadas, etc.* De certo, como diz Cirilo no livro I *Contra Juliano: a filosofia é um catecismo para a fé*¹²⁵; aquele que a despreza opõe-se à fé. Por isso Bernardo, no sermão, *Escutarei isto que o Senhor fala em mim*, escreve que o mundo é o códice de Deus no qual devemos

¹¹⁷ *Rm.*, 1, 20.

¹¹⁸ *SL.*, 68,33.

¹¹⁹ *SL.*, 118, 129.

¹²⁰ *Ecl.*, 1, 13.

¹²¹ *Sb.*, 7, 16-21.

¹²² *3Rs.*, 4, 33.

¹²³ LEÃO MAGNO, *Sermo VIII, De ieiunis decimi mensis VII*, c. 3 (PL 54, 185).

¹²⁴ LEÃO MAGNO, *Sermo VIII, De ieiunis decimi mensis VIII*, c. 2 (PL 54, 186).

¹²⁵ CIRILO DE ALEXANDRIA, *Contra Iulianum*, livri X, (PG 76, 510-1050).

continuamente ler¹²⁶. O mesmo diz Santo Antão – como testemunha Nicéforo¹²⁷ – e Crisóstomo comentando o versículo do *Salmo 147*: *não fez assim a nenhuma nação*¹²⁸, a fim de que ninguém possa sentir-se justificado pelo fato de não ter recebido a lei. De fato: *seu som se difundiu por toda a Terra*¹²⁹.

COROLÁRIO: Posto que o que é mais admirável e excelente representa melhor a Deus, seu criador, isto, exatamente por esse motivo, deve ser indagado com maior empenho; também porque por esse empenho demonstra-se a divindade da alma humana. Tais são os céus, as estrelas e os maiores sistemas do universo. Por isso Anaxágoras disse que o homem foi feito para contemplar o céu¹³⁰. Ovídio¹³¹ é amplamente louvado por todos os teólogos, de modo particular por Lactâncio¹³², pela seguinte frase que fala de Deus: *Enquanto os outros animais olham voltados para a terra, deu aos homens uma postura ereta, e os ordenou olhar o céu, e elevar os olhos para olhar as estrelas*.

Davi, também, dando a razão disso, canta no *Salmo 18*: *os céus narram a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos*¹³³. No Salmo oitavo: *Porque verei os teus céus, obra das tuas mãos, a Lua e as estrelas, que ali fundaste*¹³⁴. Também Platão no *Epínomis* e no *Axióco* (supondo-se que este não seja de Xenofonte), do conhecimento das realidades celestes, como as estrelas, os equinócios, os eclipses e similares infere a imortalidade da alma, a dignidade do homem e a sua assimilação com Deus; o mesmo dissemos nós no *Antimaquiavelismo*¹³⁵. Ovídio o confirma, dizendo aos astrônomos: *Felizes as almas daqueles que se esforçam em conhecer estas coisas, e em*

¹²⁶ BERNARDO, *Sermones de diversis*, IX: *De verbis Apostoli ad Rom. 1, 20 "Invisibilita Dei a creatura mundi" etc. et de verbis psalmi 84, 9 "audiam quid loquatur in me Dominus Deus" etc.*, (PL 183, 565).

¹²⁷ NICÉFORO, *Refutatio et eversio deliramentorum*, I, nn. 1-7 (PG 100, 206-215).

¹²⁸ J. CRISÓSTOMO, *Expositio in Psalmos*, Ps. CXLVII, n. 3 (PG 55, 482).

¹²⁹ SL., 18, 5.

¹³⁰ Cfr. ARISTÓTELES, *Ethica Eudemia*, I, 5, 1216a.

¹³¹ OVÍDIO, *Metamorphosi*, I, 84-86.

¹³² LACTÂNCIO, *Divinae Institutiones*, I, c. 5 (PL 6, 132-133).

¹³³ SL., 18, 1.

¹³⁴ SL., 8, 4.

¹³⁵ *Atheismus Triumphatus*, c. 7, pp. 60-62.

*ascender à suprema esfera; eles aproximaram os astros dos nossos olhos, e submeteram o espaço etéreo ao seu engenho*¹³⁶.

Estes elogios, como declaramos em outra parte, convêm principalmente, antes de todos, a Galileu. Omito aquilo que dizem Josefo e Filo acerca das ciências físicas e astronômicas, e aquilo que a respeito disso Berósio observa tratando de Noé e de Abraão; e que o Patriarca Jacó, pelo seu conhecimento da física, libertou-se da avareza de Labão e se fez rico, como atesta a Sagrada Escritura¹³⁷; e que, mediante as ciências, os antigos patriarcas levaram uma vida mais longa. Do mesmo modo, Deus colocou os sinais de seu primeiro advento no céu e na Terra. Diz-se em *Ageu*: *ainda um pouco e moverei o céu e a Terra, e virá o Desejado de todas as nações*¹³⁸. Nós mesmos, demonstramos nos *Artigos Proféticos* que assim sucedeu¹³⁹, com base nas modificações dos excêntricos, dos equinócios, das obliquidades e dos apogeus que então começaram a verificar-se e que foram finalmente descobertas. O *Evangelho de Lucas*, capítulo 21¹⁴⁰, é claro a respeito dos sinais do futuro advento *no Sol, na Lua e nas estrelas*. Posto que os astrônomos antigos subtraíram estes sinais à sua verdadeira causa, como havia profetizado o apóstolo Pedro, a saber que *homens zombadores, que vivem segundo os próprios desejos, dirão nos últimos dias* (junto com os aristotélicos e com os maquiavelistas) *Onde está a promessa ou o seu advento? Desde que, de fato, os nossos pais adormeceram, tudo permanece como era no princípio da criação*¹⁴¹. Eu, contra estes, mostro que tudo não permanece como o foi no início, mas que estão presentes *sinais no Sol, na Lua e nas estrelas*. Os mesmos sinais que São Gregório, no comentário ao capítulo 21 do *Evangelho de Lucas*¹⁴², demonstrou, por argumento físico tirado da mudança das coisas terrestres, estarem exatamente próximos. Portanto aqueles que impedem a vigilância sobre as mutações e as verdades celestes, querem que *o dia de Deus nos surpreenda como um ladrão na noite*, assim como fará com

¹³⁶ OVÍDIO, *Fasti*, I, 297-298, 305-306.

¹³⁷ *Gn.*, 30, 37-43.

¹³⁸ *Ag.*, 2, 7-8.

¹³⁹ *Articuli prophetales*, G. Ernest, La Nuova Italia, Firenze, 1977, p. 77.

¹⁴⁰ *Lc.*, 21, 25.

¹⁴¹ *2Pd.*, 3, 3-4.

¹⁴² GREGÓRIO MAGNO, *XL Homiliarum in Evangelia*, libri duo, I, 1 (PL 76, 1078).

os outros *filhos das trevas*, de acordo com o que ensinou São Paulo, advertindo-nos, a fim de que estejamos vigilantes e não nos tornemos *filhos da noite*¹⁴³. Vigia porém quem contempla *os sinais no Sol, na Lua e nas estrelas* que nos são dados; não quem se comporta como fizeram os Judeus, naquele tempo, os quais, por terem desprezado os sinais da estrela de Balaão, chocaram-se com a pedra de tropeço, como adverte Agostinho¹⁴⁴. Portanto, como nós acreditamos na Escritura, que é o primeiro livro da natureza, acreditamos também mais do que em qualquer outro, nos apóstolos: por isso Davi previu a respeito deles, o seguinte: *O seu som se espalha sobre toda a Terra, e não há palavras*¹⁴⁵, etc. O próprio Paulo, no capítulo 15 da *Carta aos Romanos*, repete as mesmas palavras dos apóstolos¹⁴⁶. De fato, ambos os códices de Deus concordam um com o outro.

¹⁴³ *1 Ts.*, 5, 2-6.

¹⁴⁴ Cfr. AGOSTINHO, *Sermo CC, in epiphania Domini*, 3, (PL 38, 1030).

¹⁴⁵ *SL.*, 18, 4-5.

¹⁴⁶ *Rm.*, 15, 9

PROVA DA SEGUNDA ASSERÇÃO

Até hoje nenhum filósofo ou teólogo disse qualquer coisa convenientemente adequada ou com uma suficiente certeza acerca das naturezas dos céus, da sua ordenação, do seu lugar, da quantidade, do movimento e das suas configurações e acerca da construção do universo; até mesmo, que tudo isto não pode ser explicado com exatidão, se demonstra com auxílio da Sagrada Escritura e mediante a diversidade de hipóteses avançadas pelos doutos¹⁴⁷. Antes de tudo, no capítulo 38 de *Jó*, se diz: *Compreendes por acaso a ordem do céu e sabes determinar as leis acerca da Terra?*¹⁴⁸, e um pouco mais adiante: *quem explicará as razões dos céus?*¹⁴⁹. Por outro lado, também Salomão, no capítulo segundo do *Eclesiastes*, diz: *Deus entregou o mundo à sua discussão, mas sem que o homem pudesse descobrir a obra de Deus do início ao fim*¹⁵⁰, e no capítulo oitavo repete as mesmas palavras e outras ainda¹⁵¹.

Portanto, deliram os que julgam que Aristóteles tenha afirmado a verdade sobre as realidades celestes e que não se deva indagar nada mais a respeito. De fato, Aristóteles, no livro

¹⁴⁷ Campanella se serve aqui das mesmas razões dos aristotélicos, e em particular dos jesuítas, que rejeitavam a idéia de uma mudança de hipótese astronômica em virtude da não demonstrabilidade das afirmações copernicanas. Mas, se não era possível dizer qualquer coisa de extremamente exato sobre a hipótese copernicana, era igualmente verdade que não se podia demonstrar com evidente certeza nem a hipótese aristotélico-ptolomaica.

¹⁴⁸ *Jó.*, 38, 33.

¹⁴⁹ *Jó.*, 38, 37.

¹⁵⁰ *Ecl.*, 3, 11.

¹⁵¹ *Ecl.*, 8, 17.

segundo *Sobre o céu*¹⁵², escreve, de acordo com o que apreendera dos egípcios, que as esferas são oito, compreendida a estrelada; que esta última é o primeiro móvel o qual move em 24 horas com movimento violento, de oriente para ocidente, todas as esferas dos planetas contra a sua inclinação, enquanto estas mesmas deslocam-se naturalmente do ocidente para oriente por meio de percursos muito lentos. Pois a Lua desloca-se apenas 12 graus em relação aos 360, percorridos por todas as esferas no movimento diurno mediante impulso violento. Em seguida, no livro XII da *Metafísica*¹⁵³ não pretende que todas as outras esferas sejam conduzidas pela primeira, mas que cada uma se mova por meio de uma inteligência própria, e multiplica todas essas inteligências de acordo com o número das aparências e os movimentos; todavia, não dá razão das aparências, como admitem São Tomás, Simplicio e outros comentadores. Estabelece desacordo entre Deus e os anjos, posto que esses últimos imprimiriam às esferas um movimento contrário ao estabelecido por Deus e enquanto se dizem seus imitadores, na realidade agiriam de modo oposto. Até mesmo entre os anjos estabeleceu discórdia: de fato, procuram um e outro mover as esferas em sentido contrário, um para o oriente e um para o ocidente, outro para o norte e outro para o sul; estabelece alguns que movem os astros e outros que são hesitantes, de tal modo que não só admite a violência no céu e também entre os anjos, ou a discórdia e a fadiga no mover as esferas, mas não fornece nem sequer uma explicação de por quê pareça que os astros ora movem-se para o alto, ora para baixo, ora estão parados e ora estão velozes, ora recuam e ora estão lentos, nem fornece razões de por quê haja mudanças na excentricidade, nos apogeus e nos equinócios, e não poderia fazê-lo visto que o céu, na sua opinião, compõe-se de uma quinta essência. Por isso não explica a razão pela qual foi observado por Tycho Brahe que Marte vespertino desce abaixo da esfera do Sol¹⁵⁴, nem como podem se produzir as manchas solares, as estrelas novas na esfera estrelada e os cometas acima da

¹⁵² ARISTÓTELES, *De caelo*, II, 8, 289-290b; 12, 292a.; 14, 296a.

¹⁵³ ARISTÓTELES, *Metaphysica*, XII, 8, 1073a.-b.

¹⁵⁴ T. BRAHE, *Epistolarum astronomicarum liber primus*, vol. 6, in *Opera omnia*, J. L. E. Dreyer, 15 voll., Swets & Zeitlinger, Amsterdam, 1972, pp. 41-42.

Lua¹⁵⁵. Portanto, é preciso que seja completamente errada a sua astronomia que não reconhece esses fenômenos comprovados pelo sentido e por instrumentos exatíssimos. Por isso São Basílio¹⁵⁶ e Santo Ambrósio¹⁵⁷ consideram heréticos aqueles que, com Aristóteles, sustentam que o céu é feito de uma quinta essência e negam que o Sol é quente em sua natureza, como ensinaremos dentro de pouco e como demonstramos nas *Questões*¹⁵⁸ em defesa da filosofia dos Santos. Omito o fato de que estabelece o Sol imediatamente acima da Lua, o que São Tomás¹⁵⁹ e os próprios seguidores de Aristóteles ensinam ser falso. O próprio Aristóteles reconhece, portanto, não saber o que quer que seja das realidades celestes e confia aos mais peritos nessa ciência o cuidado de efetuar indagações, como se observa no livro XII da *Metafísica*; revela também ter tirado de Calippo e Eudoxo tudo o que sustenta e que não adicionou nada senão a rotação dos orbes que leva os anjos à discórdia. Omito também as impiedades que resultam de ter afirmado a existência da quinta essência e a eternidade do movimento do céu¹⁶⁰. De fato, São Tomás e os comentadores cristãos o explicam facilmente; até mesmo São Tomás na *lição décima* responde com argumentos racionais, onde ensina que, naquela passagem, Aristóteles sustentou a eternidade do movimento de modo absoluto e não problemático pois, de outro modo, não poderia haver nem mesmo Deus. Por isso, considera-nos ateus, visto que negamos a eternidade do movimento. Mas, também, neste caso, São Tomás o contesta. Por esses motivos, não me espantarei jamais suficientemente como alguns teólogos de pouco valor que colocam os escritos de Aristóteles como meta última do engenho humano. Que nem mesmo Ptolomeu tenha alcançado a verdade, o ensinam os novos fenômenos, dos quais não pode dar razão por meio de sua doutrina, nem pode eliminar a discordância no que se refere aos céus. Omito os erros dos matemáticos revelados por Copérnico, isto é, que possa existir um

¹⁵⁵ Não era possível para a física aristotélica explicar o fato de Marte mover-se para fora de seu orbe, transitando, ainda que temporariamente, na órbita do Sol, contrariando de tal modo o princípio da solidez dos céus. Nem era possível explicar a verificação e a aceitação de elementos estranhos que contribuíam para contradizer a incorruptibilidade da matéria celeste. Para estes assuntos, cfr. M.-P. LERNER, *Tre saggi sulla cosmologia alla fine del Cinquecento*, Biliopolis, Nápoles, 1992.

¹⁵⁶ BASÍLIO, In *Hexaëmeron*, Hom. 1, n. 11 (PG 29, 25-28).

¹⁵⁷ AMBROSÍO, *Hexaëmeron*, I, c. 6, n. 23 (PL 14, 145-146).

¹⁵⁸ *Quaestiones physiologicae*, X, art. 1, pp. 80-86.

¹⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO, In *Libros metaphysicorum*, XII, lect. 10, (ST 4, 503-504).

movimento regular em uma esfera que não gravita em torno do seu centro, e outros erros. Por essa razão Tebit¹⁶¹ e o rei Afonso¹⁶² descobriram as librações e as novas esferas. Na realidade, Copérnico demonstra que mesmo estes se enganaram e recorre às doutrinas dos antigos pitagóricos para melhor explicar as razões das aparências. Galileu, depois disto, descobriu novos planetas e sistemas e novas modificações do céu ainda desconhecidas. Portanto, deliram de maneira ignorante aqueles que afirmam ser suficiente o que Aristóteles nos fez conhecer acerca dos céus; o qual não disse nada de seu, como ele mesmo afirma, e convida outros a indagar mais; aqueles que vieram depois, incertos, digladiam-se até hoje.

APÊNDICE: Mas alguém dirá: se não se pode elaborar uma doutrina astronômica digna e verdadeira, como diz Jó, então é melhor desistir, do que insistir inutilmente em pesquisas ulteriores. Concordo que isto seja verdade, mas esta pesquisa ulterior não torna o homem herético, como se queresse, ainda que isto fosse talvez insensato. Mas que não seja vã a indagação ulterior é ensinado pelo desejo natural de sempre aprender mais. Ainda, São Bernardo, nos capítulos quarto e quinto *Sobre a consideração a Eugênio*, diz: *embora seja impossível saber quem seja Deus, busca-se o sempre com grandes frutos*¹⁶³. Portanto, o empenho acerca das coisas celestes tem como fim Deus, que é sempre o fruto da nossa indagação. De fato, ainda que não compreendamos perfeitamente a Deus, como diz Paulo aos Atenienses¹⁶⁴, o qual somos obrigados a buscar, descobrimos sobre ele sempre algo a mais, que pouco a pouco nos torna semelhantes a ele. É melhor (diz Aristóteles no livro I *Sobre a Alma*¹⁶⁵) ter das grandes coisas, poucos conhecimentos prováveis, do que muitos conhecimentos demonstrados mas de coisas pequenas. Por este motivo os Egípcios, depois os Caldeus, descobriram muitas coisas referentes à astronomia, e em seguida, muitas coisas a esse respeito descobriram os Gregos. E agora, muitas descobertas foram feitas por alemães e por

¹⁶⁰ Sobre a eternidade do mundo e do movimento, cfr. *Metaph.*, 1. XI, c. III, a. 1; *Theol.*, 1, III, *Cosmologia*, c. II, a. 1, pp. 38-48.

¹⁶¹ Trata-se do astrônomo árabe Thabit Ibn Qurrah (835-901).

¹⁶² Afonso X, rei de Castela e de Leão de 1252 a 1284, ano de sua morte. É citado mais vezes por Campanella sobretudo por ter calculado pelo meridiano de Toledo as famosas *Tábuas Afonsinas*.

¹⁶³ BERNARDO, *De consideratione ad Eugenium III, papam, libri V*, c. 5 (PL 182, 731).

¹⁶⁴ Cfr. *At.*, 17, 22-27.

italianos. Por isso suscita assombro que Galileu descubra imensas cenas do universo, nas quais Deus representa as riquezas da sua sabedoria, de seu poder, e de seu amor. Eis por quê os santos Leão, Antão, Bernardo, Crisóstomo e outros, dizem que o mundo é o livro de Deus, que é necessário indagar com esforço. Por essa razão, num sermão, São Bernardo ensina que aqueles que não tiveram a graça de buscar a Deus no que é sobrenatural, devem buscá-lo no que é natural: de fato, a partir disto nos elevamos àquilo. O mesmo nos atesta eximamente Ricardo de São Vítor nos livros *Benjamin* (no sermão sobre contemplação¹⁶⁶). Também a razão confirma isto. Pois, se Deus criou este mundo para a sua glória, como diz Salomão¹⁶⁷, quer também por nós ser admirado através dele; quer também ser louvado; e quer ser celebrado, ele, seu criador, assim como um pintor e um poeta erudito querem que suas pinturas e composições poéticas sejam conhecidas e, reconhecido o valor excelente de sua arte, tornem-se celebrados os seus autores. Acrescente-se que nisto a divindade da alma humana se evidencia melhor e esta lucra com isto, como já se disse. Portanto, não se trata de uma indagação inútil. Portanto, são invejosos ou de limitado engenho e fê em Deus os que pensam que se deve contentar com Aristóteles e os outros filósofos antigos e que não se deve indagar além deles, especialmente depois da luz do Evangelho e depois da descoberta do Novo Mundo e de novas estrelas, coisas que faltaram aos antigos, como a luz da fé. Esta última eleva a nossa natureza acima da dos pagãos e não nos oprime sob o seu jugo, sendo a sua filosofia um *catecismo*, enquanto que a nossa é uma doutrina perfeita, como atesta Cirilo. Por isso, no mundo, que é o livro e a sabedoria de Deus, nós poderemos ler melhor se não negligenciarmos a graça que está em nós; digo isto contanto que as demais condições sejam mantidas. Não equiparo um engenho rústico de um cristão ao engenho de Platão, mas mostramos que os engenhos, como o de Platão e de outros, são tais pela natureza e que, depois da difusão do Evangelho, estes mesmos podem progredir mais nas ciências do que Platão e os outros. Esta opinião sustenta também Platão no *Hípias*¹⁶⁸, dizendo que os modernos não são inferiores aos antigos, a não ser pela inveja dos vivos e pela

¹⁶⁵ ARISTÓTELES, *De anima*, I, 1, 402a.-b.

¹⁶⁶ RICARDO DE SÃO VÍTOR, *De praeparatione animi ad contemplatione*, (PL 196, 9-10).

¹⁶⁷ Cfr. *Sr.*, 42, 17.

veneração dos mortos. Que não se deve desistir da pesquisa, é provado também pelo fato de que Deus é bom para quem o procura, como diz Jeremias¹⁶⁹ e revela sempre algo de novo, como se viu acima; São Bernardo disse: *Enquanto persistes nisto, não receberás algo distinto*. Portanto não se pesquisa sempre inutilmente. São Leão diz: *a respeito das coisas divinas, aquele que julga ter descoberto aquilo que procurava, não encontra o que buscava e indaga em vão*.

¹⁶⁸ PLATÃO, *Hippias maior*, 282a.

¹⁶⁹ *Jr.*, 3, 12.; 21, 54; 33, 11.

PROVA DA TERCEIRA ASSERÇÃO

Depois de ter esclarecido que nenhum filósofo antigo estabelece um limite à física e à astronomia, agora será mais fácil demonstrar que tampouco Cristo e Moisés o fizeram. De fato, jamais se lê no Evangelho que Cristo discutisse assuntos de física e de astronomia, mas assuntos morais e promessas de vida eterna, cujo caminho nos abriu através do exemplo, da doutrina e do sacrifício supremo. De resto, isso teria sido supérfluo. Se, de fato, desde o princípio, *Deus entregou o mundo às discussões dos homens a fim de que, por meio das coisas criadas, se esforçassem e o conhecessem*¹⁷⁰ e, afim de que pudéssemos fazê-lo, infundiu-nos uma mente racional e abriu-lhe, como se fossem janelas, cinco sentidos como vias para a indagação, como ensina o apóstolo Pedro de acordo com São Clemente¹⁷¹, pelas quais contemplasse o mundo, imagem de Deus, e admirasse aquilo que este encerra e buscasse o seu artífice, Deus. O que também o próprio Crisóstomo explica no comentário ao *Salmo 147*¹⁷² e em outros lugares, visto que não fomos privados do que é natural por causa do pecado original, como todos os teólogos confirmam, portanto, teria sido supérfluo se aquele que veio para nos redimir dos nossos pecados nos ensinasse também o que devemos e podemos aprender por nós mesmos. Por isso nem ordenou aos Apóstolos ensinar essas coisas mas

¹⁷⁰ *Ecl.*, 3, 11 e *Rm.*, 1, 20.

¹⁷¹ PSEUDO-CLEMENTE, *Recognitiones*, 1. II, c. 49-50 (PG 1, 1271-1273).

¹⁷² J. CRISOSTOMO, *Expositio in Psalmos*, Ps. CXLVII, nn. 3-4 (PG 55, 482-483).

batizar e ensinar o que ele mesmo havia feito e ensinado (*Mateus*, último capítulo¹⁷³), e de comprová-lo com os milagres e o martírio (*Marcos*, último capítulo¹⁷⁴). Portanto, Bernardo no *Sermão sobre Pedro e Paulo*, diz: *os apóstolos não me ensinaram a arte da pesca ou a de fabricar tendas ou coisas do gênero; não me ensinaram a ler Platão nem a desfazer as artimanhas de Aristóteles etc., mas me ensinaram a viver*¹⁷⁵. Igualmente, São Clemente, no livro I dos *Reconhecimentos*¹⁷⁶, introduz Barnabé que, interrogado por um filósofo romano sobre por quê o pernilongo, tão pequeno, foi dotado, pela natureza, de seis pernas, enquanto o elefante, tão grande, apenas de quatro, respondeu que tinha recebido nos mandamentos de Cristo o ensinamento sobre o reino dos céus e não sobre as coisas da natureza, que podem ser investigadas naturalmente. Os apóstolos nem mesmo rejeitaram a filosofia, dado que Cristo, antes elogia os Fariseus que prediziam pela observação do céu a chuva e a estiagem, embora os condene por não terem, do mesmo modo, conhecido a partir das Sagradas Escrituras o tempo do advento do Messias¹⁷⁷, como lamenta também *Jeremias* (capítulo décimo¹⁷⁸).

De outra parte é evidente que nem Moisés estabelece limites à ciências humanas, nem Deus nos ensinou, por intermédio dele, a física ou a astronomia. De fato, Salomão diz: *Deus entregou o mundo à indagação dos homens*¹⁷⁹; ele investigou cuidadosamente sobre todas as coisas, examinando a natureza e não somente o livro de Moisés. Este disse algo sumário acerca da criação e da beleza do céu e da terra e de todas as coisas, do modo como poderiam ser úteis a um legislador mais que a um físico. De fato, para provar que o mesmo Deus que lhe havia dado a Lei, era o criador e o governador do mundo, inicia pela criação, passa depois ao governo em geral, para chegar enfim à especial forma de governo constituído mediante a Lei que lhe fora dada. O mesmo é atestado pelo testemunho de todos os Padres, os quais acrescentam que Moisés não utilizou uma linguagem

¹⁷³ *Mt.*, 28, 16-20.

¹⁷⁴ *Mc.*, 16, 14-20.

¹⁷⁵ BERNARDO, *Sermones de Sanctis, In festa ss. Petri et Pauli apostolorum I*, n. 3 (PL 183, 407).

¹⁷⁶ PSEUDO-CLEMENTE, *Recognitiones*, 1, I, c. 8 (PG 1, 1211).

¹⁷⁷ *Mt.*, 16, 4.

¹⁷⁸ *Jr.*, 10, 21.

¹⁷⁹ *Ecl.*, 3, 11.

filosófica, mas uma linguagem popular, seguindo mais o conhecimento sensível popular do que o intelectual próprio do conhecimento filosófico. Por isso, sendo excelente em toda ciência, divina e humana, e versado em toda sabedoria dos Egípcios, como se diz no capítulo sétimo dos *Atos dos apóstolos*¹⁸⁰ e Filão¹⁸¹ e Josefo¹⁸² provam, satisfaz assim o povo de modo a satisfazer também os filósofos. De fato, deu a compreender tudo, não só com palavras, mas também com fatos, àqueles que são capazes de entender o sentido místico: como parece evidente na construção do tabernáculo semelhante ao que é celeste, e do candelabro, feito a imagem dos sete planetas, e das vestes de Aarão, onde estão representados todo a orbe das terras e os grandes empreendimentos dos patriarcas, como diz Salomão (*Sabedoria*, 18)¹⁸³ e Paulo (*Epístola aos Hebreus*)¹⁸⁴ e os rabinos provam. Portanto, Agostinho¹⁸⁵ e Crisóstomo¹⁸⁶ ensinam que Moisés não disse nada sobre a criação dos anjos porque os povos rudes não podiam compreender as coisas incorpóreas e afim de que, sendo inclinados à idolatria, não os adorassem. De todo modo, quando Deus disse, criando o céu, *faça-se a luz*, os sábios podem compreender que esta exclamação refere-se também aos anjos. Igualmente, não fez menção, ao povo, da matéria, que pode ser compreendida pelos doutos sob o nome da água e da terra. Igualmente, Moisés estabelece o tempo da criação em seis dias, que Agostinho sustenta, como também outros Padres, não serem físicos, mas angélicos¹⁸⁷. Além disso, São Tomás, na questão 68, da primeira parte da *Suma de Teologia*¹⁸⁸, ensina que Moisés não mencionou o ar, porque não queria propor ao povo rude nada de desconhecido; de fato, o povo não sabe se o ar é um corpo, porque é invisível, todavia Moisés aludiu a ele com *as trevas sobre a face do abismo*¹⁸⁹. Assim, todos os Padres que retiram do texto de Moisés ensinamentos filosóficos,

¹⁸⁰ *At.*, 7, 22.

¹⁸¹ FILÃO DE ALEXANDRIA, *De vita Moisis*, t. II, l. I, p. 6.

¹⁸² J. FLAVIO, *Antiquitates iudaicae*, II, 9, 6; 10, 2; IV, 8, 42.

¹⁸³ *Sb.*, 18, 24.

¹⁸⁴ *Hb.*, 9, 23.

¹⁸⁵ AGOSTINHO, *De genesi ad litteram imperfectus liber*, c. 3, nn. 7-9 (PL 34, 222-223); *De civitate Dei*, l. XI, c. 9 (PL 41, 323-325).

¹⁸⁶ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae in Genesim*, hom. II, n. 3 (PG 53, 29-30).

¹⁸⁷ AGOSTINHO, *De civitate Dei*, l. XI, c. 7 (PL 41, 322-323); *De Genesi ad litteram imperfectus liber*, c. 11, n. 35 (PL 34, 234-235); *De Genesi ad litteram*, l. IV, c. 26; l. V, c. 23 (PL 34, 314, 337-338).

¹⁸⁸ TOMÁS DE AQUINO, *Suma de teologia*, I, q. 68, a. 1 (ST 2, 283; L 5, 168-169).

¹⁸⁹ *Gn.*, 1, 2.

estão de acordo em justificar o modo de exprimir-se de Moisés com a incapacidade do povo. Por este motivo, o bispo Anastácio, nas suas *Alegorias sobre Moisés*¹⁹⁰, mostra como este deu atenção principalmente à alegoria dos sentidos. Finalmente Crisóstomo¹⁹¹, o maior arauto desta sabedoria mosaica, embora sendo geralmente hostil às alegorias e reconduzindo tudo ao próprio sentido literal e moral, todavia reconhece que nesse livro Moisés adaptou, em quase tudo, o seu discurso ao nível do povo rude, especialmente quando Moisés diz: *Deus criou dois grandes luminares*¹⁹², ainda que a lua, sendo menor que muitas estrelas e que a Terra, seja dita ser um luminar maior pela influência que exerce em relação a nós e pelo fato de que parece maior aos sentidos. São Tomás, na questão 70, artigo 1¹⁹³, mostra que Moisés neste, como em outros textos, segue o falar, o sentido do vulgo, antes que a razão; de fato, esta última reconhece que a Lua é menor. Faz a mesma observação a respeito do movimento das estrelas e do céu e, porque o movimento dos luminares, diferentemente daquele das esferas, é manifesto ao sentido, nota como Moisés não disse que as esferas se movem, enquanto deveria dizê-lo caso fosse verdadeira a doutrina de Aristóteles¹⁹⁴. Vejam-se as respostas ao terceiro e quinto argumentos. Por estes motivos quem quisesse condenar os astrônomos, porque consideram a Lua menor que muitas outras estrelas, quase a terceira parte da Terra, e por brilhar pelo reflexo, apenas porque Moisés a chama de *grande luminar*, este seria ridículo e seria estupidamente ímpio, como se mostrará em seguida, na quinta asserção.

¹⁹⁰ ATANÁSIO, *Anagogicarum contemplationum in Hexaëmeron*, praefatio (PG 89, 851-857).

¹⁹¹ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae in Genesim*, hom. VI, n. 3 (PG 53, 57-58).

¹⁹² *Gn.*, I, 16.

¹⁹³ TOMÁS DE AQUINO, *Suma de teologia*, I. q. 70, a. 1 (ST 2, 285-286; L 5, 177-178).

¹⁹⁴ São Tomás diz: *as estrelas podem ser consideradas em si mesmas, ou então relativamente ao universo e às outras partes do universo, ou então relativamente a Deus ao qual obedecem, ou ainda relativamente aos homens aos quais são úteis, e é neste último sentido que Moisés fala*. Cfr. *Theol.* I, III, *Cosmologia*, c. VII, a. 1, p. 139.

PROVA DA QUARTA ASSERÇÃO

Toda seita ou religião que proíbe aos seus seguidores a investigação das coisas naturais deve ser julgada suspeita de falsidade, visto que a verdade não contradiz a verdade, como é sustentado pelo Concílio de Latrão sob Leão X e outros lugares, nem o livro da sabedoria de Deus criador contradiz o livro da sabedoria de Deus revelador; quem teme ser contradito pelos dados da natureza está consciente da própria falsidade. De fato, todos reconhecemos que é esta a razão pela qual aos Maometanos são proibidas as ciências. Aliás, quando os Mouros se dedicaram à filosofia, muitos deles, descoberta a fraude, começaram a escrever contra a fé muçulmana, como Averrois, Avicena, Alfarabi, Haly Albenragel, Albumasar e outros filósofos e astrônomos, como dissemos no *Antimaquiavelismo*¹⁹⁵. Por esta razão, um rei dos Mouros, como narra Botero, proibiu a ciência aos seus súditos; os soberanos turcos conservam a mesma proibição. Semelhantemente, entre os pagãos estava estabelecido por lei que não se aprofundasse a investigação referente aos deuses. Por isso Platão adverte, no *Timeu*¹⁹⁶, que dos deuses se deve falar assim como querem os legisladores e os próprios deuses, ainda que ele fosse mais propenso a acreditar em um só deus. Crisóstomo, no *Comentário da Carta aos Romanos*¹⁹⁷, condena Sócrates porque, embora tendo conhecido a falsidade dos deuses, morrendo disse: *Devemos um galo a Esculápio*, como narra Platão no

¹⁹⁵ *Atheismus Triumphatus*, c. 11, p. 151.

¹⁹⁶ PLATÃO, *Timaeus*, 27d.

¹⁹⁷ J. CRISÓSTOMO, *Comentarius in epistola ad Romanos*, hom. 3, n. 3 (PG 60, 414).

*Fedão*¹⁹⁸. Iguualmente, os atenienses perseguiram até à morte Anaxágoras, Sócrates, Aristóteles e outros filósofos porque ousaram indagar sobre os deuses, não obstante a proibição da lei. Que estes conhecessem a verdade acerca de Deus é atestado pelo apóstolo Paulo, por Cícero, por Catão segundo Lucano, e por muitos outros. Portanto, quem quer que a religião cristã proíba as verdadeiras ciências, os estudos e a indagação das coisas físicas e celestes, ou possuem uma opinião errônea sobre o cristianismo ou então são a causa de outros suspeitarem do próprio cristianismo. Além disso, se a religião cristã é efetivamente repleta de toda verdade, desprovida de toda mentira, não só não teme nada dos estudiosos, mas neles mesmos encontra confirmação. Isto diz São Tomás no Livro I *Contra os Gentios*¹⁹⁹ e no opúsculo *Contra aqueles que combatem as ordens religiosas*²⁰⁰, opondo-se a quem condenava nos monges o estudo da filosofia e das outras ciências. Sustenta a mesma tese racionalmente na 1ª parte, questão primeira²⁰¹ e a confirma mediante a autoridade de Salomão (*Provérbios 9*)²⁰² segundo o qual a *sabedoria*, isto é, a teologia, *enviou suas servas*, isto é, as ciências, *para convidar à cidadela, etc.* Portanto, a teologia não bane as ciências, mas se serve dela para convocar os homens ao reino dos céus, visto que são suas servas e verdadeiramente a servem e não a contradizem. De fato, aquelas que se opõem não são ciências, mas fantasias de filósofos superficiais, como aprendemos no Concílio de Latrão, no II Concílio de Nicéia²⁰³ e nos artigos condenados em Paris²⁰⁴. Além disso, que a religião cristã exige e não proíbe a ciência é provado também pelo fato de que *Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus* (*Coríntios I, 3*)²⁰⁵. Assim, se lê ainda no *Eclesiástico: Toda sabedoria provém do Senhor Deus*²⁰⁶ e, *a raiz da sabedoria*²⁰⁷ é o Verbo de Deus. Portanto, aqueles que são cristãos, são também sábios e racionais. De fato, o Verbo de Deus é razão suprema a partir da qual nos dizemos racionais por

¹⁹⁸ PLATÃO, *Phaedon*, 118a.

¹⁹⁹ TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra Gentiles*, I, c. 7-8 (ST 2, 2; L 13, 19-22).

²⁰⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Contra impugnantes Dei cultum, et religionem*, ps. 3, c. 4 (ST 3, 549; L 41, A 131-134).

²⁰¹ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 1 (ST 2, 184-185, L 4, 6-26).

²⁰² *Pr.*, 9, 3.

²⁰³ Cfr. *Concilium Nicaenum II*, sessão final (787).

²⁰⁴ Cfr. Em particular as proposições IV e XII., in H. Denifle, *Chartularium Universitatis Parisiensis*, Parisiis 1899 (ed. Anastatica in Cultura et Civilisation, Paris, 1964, pp. 543-555).

²⁰⁵ *I Cor.*, 1, 24.

²⁰⁶ *Sr.*, 1, 1.

participação²⁰⁸. Assim, Cristo quer que nós sejamos os mais semelhantes a ele em obras e verdade. Por este motivo, aqueles que geralmente dizem que não ocorre saber demais nem indagar com argumentações racionais senão aquilo que temos recebido dos outros homens, de um certo modo não são cristãos, antes contradizem Cristo enquanto diminuem a nossa semelhança com ele. De fato, limitam a obra da sabedoria de Deus num punhado de cérebro de um só homem e submetem a inteligência ao engenho humano e não a Cristo, como quer Paulo que, ao contrário, submete todos os tiranos, sábios deste mundo e todo intelecto a Cristo (*II Carta aos Coríntios*, 10)²⁰⁹, em cujos grilhões o *Eclesiástico* coloca aos nossos pés e na coleira os nosso pescoço²¹⁰. Aqueles que, ao contrário, nos encerram nos grilhões de Aristóteles, de Ptolomeu e de algum outro, como sustentam os averroístas, do que não está inocente Antônio de Mirandola²¹¹, julgando que Deus não pode mais criar engenhos superiores a esses, ou que nos ligam aos seus ditos e distorcem o sentido da Escritura a favor das suas sentenças não o extraindo da natureza das coisas, que é o livro de Deus, de longe mais adequado para explicar a Escritura de Deus, estes verdadeiramente não são cristãos. A sabedoria de Deus é vastíssima, não restrita ao engenho de um só homem, e quanto mais se indaga nela tanto mais se encontra; ao contrário, nos damos conta de não sabermos nada, reconhecendo quanto e quão grande é o que ignoramos. É esta a ciência que Salomão divisa no *Eclesiástico*²¹², o apóstolo recomenda²¹³ e Sócrates entendeu em si. Aqueles que pretendem saber, porque conhecem Aristóteles ou algo novo do universo, livro de Deus, como por exemplo Galileu, nem mesmo estes conhecem de que modo é oportuno saber; são verdadeiramente sábios apenas aqueles que sabem que ignoram inúmeras outras coisas, e que não se deve desistir de indagar, como se já as conhecêssemos, como adverte São Leão e os capítulos 42 e 43 do *Eclesiástico*. De fato, aquilo que

²⁰⁷ *Sr.*, 1, 25.

²⁰⁸ Para este argumento, cfr. *Partecipazione* in “Palavras Chave” (edição de Paolo Ponzio).

²⁰⁹ *2Cor.*, 10, 5.

²¹⁰ *Sr.*, 6, 25.

²¹¹ Antônio Berardi de Mirandola (1503-1565) docente de lógica na Universidade de Bolonha desde 1533, notório por ter escrito uma *In logicam universam institutio* (Basiléia 1545). Campanella, no entanto, parece referir-se a uma outra obra, os *Eversionis singularis certaminis*, libri XL (Basiléia 1562), na qual Mirandola defendia a teoria aristotélica dos movimentos violentos dos astros, negando, porém, que fossem contrários entre eles. Cfr. W. RISE, *Die Logik der Neuzeit*, F. Frommann Verlag, Stuttgart, 1964, p. 265.

²¹² *Ecl.*, 8, 17.

sabemos não é mais que uma centelha. A sabedoria, então, se lê em todo o livro de Deus, que é o mundo, e se descobre sempre mais. Por isso, os escritores sagrados nos remetem àquele mais do que aos *livrinhos* dos homens. Servimo-nos das doutrinas pagãs somente enquanto são racionais a partir da primeira razão, Cristo, e embora eles não acreditem nas realidades sobrenaturais, nem por isso deixam de ser participantes de Cristo nas naturais. Por isso, se dizem algo de bom, precisa-se tirar deles *como de injustos possesores* (como diz Santo Agostinho no Livro II *Da doutrina cristã*)²¹⁴, porque embora tendo conhecido a verdade, não a honraram; portanto não foram dignos de receber a fé sobrenatural. Todavia, reconhecemos neles aquilo que é de Cristo, mas preferimos os nossos autores. De fato, a graça aperfeiçoa a natureza também nas coisas naturais, como ensinam os Padres e São Tomás na *Suma de Teologia* (IIa – Iiae)²¹⁵. Portanto, os cristãos são mais hábeis que os pagãos na indagação da verdade, em igualdade de condições. Assim, ofende a Cristo quem se submete ao pagão. *Sob toda árvore frondosa te prostituirás como uma meretriz*, diz o Profeta²¹⁶. Isto Jerônimo entendeu sobre quem se prostitui na ciência profana; pelo que na *Carta a Pamaquio*, segundo uma imagem do Antigo Testamento, diz: *Se amares uma mulher estrangeira*, isto é, a ciência profana dos pagãos, *corta-lhe os cabelos e lava-lhe as unhas, etc.*²¹⁷. Ensina-nos da mesma maneira o Concílio de Latrão. Na nossa questão intitulada *Se convém fundar uma nova filosofia*²¹⁸ mostramos que exatamente neste tempo, no qual a serva quereria rebelar-se contra a sua senhora, a teologia, a serva deve ser castigada como Agar. Porque uma parte dos filhos de Israel fala hebraico e outra parte fala azótico²¹⁹, é preciso repudiar, como ordena Esdras, *as esposas estrangeiras e toma-las entre os filhos de Judá*²²⁰, isto é, das doutrinas dos santos; é preciso restaurar as ciências que tratam do mundo, livro de Deus, como fizemos e Galileu não deixa de fazer. Também São

²¹³ Rm., 11, 33.

²¹⁴ AGOSTINHO, *De doctrina christiana*, II, 40, n. 60 (PL 34, 63).

²¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, II a – II ae, q. 109 a. 2-3 (ST 2, 512; L 9, 417 – 419); q. 110, a. 1 (ST 2, 514; L 9, 421-422).

²¹⁶ Jr, 2, 20.

²¹⁷ JERÔNIMO, *Epístola LVII: ad Pammachium. De optimo genere interpretandi*, 12-13 (PL 22, 578-579).

²¹⁸ *Della necessità di una filosofia cristiana*, a. 1, pp. 3-22.

²¹⁹ 2Esd., 13, 24.

²²⁰ Cfr., 1Esd., 10, 10-11.

Tomás na primeira parte, questão primeira²²¹, diz que os pagãos são citados nas escolas de teologia como testemunhos contra eles mesmos e não na qualidade de juizes ou de testemunhos contra nós. É, por isso, inverossímil (e o próprio Bembo fica pasmo com isso) que estes sejam tidos como mestres também dos teólogos. Que isto não aconteça jamais!

Portanto, aqueles que proíbem aos cristãos o estudo da filosofia, não compreendem o que seja ser cristão e são semelhantes ao Imperador Juliano²²² que, após ter apostatado a fé, proibiu toda ciência aos cristãos a fim de que a teologia, privada das suas servas, não conseguisse mais chamar os homens para dentro dos muros da cidade de Deus. São Tomás considera o mesmo no opúsculo citado²²³. Como ele denominaria, hoje, aqueles que nos proíbem de buscar filosoficamente no livro de Cristo, que é o mundo, se qualifica de *julianistas* os que queriam que fosse proibido aos monges ler os livros dos pagãos? Não encontram qualquer justificação na Sagrada Escritura, uma vez que os seguintes ditos – *Não experimenteis mais do que o conveniente*²²⁴ e, *Quem se crê sábio, torne-se tolo*²²⁵ – não são contra nós, mas a nosso favor. De fato, essas afirmações não proíbem o indagar de quem busca filosoficamente, mas a sua interrupção, como se já soubéssemos tudo, e proíbem a sabedoria de erguer-se por vontade própria acima da doutrina revelada, e de julgar segundo a sua medida os dogmas divinos, como fazem os pagãos, os heréticos e todos aqueles que colocam a lâmpada da Escritura sob a tigela aristotélica. Por isso, no livro de Jó²²⁶ muitas coisas são ditas contra a prudência humana e em *Isaias*²²⁷ contra a astrologia. Reconhece-se, na verdade, que a prudência é uma virtude diviníssima e a astrologia uma ciência muito útil, como ensina Jerônimo no prólogo à Bíblia²²⁸. Portanto, proíbe-se prudência humana, quando ela *maquiavelisticamente* eleva-se sobre a divina e quando considera poder atingir o sobrenatural com o próprio esforço, sem pedi-lo a Deus. De modo semelhante proíbe-se também a astrologia que na Babilônia se exaltava acima

²²¹ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 1, a. 8 (ST 2, 186, L 4, 21-22).

²²² Trata-se de Juliano, o Apóstata (331-363) imperador em 360.

²²³ TOMÁS DE AQUINO, *Contra impugnantes Dei cultum, et religionem*, ps. 3, c. 4 (ST 3, 549; L 41, A 131-134).

²²⁴ *Rm.*, 12, 3.

²²⁵ *1Cor.*, 3, 18.

²²⁶ *Jó*, cc. 32-38.

²²⁷ *Is.*, 47, 12-14.

dos profetas e presumia predizer com certeza os futuros contingentes; pelo contrário, não é condenada aquela astrologia que se submete à profecia e sabe conjeturar com moderação os eventos futuros. O mesmo diga-se das outras ciências.

APÊNDICE: Compete à glória da religião cristã o ter permitido não apenas o esforço para a descoberta de novas ciências e a restauração das antigas de modo a não precisar *cortar as unhas e os cabelos das estrangeiras*, mas também o ter sempre impedido a Maquiavel e Juliano insultar-nos porque, enquanto somos contempladores de Cristo, sabedoria de Deus, todavia mendigamos aos pagãos a ciência que condenamos, reputando-os como que melhores que nós²²⁹. Este argumento foi por mim contestado acima mediante a doutrina de Santo Agostinho e tratado mais amplamente no *Antimaquiavelismo*²³⁰, onde também incluí o fato que a aceitação do valor da ciência por parte do cristianismo é, junto a outros, um dos vínculos maiores que me prendem à Igreja de Deus. Creio que seja assim também para outros. Porque deveríamos rompê-lo exatamente agora?

²²⁸ JERÔNIMO, *Prolegomena in divinam S. Hieronymi Bibliothecam*, Proleg. Primum (PL 28, 31-48).

²²⁹ Cfr. *Della necessità di una filosofia cristiana*, art. 1.

²³⁰ *Atheismus Triumphatus*, c. 2, p. 21.

PROVA DA QUINTA ASSERÇÃO

Se, portanto, como foi demonstrado, a liberdade de filosofar está mais presente no cristianismo do que em qualquer outra civilização, qualquer um que, de própria iniciativa, prescreva aos filósofos leis e limites como se derivassem da Sagrada Escritura, ensinando que não se deve afirmar nada além daquilo que ele mesmo afirma, e submete e coage a Escritura a um único significado dele mesmo ou de outros filósofos, este comporta-se não apenas irracionalmente e danosamente, mas também de modo ímpio, porque expõe a Sagrada Escritura ao sarcasmo dos filósofos e à derrisão dos pagãos e dos heréticos, pelo que bloqueia o acesso à fé, não chama os infiéis à cidadela da fé mas os conduz para fora dela, lança também ofensas ao Espírito Santo, cuja palavra, fecundíssima e cheia de significados (como atesta Santo Agostinho em *A doutrina cristã*²³¹, Crisóstomo, no *Comentário aos Salmos*, Ambrósio e Orígenes em todas as suas obras, e Gregório no livro XV das *Morais*)²³² fica assim totalmente ineficaz. É, ao contrário, fecundíssima não só no sentido místico, mas também literalmente, como ensina Agostinho no livro I *Sobre a Trindade*²³³ e São Tomás na primeira parte, questão primeira, artigo décimo²³⁴ e o Cardeal Cajetano no

²³¹ AGOSTINHO, *De doctrina christiana*, II, c. 6 (PL 34, 38-39).

²³² GREGÓRIO MAGNO, *Moralium libri, sive expositio in librum B. Job*, I, XV, c. 13-14, nn. 15-18 (PL 75, 1088-1089).

²³³ AGOSTINHO, *De Trinitate*, I, c. 1, n. 2 (PL 42, 820-821).

²³⁴ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 1, a. 10 (ST 2, 186-187, L 4, 25-26).

comentário a esta passagem²³⁵. Aceita, de fato, todos os sentidos e as interpretações que não contradigam diretamente ou indiretamente outras passagens da Escritura, como se diz na questão 32, artigo quarto²³⁶.

Além disso, São Tomás nos dá a causa da tal multiplicidade de interpretações no *Opúsculo X* questão 18²³⁷, como havia feito antes Agostinho no livro I do *Comentário literal ao Gênesis* dizendo: *As palavras da Sagrada Escritura são expostas de muitas maneiras a fim de que não sejam escarnecidas por quem está impregnado das letras profanas*²³⁸. No livro *Sobre a Trindade*²³⁹ ensina que assim se faz para eludir de vários modos as zombarias dos heréticos. Também São Tomás, no próêmio do mesmo opúsculo²⁴⁰, escreve: *Declaro desde o princípio que muitos destes artigos não concernem à doutrina da fé mas, antes, às opiniões filosóficas*. De resto, prejudica muito, tanto afirmar, quanto negar como pertinente à sagrada doutrina o que não diz respeito à doutrina religiosa. De fato, diz Agostinho no livro V das *Confissões*²⁴¹: *Quando [...] ouço que um cristão ignora estas coisas* (isto é, ignora aquilo que os filósofos afirmam acerca do céu, das estrelas e acerca dos movimentos do Sol e da Lua), *e pensa uma coisa por outra, suporto pacientemente as suas opiniões; nem vejo que lhes causem danos se ignoram a posição e a condição de uma criatura corpórea, porque não crê coisas indignas de ti, Senhor e criador de todas as coisas. Ao contrário, causar-lhe-ia dano se mantivesse que estas opiniões pertencem à própria doutrina religiosa, e ousasse afirmar com insistência aquilo que não sabe*. Que isto seja manifestamente danoso – prossegue São Tomás – o mantém também o próprio Agostinho no livro I do *Comentário literal ao Gênesis*²⁴², quando diz: *É algo extremamente torpe, danoso e que deve ser*

²³⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Opera Omnia iussu impesaque Leonis XIII P.M. edita, Pars Prima Summae Theologiae a quaestiones I ad quaestiones XLIX... cum commentariis Thomae de Vio Caietani ordinis praedicatorum*, ex Typographia Polyglotta, Roma, 1888, q. 1, a. 10, p. 26.

²³⁶ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 32, a. 4 (ST 2, 235, L 4, 357).

²³⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Responsio ad eundem magistrum Ioannem de Vercellis de articulis XLIII*, a. 18 (ST 3, 641; L 42, 331).

²³⁸ AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, I, I, 20, n. 40 (PL 34, 261-262).

²³⁹ AGOSTINHO, *De Trinitat*, I, c. 13, n. 31 (PL 843-844).

²⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Responsio ad eundem magistrum Ioannem de Vercellis de articulis XLIII*, próêmio (ST 3, 640; L 42, 327).

²⁴¹ AGOSTINHO, *Confessionum libri XII*, V, 3-4 (PL 32, 707-709).

²⁴² AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, II, c. 1, n. 4 (PL 34, 264).

evitado completamente que um infiel qualquer escute um cristão delirar sobre estes argumentos, como se falasse segundo as Escrituras cristãs, e não poder, como se diz, furtar-se a rir se não com dificuldade, ao ouvir tais despropósitos. Que um homem pareça errar, não é tão desagradável quanto o fato de que se creia, por aqueles que estão fora da Igreja, que estariam os nossos autores a pensá-lo e que se lhes reputem ignorantes, com irreparável perdição daqueles por cuja salvação nos esforçamos. Parece-me, por isso, ser mais correto manter que não se deve sustentar como dogmas de fé as opiniões difundidas pelos filósofos conhecidos que não estão em contraste com a nossa fé, embora, às vezes, sejam introduzidas sob a autoridade dos filósofos; nem devem ser negadas como contrárias à fé, a fim de que os sábios deste mundo não tenham ocasião de desprezar a doutrina da fé. Isto é sustentado por São Tomás junto com Santo Agostinho. Disso resulta evidentemente com quanta imperícia e contra os decretos dos Padres alguns teólogos modernos defendem o aristotelismo como se se tratasse de uma doutrina de fé, apenas porque São Tomás comentou Aristóteles, quando ele ensina uma doutrina totalmente contrária, como veremos mais amplamente, nas respostas aos argumentos. Entre estes inclui-se também Ulisses Albergotti²⁴³, de acordo com o qual a Lua brilharia com uma luz própria porque a Escritura diz: *A Lua não dará a sua luz*²⁴⁴, forçando o termo *sua*, que todavia pode receber múltiplos significados. Mas o que há de estranho nisso se o próprio Agostinho e outros Padres caíram no mesmo erro, errando não quanto à proposição universal que sustentaram, mas quanto à particular deste silogismo? De fato, primeiro Lactâncio Firmiano, no livro III, capítulo 24²⁴⁵ e, em seguida, Agostinho, no livro XVI de *A cidade de Deus*²⁴⁶, sustentam com firmeza que os antípodas não existem porque aqueles homens não descenderiam de Adão, o que é contrário à Sagrada Escritura que deriva todo o gênero humano de um só homem. Acrescentam também argumentações Físicas. Procópio de Gaza no ano 500 compôs

²⁴³ Ulisses Albergotti é opositor das posições galileanas. Escreveu, em 1613, *Il Dialogo, no qual se sustenta, contra as opiniões comuns dos astrólogos, matemáticos e filósofos, que a Lua é em si luminosa e não recebe a luz do Sol, nem os seus eclipses são causados pela interposição da Terra entre estes dois luminares, nem também os do Sol são causados pela interposição da Lua entre nós e ele*. Interlocutores Astro e Logia, obra com a qual se respondia ao que, no *Sidereus Nuncius*, havia escrito Galileu acerca das fases da Lua.

²⁴⁴ Ex., 32, 7.

²⁴⁵ LACTÂNCIO, *Divinae Institutiones*, III, 24 (PL 6, 426).

uma série de comentários à Sagrada Escritura a partir dos textos de todos os Padres²⁴⁷ e demonstrou que os antípodas não existem. Com base nas suas sentenças e em citações da Sagrada Escritura, Santo Efrém coloca o paraíso terrestre totalmente em um hemisfério totalmente outro, descoberto por Colombo. Ao contrário, alguns Padres consideram que seja herege quem admite os antípodas. Não obstante, a sua afirmação, após os testemunhos dos navegadores, revela-se contrária à verdade. Portanto, se é verdadeiramente contrário à Sagrada Escritura a existência dos antípodas, como eles disseram, ou que lá está o paraíso terrestre ou o inferno ou o purgatório, como opinaram Dante, Isidoro²⁴⁸ e outros, disto segue-se que a verdade, já divulgada por Colombo, seja contrária ou discordante da Escritura de Deus. Além disso, o próprio Procópio e outros reputavam que a Terra estava fundada sobre as águas e que aí flutuasse, o que foi certa vez sustentado pelo filósofo Xenófanes²⁴⁹; esta opinião é demonstrada com a Escritura, na medida em que Davi diz no *Salmo 135: Aquele que estabelece a Terra sobre as águas*²⁵⁰ e no *Salmo 23: Fundou-a sobre os mares*²⁵¹. Todavia hoje apresenta-se suspensa em meio ao mundo, sustentando a si mesma e as águas e não é sustentada por baixo por estas, como eles acreditavam. Não se dá um embaixo na natureza que não seja o centro, por causa da conservação de cada sistema cujas partes convergem ao centro, a fim de que seja garantida a unidade e conservação do todo; por isso também as partes do Sol convergem para o centro do sol e as da Lua para o centro desta. Este fato afligiu muito Santo Ambrósio²⁵², temendo que o movimento do céu fosse resultante do impulso para cima ou para baixo pelo que, junto com Crisóstomo e outros Padres, se persuadiu da sua imobilidade. Todavia, estes argumentos têm pouca importância nas matemáticas. Vê como é danoso afirmar também isto como se fossem doutrinas de fé. O bispo Filástrio²⁵³ sustenta que são de fé exatamente algumas doutrinas contrárias à fé como, por exemplo, que a idade do mundo é a que é sustentada por ele e que Deus, quando

²⁴⁶ AGOSTINHO, *De civitate Dei*, 1. XVI, c. 9 (PL 41, 487-488).

²⁴⁷ PROCÓPIO DE GAZA, *Comentarii in Genesim*, I (PG 87, 69b).

²⁴⁸ PSEUDO-ISIDORO, *Liber de Numeris*, appendix XXI, n. 8 (PL 83, 1298).

²⁴⁹ Cf. *Aécio*, III, 4.

²⁵⁰ *SL.*, 135, 6.

²⁵¹ *SL.*, 23, 2.

²⁵² AMBRÓSIO, *Hexaëmeron*, I, c. 3, nn. 8-11 (PL 14, 137-139).

inspirou em Adão o sopro da vida, não lhe deu a alma mas o Espírito Santo; todavia, ele é ridicularizado, quanto a ambas asserções, seja pelos católicos seja pelos heréticos. Mais cuidadoso foi Beda²⁵⁴ ao sustentar que a hidropsia é uma enfermidade derivada de um defeito da vesícula e São Tomás ao afirmar que sob o equador não há nenhum homem, levado pela autoridade de Aristóteles, embora Alberto e Avicena sustentassem o contrário; esses, de fato, não divulgaram isso como se fosse de fé, mesmo se São Tomás pudesse alegar a *espada flamejante*²⁵⁵. Hoje a geografia e a medicina lhes retrucam, mas sem colocar em perigo a fé. Erraram de modo mais horroroso os que ensinam que a zona tórrida é a espada de fogo do anjo que guarda o caminho para o paraíso, visto que já se sabe que aquela zona não traz nenhum impedimento aos viajantes e navegadores. O que dirão os pagãos e os maometanos quando escutarem estas opiniões, como se nos tivessem sido afirmadas pelas Escrituras? Não poderemos mais opor ao Maometano o fato de que ele coloca sob a Terra outras sete terras e um boi e um peixe com a cabeça para o oriente e a cauda para o ocidente para sustentá-las. Mas é um pobre consolo descobrir o erro dos outros, quando também nós erramos sobre isto.

Por estas razões, se Galileu vencer, os nossos teólogos terão causado não pouca zombaria da fé romana entre os heréticos na Alemanha, França, Inglaterra, Polônia, Dinamarca, Suécia, etc., visto que todos já abraçaram avidamente sua doutrina e o telescópio. Se, ao contrário, resultar falso o ensinamento de Galileu, nenhum dano será acarretado à doutrina teológica. De fato, nem tudo que se apresenta como falso é contra a fé na Igreja militante, como provavelmente acontece na triunfante. De outra forma, os erros dos santos na física, uma vez descobertos, provariam que eles são heréticos. Além disso, caso se descubra que é falsa, não perdurará. Portanto, considero que esta doutrina filosófica não deve ser proibida, seja porque os heréticos a abraçariam com mais avidez e nós seríamos escarnecidos (sabemos quanto os ultramontanos já desaprovaram algumas decisões tomadas no Concílio de Trento; o que não farão quando ouvirem que nos rebelamos contra os

²⁵³ FILÁSTRIO, *Diversarum Hereseon liber*, CXII, (CCL 9, 227-228).

²⁵⁴ BEDA, *In Lucae Evangelium expositio*, 1. IV, c. 14 (PL 92, 510-519).

²⁵⁵ Cfr. *Gn.*, 3, 24.

físicos e os astrônomos? Não gritarão imediatamente que nós forçamos a natureza e não menos a Escritura? O cardeal Belarmino sabe bem estas coisas); seja porque Agostinho e Tomás pensam, como foi demonstrado, que deve ser permitida como é permitido dizer que o céu é constituído de uma quinta essência e chamar os dias com os nomes dos planetas dominantes, como nota São Tomás no Opúsculo X, artigo 39²⁵⁶, analogamente a quanto havia definido no proêmio.

²⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO, *Responsio ad eundem magistrum Ioannem de Vercellis de articulis XLIII*, a. 39 (ST 3, 642; L 42, 334).

PROVA DA SEXTA ASSERÇÃO

A sexta asserção não necessita de uma ulterior demonstração. De fato, é claro que uma falsa opinião não contraria a doutrina católica a menos que com certeza, direta ou indiretamente, vá contra as Sagradas Escrituras ou os decretos da Igreja e, como disseram São Tomás e Agostinho na quarta asserção aqui incluída, nisto é mais oportuno conservar a aprovação do que pronunciar um julgamento temerariamente. Parece evidente, pelo que foi dito, como os mestres de teologia abraçaram muitos erros tirados da filosofia dos pagãos; por exemplo, a opinião de Xenófanés de que a Terra está sobre as águas, de que os antípodas não existem e de que o Sol durante a noite vai para as regiões setentrionais da Terra e fica invisível por causa das montanhas, como atesta Aristóteles no livro II dos *Metereológicos*²⁵⁷, de que a zona tórrida não é habitada, de que o paraíso terrestre está nas ilhas Afortunadas ou no Oriente, entre os Chineses ou próximo da Lua e outras coisas semelhantes. Todavia, mesmo depois de descoberto o erro, estes não são considerados heréticos. Não se pode constatar qualquer falsidade em Galileu, uma vez que procede a partir da observação sensível do livro do mundo e não a partir de opinião; não fala como se fosse doutrina de fé de tal modo que, uma vez desmentido, possa ele ser escarnecido e com ele também a Escritura. Mas disso tratarei na resposta aos argumentos, onde provarei que foram introduzidas opiniões de Aristóteles muito mais danosas sem que tenha havido incômodo para a fé.

²⁵⁷ ARISTÓTELES, *Metereologica*, II, 1, 354a.

TERCEIRA TESE

Não importa quem queira ser juiz nesta causa deve conhecer estes pontos para que os tome como fundamentos. Uma vez que a presente controvérsia diz respeito à doutrina física da Sagrada Escritura, quem deseja ser juiz deve, como resulta do que foi dito, ser versado na interpretação mística e literal das Sagradas Escrituras, segundo o comentário dos Santos Padres e o livro da natureza, através do auxílio de todas as ciências e especialmente as físicas e as observações matemáticas, uma vez que a Escritura, que é o livro de Deus, não contradiz o sagrado livro de Deus, que é a natureza. É oportuno que este seja lido por um homem muito hábil, versado em todas as ciências, a fim de que possam ser examinadas, em ambos os livros, as concordâncias aparentes e as discordâncias latentes. Não podem ser interpretados segundo as doutrinas de Aristóteles ou de outro filósofo, mas devem ser conhecidas todas as doutrinas dos filósofos e ambos os livros de Deus devem ser expostos segundo as próprias sensações, o espírito dos Padres e a inteligência fecundíssima da santa Igreja, longe de toda inveja e paixão que possa ofuscar e distorcer o juízo, a fim de que não nos tornemos semelhantes àqueles juizes que Horácio estigmatiza porque julgavam mal os contemporâneos: *Ou porque nada consideram bom senão aquilo que lhes agrada; ou porque*

*consideram indigno escutar o parecer dos mais jovens e reconhecer, já velhos, que devem recusar aquilo que aprenderam quando jovens*²⁵⁸.

São Jerônimo, na *Carta a Magno*²⁵⁹, depois de ter declarado que os escritores sagrados foram educados em todas as disciplinas filosóficas, acrescenta: *Peço-te persuadi-los* (isto é, aqueles que o contestavam sobre este argumento) *a fim de que não aconteça que quem não tem dentes tenha inveja de quem come com os dentes, ou que a toupeira inveje os olhos da cabra*. De fato, estes colocam obstáculos aos modernos engenhos, muito mais conhecedores que eles, por inveja, na medida em que ignoram tais coisas ou desesperam-se de conhecê-las ou, ainda, porque envergonham-se de voltar a ser alunos quando já são chamados de mestres.

CONCLUSÃO DESTE TERCEIRO CAPÍTULO

Foi portanto demonstrado que nem quem tem zelo de Deus sem a ciência, como dizia Bernardo, nem quem tem a ciência sem o zelo de Deus pode ser juiz desta controvérsia. Quais sejam as ciências e de que modo se deve ter zelo de Deus e não do homem, tenha-se presente o texto do capítulo 11 dos *Números* onde Josué, enquanto manifestava o seu zelo por Moisés mal suportando que outros profetizassem no acampamento, ouviu dizer: *Que o Senhor quisesse que todo o povo profetizasse e lhe desse o seu espírito*²⁶⁰. Isto poderia com maior razão dizê-lo de si São Tomás. Por isso nos enrubecemos mais, porque em virtude de um zelo grosseiro não por Moisés ou São Tomás, mas por Aristóteles, proibimos aos nossos cristãos de indagar filosoficamente, favorecendo os pagãos.

²⁵⁸ HORÁCIO, *Epistolae*, II, 1, 83-85.

²⁵⁹ JERÔNIMO, *Epistolae LXX: ad Magnum oratorem urbis Romae*, n. 6 (PL 22, 668).

²⁶⁰ *Nm.*, 11, 29.

CAPÍTULO IV

RESPONDE-SE AOS ARGUMENTOS CONTRA GALILEU

EXPOSTOS NO PRIMEIRO CAPÍTULO.

RESPOSTA AO PRIMEIRO ARGUMENTO.

Já respondemos ao primeiro argumento contra Galileu na questão precedente: se é lícito fundar uma nova filosofia e retirar a autoridade à peripatética. Agora, ao contrário, dizemos brevemente que é herético afirmar que a teologia se funda sobre o aristotelismo ou que, por sua parte, necessite das doutrinas dos filósofos para ser demonstrada. Apenas pela nossa necessidade se aduz a opinião de Aristóteles e não por ser juiz na teologia ou testemunha contra nós, mas enquanto testemunha contra os pagãos como ele e os outros sofistas e não pelas suas opiniões mas na medida em que é testemunha do que observou na natureza, como foi demonstrado na segunda tese com base no que disse São Tomás na I Parte, questão primeira, da *Suma de Teologia*, no Livro I da *Suma contra os Gentios* e no *Opúsculo X*²⁶¹. Quando São Tomás, na medida em que escrevia sobre teologia, pareceu ter exagerado indo contra o seu próprio preceito nas citações de Aristóteles, foi condenado nos artigos parisienses. Todavia pode ser justificado de modo eficaz como foi feito por nós na questão citada. Além disso, se alguém condena Galileu porque combate Aristóteles,

²⁶¹ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 1, a. 10 (ST 2, 184-185; L 4, 25-26); *Summa Contra Gentiles*, I, c. 7-8 (ST 2, 2; L 13, 19-22); *Responsio ad eundem magistrum Ioannem de Vercellis de articulis XLIII*, a. 39 (ST 3, 642; L 42, 334).

condenará antes Agostinho, Ambrósio, Basílio, Eusébio, Orígenes, Crisóstomo, Justino e outros santos doutores da Igreja que condenaram Aristóteles não apenas pelas doutrinas metafísicas, mas também por quase todas as físicas e preferiram mais a Platão e os Estóicos, como parece evidente a quem lê suas obras. Até mesmo, São Justino, filósofo e mártir, escreveu um livro de título *Contra Aristóteles*²⁶². Portanto, não sabem o que dizem e enganam-se de modo ímpio (como foi demonstrado na *quinta asserção da segunda tese*) aqueles que consideram que a destruição de Aristóteles reflete-se, ainda que minimamente, sobre a teologia. Nós, porém, demonstramos o contrário²⁶³. De fato, se não se demolir a sua autoridade, nos infestaremos continuamente com suas heresias, a saber:

1 que o movimento é eterno, porque do contrário, não haveria Deus; que Aristóteles tenha sustentado com firmeza esta opinião no livro VIII da *Física*²⁶⁴ e no XII da *Metafísica*²⁶⁵ também o atesta São Tomás na lição décima do comentário a esta última²⁶⁶ obra e contra ele combate não só Justino como também outros Padres. Igualmente:

2 que a alma é mortal, ou que apenas uma alma é imortal em todos os homens;

3 que Deus não cuida das coisas terrenas;

4 que move os astros no sentido contrário àquele dos anjos;

5 que depois da morte não há nem pena nem prêmio;

6 que os infernos são uma fábula;

7 que Deus age por necessidade;

8 que a fortuna escapa à ordem da Providência. Sustenta muitas outras coisas contrárias à fé, como confirma São Tomás, bem como Averróis, Alexandre e outros gregos e árabes. Por isso São Vicente²⁶⁷ e Dom Serafim de Fermo, no *Comentário ao Apocalipse*²⁶⁸ chamam Aristóteles de

²⁶² Cfr. PSEUDO-JUSTINO, *Quorundam Aristotelis dogmatum confutatio*, (PG 6, pp. 1491-1564).

²⁶³ *Della necessità di una filosofia cristiana*, art. 2, p. 23, 28-35.

²⁶⁴ ARISTÓTELES, *Physica*, VIII, 8, 264b-265a.

²⁶⁵ ARISTÓTELES, *Metaphysica*, XII, 6, 1071b-1072a.

²⁶⁶ TOMÁS DE AQUINO, *In libros Metaphysicorum*, XII, lect. 10 (ST 4, 503-504).

²⁶⁷ Vicente de Ferrer de Valência (1346-1419).

frasco da ira de Deus derramado pelo terceiro anjo sobre as águas da sabedoria. Orígenes sustenta, no livro *Contra Celso*²⁶⁹, que Aristóteles é pior e mais ímpio que Epicuro. Observa também quais e quantas objeções atestam sobre ele Agostinho, Ambrósio e Justino, os quais expõem Aristóteles no seu significado originário. Portanto, admiro-me que certos *sabichões* pretendam fundar a teologia sobre Aristóteles, e que alguns confrades nossos atribuam esta opinião a São Tomás e por isso o elogiem, exatamente como fizeram os teólogos de Paris que por este mesmo motivo o condenaram; não obstante o que São Tomás declara e atesta é o contrário. Por qual motivo comentaria Aristóteles e o utilizaria para o bem da fé, transformando o veneno em medicina, o expus claramente num artigo precedente²⁷⁰.

Galileu, ao contrário, adere aos fundamentos da fé e fala dos fenômenos naturais com moderação, na qualidade de testemunha das observações e não como quem opina, como o faz Aristóteles, conforme o que lhe passa pela cabeça. Por esta razão deve ser louvado. De fato, a refutação das doutrinas dos infieis e das mentiras dos pagãos reforça o cristianismo e não destrói a teologia; que este é um dos fundamentos que deve ter presente quem julga, já o dissemos. Em outro lugar mostramos, com base nas teses de Nicéforo e outros historiadores da Igreja, como as heresias derivam do aristotelismo, e de que modo Aristóteles, na interpretação averroísta, é a oficina do maquiavelismo e porque a filosofia que se deduz do mundo, que é o livro de Deus, é serva da teologia e a atesta, não a que se deduz das opiniões de Aristóteles ou de qualquer outro.

²⁶⁸ SERAFINO DA FERMO, *Breve dichiarazione sopra l'Apocalisse di Giovanni, dove si prova esser venuto il precursor de Antichristo, et avvicinarsi la percossa da lui predetta nel sesto sigillo*, in *Opere Spirituali*, Vicenza 1596.

²⁶⁹ ORÍGENES, *Contra Celsum*, I, 20 (PG 11, 695).

²⁷⁰ Trata-se do *De gentilismo*.

RESPOSTA AO SEGUNDO ARGUMENTO

Ao segundo argumento, respondo negando que a doutrina de Galileu esteja em oposição com a de todos os escolásticos e dos Padres. De fato, embora não concorde literalmente com alguns deles, todavia concorda segundo a intenção. De fato, esses mesmos querem que a verdade seja anteposta a eles mesmos e não falam nas questões filosóficas como testemunhas, mas na qualidade de quem opina ou aduz opiniões de outros. Por isso, as testemunhas devem ser preferidas a eles, como Cristóvão Colombo, que hoje se prefere a Lactâncio, Procópio, Efrém e outros santos doutores, e como Magalhães a São Tomás, Antão e outros.

Além do mais, com tal finalidade demonstrarei: *primeiro*, que alguns teólogos abraçaram doutrinas filosóficas que opõem-se à Escritura e aos santos Doutores mais do que às doutrinas de Galileu; *segundo*, que muitíssimos Padres e escolásticos concordam com Galileu; *terceiro*, que a própria Escritura é mais favorável a ele do que aos seus adversários.

Demonstra-se o primeiro ponto – De fato, todos os filósofos e os santos Agostinho, Ambrósio, Basílio, Justino, Cirilo, Crisóstomo, Teodoreto e Bernardo no sermão *Mulher vestida de Sol*²⁷¹, e o Mestre das *Sentenças*²⁷² já ensinaram que o céu e especialmente as estrelas são constituídos não pela quinta essência mas pelos elementos ou apenas pelo fogo. Isto é demonstrado

²⁷¹ BERNARDO, *Sermones de Sanctis: Sermo de duodecim praerogativis B. V. Mariae, ex verbis Apocalypsis*, XII, 1, n. 6-7 (PL 183, 432-433).

com base nas Escrituras por Santo Ambrósio no livro VI do *Exaëmeron* onde se diz: *Os céus perecerão e envelhecerão todos como uma veste*²⁷³. O mesmo sustenta Filopono comentando contra Aristóteles e a favor dos cristãos o livro deste último *Sobre o céu*²⁷⁴. Não obstante, muitos Escolásticos mantêm, sem qualquer dano para a Escritura, que o céu é constituído de uma quinta natureza, o que Ambrósio, em numerosas passagens, considera deplorável, como se fosse invenção fictícia e diabólica; e isto sustenta também Justino e Basílio. Mas São Tomás, que explicou Aristóteles, ao menos na I Parte da *Suma de Teologia*, comentou o texto de Moisés sobre os seis dias da criação segundo as várias doutrinas, dos filósofos e dos Padres, por um lado, e de Aristóteles, por outro; e ensinou nas questões 65, 66, 67, 70 e 71²⁷⁵ que a primeira doutrina é mais adequada ao texto, enquanto a de Aristóteles discorda mais deste; o que alguns *sabichões* não quiseram compreender. Além disso, que o Sol seja formalmente quente ao máximo e reluzente ao máximo, é atestado pela Escritura divina. De fato, no capítulo primeiro do *Gênesis* é dito *luminar maior*²⁷⁶; do seu calor se fala no *Salmo 18*²⁷⁷, no capítulo segundo da *Sabedoria*²⁷⁸, no capítulo 43 do *Eclesiástico*²⁷⁹ e em outras passagens. No capítulo 17 da *Sabedoria*²⁸⁰, a iluminação é atribuída ao fogo e às límpidas chamas das estrelas. Que seja assim e que seja heresia sustentar o contrário, ensina-o Ambrósio no livro IV do *Exaëmeron*, e também Basílio afirma a mesma coisa; mais ainda, Agostinho, Crisóstomo, Justino, Bernardo, Orígenes, Filopono e todos os Padres que tive possibilidade de ler. Também a Igreja canta no hino Ambrosiano: *Já se põe o Sol flamejante*²⁸¹. Todavia, outros escolásticos, sem cair em heresia, mantêm que o Sol formalmente não é quente e a Igreja não os proíbe de sustentar isto. O próprio Aristóteles, autor desta doutrina, não coloca no Sol

²⁷² PEDRO LOMBARDO, *Sententiae in IV Libris distinctae, collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, Grottaferrata* 1971, I, II, dist. XIV, c. 4, p. 396.

²⁷³ AMBRÓSIO, *Hexaëmeron*, IV, c. 8, n. 31 (PL 14, 216-217).

²⁷⁴ Não existe qualquer comentário de Filopono ao *De caelo* de Aristóteles.

²⁷⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 65, a. 3-4 (ST 2, 279-280; L 5, 150-153); q. 66, a. 2-3 (ST 2, 280-281; L 5, 156-160); q. 67, a. 2 (ST 2, 282; L 5, 163-164); q. 70, a. 3 (ST 2, 286; L 5, 179-181); q. 71, a. unicus (ST 2, 286-287; L 5, 182-183).

²⁷⁶ *Gn.*, 1, 16.

²⁷⁷ *SL.*, 18, 7.

²⁷⁸ *Sb.*, 2, 3.

²⁷⁹ *Sr.*, 43, 3-4.

²⁸⁰ *Sb.*, 17, 5.

nem mesmo a luz, como parece claro no texto 42 do livro II *Sobre o céu*²⁸², onde ensina que a luz e o calor são produzidos pelo atrito do ar; Simplicio e o próprio Alexandre contestam que Aristóteles assim pense. Além disso, Averróis no livro *Sobre a substância das esferas celestes* sustenta que Aristóteles não admitiu a luz e o calor no Sol, mas os autores mais recentes, que não aceitam esta doutrina, lhe restituíram a luz. Todavia, se é necessário restituir a luz ao Sol para não contradizer as Escrituras, deve-se restituir-lhe também o calor. De fato, Aristóteles negou a luz ao Sol para não ter que dizer que este é constituído de fogo. Todavia, muitos modernos, em oposição a Aristóteles e ao sentido literal das Escrituras, pensam de outro modo e nem por isto são proibidos. Galileu, ao contrário, demonstra as suas doutrinas a partir dos sentidos; é, então, proibido observar o livro de Deus? Omito outras opiniões, sustentadas pelos antigos como doutrinas de fé, mas já demonstrado que são falsas pela experiência comum, isto é, que os antípodas não existem, que não é possível habitar abaixo do equador, que o paraíso ou o inferno estão no outro hemisfério ou nas ilhas Afortunadas. Além disso, omito também que Procópio, Eusébio e outros sustentaram que a Terra está apoiada sobre as águas, com base no que diz a Escritura, sendo que outros mostram o contrário; não foram condenados e hoje são apoiados pela experiência. O que é a favor de Galileu.

Demonstra-se o segundo ponto – Antes de mais nada, se a Terra está no centro do mundo ou fora dele, não só nada tem a ver com os dogmas da fé, como dizia São Tomás na *quarta asserção*, mas é também sustentado ulteriormente pelos Padres e pelos escolásticos. Primeiramente Lactâncio, no capítulo 22 do livro III²⁸³, Procópio, Deodoro (bispo de Tarso), Eusébio (bispo de Emissa), Justino nas *Questões aos ortodoxos*²⁸⁴ e outros, sustentam que a Terra não ocupa o centro do mundo, nem que o céu seja esférico. A mesma opinião é sustentada por Crisóstomo nas homilias 6 e 13 sobre o *Gênesis*²⁸⁵ e na homilia 31 sobre a *Carta aos Romanos*²⁸⁶, onde sustenta que os mortais não sabem onde é a Geena, como ensinam Agostinho no capítulo 16 do livro XXIII da

²⁸¹ AMBRÓSIO, *Imnyus XI*, 3 (PL 16, 1476).

²⁸² ARISTÓTELES, *De caelo*, II, 7, 289a.

²⁸³ LACTÂNCIO, *Divinae Institutiones*, III, c. 23 (PL 6, 421-425).

²⁸⁴ JUSTINO, *Apologia pro christianis*, n. 70 (PG 6, 434-435).

²⁸⁵ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae in Genesim*, hom. VI, n. 4 (PG 53, 58-60), hom. XIII, n. 3 (PG 53 108-109).

*Cidade de Deus*²⁸⁷ e o Mestre no livro IV, distinção 44²⁸⁸ e São Tomás no *Opúsculo XI*, artigo 25²⁸⁹. Do termo *inferno* depreende-se que a Geena está no centro ou numa outra parte da Terra e pelo fato de que o apóstolo, no capítulo quarto da *Carta aos Efésios*, disse que Cristo desceu às *partes inferiores da Terra*²⁹⁰. Lá, portanto, se situa o inferno, a não ser que admitamos outras terras. Davi fala da descida de Cristo²⁹¹ aos infernos segundo o comentário de Pedro no capítulo segundo dos *Atos: Não abandones a minha alma no inferno*²⁹². Portanto, não se sabe se a Terra ocupa o centro do mundo. Mas se alguém pusesse as trevas infernais, chamadas por Cristo de *exteriores*, fora do mundo, como em certa ocasião conjectura Orígenes no *Comentário a Mateus*²⁹³ e Crisóstomo no *Comentário à Carta aos Romanos*²⁹⁴, disto seguir-se-ia a existência de outros sistemas fora do nosso mundo, e isto é condenado pelos censores de Galileu, porque não examinaram atentamente a Escritura e os livros dos santos Padres. Mas, para além da controvérsia, Crisóstomo, na sétima homilia sobre a I *Carta aos Tessalonicenses*²⁹⁵, diz que, acerca da Terra, pode-se conhecer apenas isto: que é fria, seca e escura e nada mais; em particular, que não se conhece qual é o seu lugar e local no mundo, etc. Portanto, a Escritura não nos ensina se ela está no centro ou na circunferência. O próprio Crisóstomo ensina que é incerto se ela se move ou se está parada. De fato, além das três condições supracitadas, isto é, ser fria, seca e escura, sustenta que não se pode saber mais nada. Com Crisóstomo concorda também Teofilato²⁹⁶ e outros, como Lactâncio, Agostinho, Procópio, Teodoro²⁹⁷ e Eusébio, enquanto Justino sustenta que a Terra não ocupa o centro do mundo. Não entendo por quê hoje os nossos teólogos, sem prévias demonstrações matemáticas ou experimentos

²⁸⁶ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae XXXII in epistola ad Romanos*, hom. XXXI, n. 4 (PG 60, 672-674).

²⁸⁷ AGOSTINHO, *De civitate Dei*, XXIII, 16 (PL 41, 387-388).

²⁸⁸ PEDRO LOMBARDO, *Setentiae in IV Libris distinctae*, cit. 1. IV, dist. XLIV, c. 1, p. 516-517.

²⁸⁹ TOMÁS DE AQUINO, *Responsio ad lectorem venetum de art. XXXVI*, a. 25 (ST 3, 639; L 42, 344).

²⁹⁰ *Ef.*, 4, 9-10.

²⁹¹ *SL.*, 15, 10.

²⁹² *At.*, 2, 27.

²⁹³ ORÍGENES, *Veteris interpretationis commentariorum Origenis in Matthaicum*, 69 (PG 13, 1710-1711).

²⁹⁴ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae XXXII in epistola ad Romanos*, hom. XXXI, n. 5 (PG 60, 674-676).

²⁹⁵ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae XI in epistolam primam ad Thessalonicenses*, hom. VII, n. 3 (PG 62, 437-438).

²⁹⁶ Teofilato da Bulgária (c. 1038-1108), discípulo de Psello e mestre do príncipe Constantino, filho de Miguel VII, tornou-se arcebispo de Ocrida, na Bulgária, em 1078. Cfr. TEOFILATO, *Enarratio in Evangelium Matthei*, c. 27, v. 50-53 (PG 123, 473).

e sem revelações, sustentam saber com certeza que a Terra está no centro e que é imóvel e que a doutrina contrária está em conflito com os Padres e os escolásticos que jamais leram. Por outro lado, se é verdadeira a doutrina daqueles que colocam o inferno no centro da nossa Terra, no qual o fogo queimaria os condenados, como Gregório e outros parecem sustentar, então seria oportuno que a Terra fosse móvel. De fato, Pitágoras, como atesta Aristóteles²⁹⁸, que coloca no centro da Terra o lugar da condenação e atribui ao fogo a causa do movimento, crê que a Terra é móvel e animada, como também Ovídio sustenta no livro XV das *Metamorfoses*²⁹⁹, Orígenes no *Comentário a Ezequiel*³⁰⁰, Alexandre de Afrodísia e Platão. Mas São Tomás no *Opúsculo XI*, artigo 25, coloca o inferno em um outro lugar desconhecido, pois supõe que isto é contra a natureza e não pode se atribuir a um milagre. Portanto, se o inferno está no centro da Terra, é necessário que esta seja quente e móvel conforme o que diz Gregório e outros, pela razão alegada por São Tomás. Deste modo, a doutrina de Galileu não se opõe à de Gregório, mas ao aristotelismo.

Que, no entanto, o céu estrelado é imóvel, o ensinam Procópio, Deodoro, Eusébio, Justino e Crisóstomo na homilia já citada e na homilia 12 *Ao povo de Antioquia*³⁰¹. Nas homilias 14 e 27 sobre a *Carta aos Hebreus*³⁰² demonstra, com base na Escritura e em argumentos racionais, que o céu é imóvel. De fato, o Apóstolo, no capítulo oitavo da *Carta aos Hebreus*³⁰³, falando do céu, diz que é o tabernáculo de Cristo sacerdote que *Deus fixou e não o homem*: aqui portanto, como no capítulo 12, o céu é dito fixo e não móvel. Também Agostinho, no capítulo primeiro do Livro II do *Comentário literal ao Gênesis*³⁰⁴ narra que foi provado, com demonstrações certíssimas, pelos matemáticos de seu tempo, que o céu é imóvel e que nisto não se deve nem rejeitar, nem abraçar completamente os filósofos, para não expor à zombaria nós mesmos e a teologia. Além disso, os

²⁹⁷ Trata-se de Teodoro de Mopsuéstia (c. 350-428), discípulo com João Crisóstomo de Deodoro de Tarso, é um dos mais notáveis representantes da escola antioquena que na exegese escriturística buscava sobretudo o sentido histórico-literário, em contraposição com a escola alexandrina que fazia largo uso da interpretação alegórica.

²⁹⁸ ARISTÓTELES, *Metaphysica*, I, 8, 989b-990a.; *De caelo*, II, 9, 290b.

²⁹⁹ OVÍDIO, *Metamorphosi*, XV, 148, 239-244, 342-355.

³⁰⁰ ORÍGENES, *In Ezechielium*, hom. IV, 1 (PG 13, 695-698).

³⁰¹ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae XXI de Statuis ad populum Antiochenum*, hom. XII, 1 (PG 49, 127-128).

³⁰² J. CRISÓSTOMO, *Homiliae XXXIV in epistola ad Hebraeos*, hom. XIV, n. 8 (PG 63, 111); hom. XXVII, 4 (PG 63, 188-189).

³⁰³ *Hb.*, 8, 2.

citados Padres sustentam que o céu não é móvel, nem esférico, uma vez que, de outra forma, se contradiria os Profetas, Moisés e o Salmo 103³⁰⁵ que, com base no texto de Crisóstomo, diz: *Estabeleceu o céu como uma abóbada e extenso como uma tenda*. Justino recorda que sobre esta passagem houve uma vez uma controvérsia entre cristãos e pagãos. Copérnico então demonstra isto pelo nome, porque o céu cobre todas as coisas. Também nós, com Basílio, pelo fato de que foi estendido graças ao calor; além disso Beda e Estrabão e os citados Padres sustentam que se denomina céu estrelado o que Moisés chama *firmamento*³⁰⁶, pelo qual termo demonstram que é imóvel e imutável. Também Paulo diz: *Deus o fixou*³⁰⁷, Davi: *Os céus foram fixados pela Palavra do Senhor*³⁰⁸. Se os modernos contradizem estas coisas, nem por isso serão declarados heréticos. É por isso inacreditável que a doutrina de Galileu seja considerada contrária à todos os Padres, enquanto os Padres sustentam o contrário. Até mesmo Xisto de Sena, na *Biblioteca Santa*³⁰⁹, atesta que esta foi a opinião comum deles. Enfim, Pedro Lombardo, mestre de todos os escolásticos, que conhecia perfeitamente as doutrinas dos Padres, no livro II das *Sentenças*, distinção 14, diz: *Espírito Santo não quis dizer qual é a forma do céu*³¹⁰. Logo em seguida, perguntando-se se o céu seria fixo ou móvel, afirma que, com base na Escritura, ambas as opiniões podem ser sustentadas, em primeiro lugar, porque é chamado firmamento e, em seguida, porque parecem ser as estrelas e não o próprio céu que se movem; é possível que o céu esteja parado e as estrelas se movam, na medida em que elas não são como nós numa tábua. Satisfaz, assim, como melhor pode, a observação que percebe o movimento das estrelas e o texto, que supõe o firmamento imóvel. Portanto, ele está inclinado para a doutrina de Galileu. Portanto, nem pelos Padres, nem pelos escolásticos vem definido que a Terra esteja parada e o céu se move, como ao contrário sustentam os adversários.

³⁰⁴ AGOSTINHO, *De Genesi ad literam*, 1. II, c. 1 (PL 34, 263-264).

³⁰⁵ *SL.*, 103, 2.

³⁰⁶ *Gn.*, 1, 6-8.

³⁰⁷ *Hb.*, 8, 2.

³⁰⁸ *SL.*, 32, 6.

Demonstra-se o terceiro ponto – São Tomás, no comentário ao livro II *Sobre o céu*, das lições vigésima à última³¹¹, onde examina a opinião de Aristóteles acerca do movimento da Terra e da estabilidade do firmamento, não sustenta jamais que ela contradiga a Escritura, como costuma notar em outras doutrinas dos filósofos e de Aristóteles; de fato, começou a comentar Aristóteles com esta finalidade; até mesmo no *Opúsculo X*, artigo 16³¹², onde seria o lugar para explicar se contradiz a Escritura (perguntava de fato se a Terra se move com movimento circular ou pode ser movida por um anjo), afirma que isto é apenas contrário a Aristóteles e não à Escritura. De fato, São Tomás observa com propriedade que uma particular doutrina sobre o lugar ou movimento dos elementos não é contrária à Escritura, se ela não altera a ordem do universo estabelecida por Deus. Por outro lado, quaisquer teólogos que sustentem a imobilidade do firmamento ou não ser contrário à fé afirmar que está parado, necessariamente sustentam, por consequência, que a Terra se move, ou que não é contrário à fé afirmar este movimento. Ao número desses teólogos pertencem o Mestre das *Sentenças*, Crisóstomo, Lactâncio, Procópio e Agostinho. Pelo que Xisto de Sena afirma corretamente no livro V que não é contrária à Escritura a estabilidade dos céus³¹³, como o consideram os incultos. Mas os santos Beda³¹⁴ e Estrabão³¹⁵ afirmam que o firmamento é o céu estrelado. Quanto aos que afirmam que o firmamento é distinto (estes, de fato, desconhecem como compreender de que modo as estrelas parecem mover-se, se estão no firmamento, como o compreende o Mestre, que não as considera como nós numa tábua) são obrigados a sustentar que ele esteja além do céu que nós vemos e que seja sem estrelas, embora Moisés tenha colocado as estrelas no firmamento. Portanto, Beda e Estrabão, elogiados por São Tomás, asseguram melhor o significado da Escritura, isto é, que o firmamento seja o céu estrelado. Quando porém os Padres,

³⁰⁹ XISTO DE SIENA, *Bibliotheca sancta ex praecipuis catholicae ecclesiae autoribus collecta, et in octo libros digesta, quorum inscriptione duodecima pagina indicabit*, sumptibus Petri Landry, Ludguni 1593, 1. V, annotatio III, p. 326, annotatio XIV, p. 331.

³¹⁰ PEDRO LOMBARDO, *Setentiae in IV Libris distinctae*, cit., 1. II, dist. XIV, c. 5, p. 396.

³¹¹ TOMÁS DE AQUINO, *Setentia super librum de Caelo et mundo*, 1. II, lect. 20-28 (ST 4, 38-43; L 3, 80-112).

³¹² TOMÁS DE AQUINO, *Responsio ad eundem magistrum Ioannem de Vercellis de articulis XLIII*, a. (ST 3, 642; L 42, 330).

³¹³ XISTO DE SIENA, *Bibliotheca sancta*, cit., 1. V, annotatio XIV, p. 331.

³¹⁴ BEDA, *In Pentateuchum Commentarii*, Genesis, c. 1 (PL 91, 191-193).

³¹⁵ ESTRABÃO, *Glossa ordinaria*, c. 1 (PL 113, 67-76).

para salvar as aparências, pela qual parece que as estrelas se movem, dizem que é possível que as estrelas se movam e não o firmamento, isto pode ser verdadeiro para os planetas, como comentam São Tomás e Xisto; de fato, São Tomás vislumbrou que isto seria como que absurdo. De fato, há inumeráveis estrelas no firmamento, especialmente na galáxia, que nas suas constelações conservam sempre o mesmo lugar, ordem e movimento, embora em relação ao equador e ao zodíaco mudem a latitude e local. Em tão grande multidão não pode ser conservada a ordem perpétua; de fato, estando algumas mais distantes e outras mais próximas da Terra, deve ao menos verificar-se alguma mudança de paralaxe e portanto parecem mudar de lugar para quem as observa. Além do mais, não podem todas mover-se com o mesmo movimento, pois algumas são grandes, outras menores e de forças desiguais, e dessa maneira também os planetas; pelo que é necessário que tenham movimentos diversos assim como são diversos os movimentos dos planetas por causa da sua diferença de grandeza e força, quer movam-se por si, quer sejam movidas pelo Sol. Da mesma razão se serve Simplício para demonstrar que o céu não é de fogo, porque as estrelas se moveriam como peixes no mar com muita diversidade e desigualdade e não estariam perpetuamente no mesmo lugar. Mas a nossa razão é melhor do que a de Simplício. Portanto, se o firmamento está parado, como dizem os Padres, também as estrelas que estão nele são imóveis. Portanto, Crisóstomo e os outros Padres anteriormente citados e o Mestre das *Sentenças*³¹⁶, que consideram ser conforme a fé católica sustentar a imobilidade do firmamento, com maior razão é oportuno que afirmem a mesma coisa a respeito das estrelas. Segue-se, portanto, disso que a Terra move-se circularmente como uma nau e que em relação a esta as estrelas parecem mover-se como uma torre na praia ou numa ilha. Esta é, portanto, a causa das aparências que satisfazem a Escritura no que concerne à imobilidade do firmamento, onde Deus colocou as estrelas, sem qualquer distorção ou incoerência, o que São Tomás vislumbrou e escondeu, como costumava fazer por respeito aos Padres, como diz no *Opúsculo I*, falando de si³¹⁷. Portanto os Padres e os mestres dos escolásticos, Tomás e Pedro

³¹⁶ PEDRO LOMBARDO, *Setentiae in IV Libris distinctae*, cit., I, II, dist. XIV, p. 397.

³¹⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Contra errores Graecorum ad Urbanum IV Pont. Max.*, prooemium (ST 3, 501; L 40, A 1).

Lombardo, são mais favoráveis a Galileu do que contrários a ele e a Escritura é mais favorável a estes do que aos adversários de Galileu.

RESPOSTA AO TERCEIRO ARGUMENTO

Ao terceiro argumento respondo que no *Salmo* se diz que *o orbe da Terra foi fixado*³¹⁸ no que diz respeito ao lugar e à ordem que este conserva estáveis e perenemente semelhantes a si e assim, embora se diga no outro *Salmo Fundou a Terra sobre sua estabilidade e não a moverá nos séculos dos séculos*³¹⁹, deve-se entender: exceto no fim do mundo, quando o céu e a Terra serão subvertidos, como canta a Igreja com base no Profeta³²⁰. É preciso que os adversários admitam esta interpretação. De fato, estes mesmos que sustentam que o firmamento se move, respondem a este argumento sustentando que por este motivo se chama firmamento, uma vez que mesmo no movimento conserva estável a mesma ordem³²¹. Além disso, lemos no livro de *Jó* que *os céus são muito sólidos como se fossem de bronze fundido*³²², todavia, Basílio ensina, com base na autoridade de Isaías, que são constituídos de fogo muito rarefeito³²³ e interpreta de um outro modo a estabilidade deles. Também é favorável a Galileu e a Crisóstomo o que se diz no capítulo oitavo dos *Provérbios*: *Estava presente quando dava ordens aos céus, quando fechava, com leis imutáveis, os abismos nos seus confins, quando estabelecia no alto a atmosfera e suspendia as nascentes de*

³¹⁸ *SL.*, 92, 1.

³¹⁹ *SL.*, 103, 5.

³²⁰ Cfr. *JL.*, 3, 16.

³²¹ Cfr. *Theol.*, 1. III, *Cosmologia*, pp. 118-127.

³²² *Jó.*, 37, 18.

³²³ BASILIO, *In Hexameron*. Hom. III, n. 5, (PG 29, 64-66).

*água*³²⁴. Aqui temos que Deus fixou o céu etéreo e suspendeu as fontes d'água, como veremos mais adiante, etc. Davi diz: *Os céus foram fixados pela Palavra do Senhor*. Portanto, na Escritura lê-se não mais acerca da estabilidade da Terra do que da estabilidade do céu. Nem por isso são declarados contrários à Escritura aqueles que sustentam a mobilidade do céu; portanto nem também os que sustentam que a Terra se move: de fato, ela suporta ambas as interpretações. Além do mais, no *Salmo 135* está escrito: *Aquele que firmou a Terra sobre as águas*³²⁵. Mas os adversários de Galileu negam o *sobre as águas* e pela mesma razão Galileu nega o *firmar*, sustentando que este é usado apenas aparentemente. A passagem que diz: *A Terra permanece firme eternamente*³²⁶ é interpretada sem dúvida no sentido de que ela é de uma condição contrária à morte. De fato, algumas coisas morrem, outras nascem, diz Salomão, *a Terra, ao contrário, permanece*, e nem morre totalmente, nem permanece na sua ordem. De fato, se a Geena ocupa o centro da Terra, como muitos acreditam e é sustentado também por um ditado popular, é preciso que se considere como de fé (se a razão de São Tomás é válida) que a Terra, quente no seu centro, esteja colocada fora do centro do mundo e móvel, como o são o fogo e a natureza de uma coisa animada. Além disso, se a São Tomás, como diz no *Opúsculo XI*, artigo 24³²⁷, não parece que a Geena esteja no centro da Terra, uma vez que considera esta fria, faz tender para o centro desta todos os corpos pesados do mundo, considera que o universo não pode ser privado da sua finalidade e considera que não pode se verificar qualquer milagre porque isto foi estabelecido desde a origem (*Tofet foi preparada já há muito tempo*, se diz no capítulo 30 de *Isaias*³²⁸) – na origem, de fato, não acontece milagre, mas opera a natureza, como atesta Agostinho³²⁹ – então São Tomás deve, ou consentir que a Terra é quente e móvel também na superfície, ou que o inferno não pode estar situado no seu centro.

³²⁴ *Pr.*, 8, 27-28.

³²⁵ *SL.*, 135, 6.

³²⁶ *Ecl.*, 1, 4.

³²⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Responsio ad lectorem Venetum de art. XXXVI*, a. 24, (ST 3, 639; L 42, 344).

³²⁸ *Is.*, 30, 33.

³²⁹ AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, I, c. 15, n. 30 (PL 34, 257).

RESPOSTA AO QUARTO ARGUMENTO

Ao quarto argumento, como resulta do que já foi dito e do texto de Salomão, respondo que o termo *permanece* exclui a Terra do movimento de corrupção, isto é, da morte, mas não do movimento local. Com efeito, diz: *Uma geração passa e outra vem, a Terra, ao contrário, permanece eternamente*³³⁰, isto é, não morre. O contrário se diz, no livro de Jó, do homem corruptível: *Não permanece jamais no mesmo estado*³³¹. Aquilo que em seguida se acrescenta, no texto de Salomão, acerca do surgir e renascer do Sol e seu movimento para o norte, sem destruição das Escrituras, comporta vários sentidos. De fato, Agostinho³³², Lactânio³³³ e outros explicam que o Sol não gira sob a Terra, mas de lado para o norte, e que aí não pode ser observado por causa dos montes altos, assim como os antigos filósofos e Xenófanes disseram que não existiam os antípodas (como narra Aristóteles no livro II dos *Metereológicos*³³⁴) e Agostinho aprovava esta hipótese porque sustentava não poder conhecer qualquer antípoda. São Tomás no *Opúsculo X*, artigo 18, com base na doutrina de Ptolomeu, interpreta o texto no sentido de que um espírito angélico³³⁵

³³⁰ *Ecl.*, 1, 4.

³³¹ *Jó.*, 14, 2.

³³² AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram imperfectus liber*, c. 5, n. 21 (PL 34, 228); *De Genesi ad litteram*, I, c. 10, n. 21, (PL 34, 254).

³³³ LACTÂNCIO, *Divinae institutiones*, III, c. 24 (PL 6, 426).

³³⁴ ARISTÓTELES, *Metereologica*, II, 5, 362b.

³³⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Responsio ad eundem magistrum Ioannem de Vercellis de articulis XLIII*, a. 18 (ST 3, 641; L 42, 331).

move o Sol. Diz o mesmo no *Opúsculo XI*, artigo sexto³³⁶. Sustenta, todavia, exatamente nesta passagem, que quanto mais interpretações a Escritura receber neste texto e em outros, tanto mais escapará à zombaria dos filósofos seculares. Portanto, poderei eu explicar esse texto de outro modo a fim de fugir da zombaria dos Alemães, que já dão por garantido que a Terra se move e que o Sol esteja fixo no centro, como Copérnico, Reinhold, Stadius, Mästlin, Rothmann, William Gilbert, Kepler, e numerosos ingleses e franceses; e entre os italianos Domingos Maria de Ferrara, João Antônio Magini, o cardeal de Cusa, Colantonio Stigliola³³⁷ e outros, como dissemos no capítulo terceiro, *segunda tese*; entre os antigos estão Pitágoras e todos os seus seguidores³³⁸, Heráclito, Aristarco, Filolau, etc. cuja opinião São Tomás não condena como herética, como apareceu na *resposta ao segundo argumento*. Nem que fosse condenada, seria imediatamente herética. De fato, São Crisóstomo sustenta que é herético afirmar, contra a Escritura e contra a Igreja, a existência de vários céus e vários orbes. Filástrio considerou herético aqueles que não concordavam com ele sobre a idade do mundo³³⁹. Ambrósio pensa que é heresia afirmar que o Sol não é formalmente quente. Um certo moderno considera herético quem sustenta que a Lua brilha por luz refletida. Procópio, ao contrário, considera herético quem nega que a Terra esteja fundada sobre águas. Mas nem por isso são heréticos os escolásticos, que em tudo isso sustentam opinião contrária, seja porque a Igreja não determina uma única interpretação, seja porque a Escritura suporta múltiplos significados. É, portanto, lícito a Galileu explicar esse texto de outro modo, isto é, que o Sol se move em razão da percepção dos sentidos e da aparência. De fato, de modo semelhante, São Tomás, na *Suma de Teologia*³⁴⁰, Parte I, questão 70, artigo primeiro, *ad tertium*, diz que nisto Moisés se exprime com base no que aparece segundo o significado popular e não segundo o filosófico. Na

³³⁶ TOMÁS DE AQUINO, *Responsio ad lectorem Venetum de art. XXXVI*, a. 6, (ST 3, 638; L 42, 343).

³³⁷ Sobre Nicolau Stigliola ou Stelliola (1546-1623) e sobre o *enciclopedismo pitagórico napolitano* ver: G. BARONCELLI, *L'astronomia a Napoli al tempo di Galileo*, in Galileo e Napoli, F. Lomonaco e M. Torrini, Guida ed., Napoli 1987, pp. 197-200; S. RICCI, *La fortuna del pensiero di G. Bruno*, 1600-1750, Le Lettere, Firenze, 1990, pp. 81-83; ID., *Rivoluzione del cielo fisico, riforma del cielo morale. Scienza e vita civile da Giordano Bruno ai Lincei*, "Studi filosofici", XII-XIII (1989-90), S. RICCI, "Una filosofia milizia". *Tre studi sull'Accademia dei Lincei*, Campanotto, Udine, 1994, pp. 83-86. Veja-se também o parágrafo dedicado à contestação do Stelliola in *Metaph.*, 1. XI, c. VII, a. 7, pp. 41-42.

³³⁸ Cf. LAERCIO, VIII, 25.

³³⁹ FILÁSTRIO, *Diversarum Hereseon liber*, CXII, (CCL 9, 227-228).

resposta ao *quinto argumento*, sustenta com Crisóstomo³⁴¹ que a Lua é chamada por Moisés de *grande luminar* pelo seu efeito produzido em nós e segundo os nossos sentidos, sendo muitas estrelas maiores que a Lua. Indubitavelmente, se algum homem habitasse Júpiter, ele diria: *Deus fez cinco grandes luminares: o maior é o Sol, e os planetas Mediceus, os quatro luminares menores*. De fato, estes últimos apareceriam aos habitantes de Júpiter tão grandes quanto é a Lua para os sentidos de nós que habitamos na Terra³⁴². Por isso, os matemáticos dispõem quatro luas em torno de Júpiter e duas em torno de Saturno³⁴³, assim como Vênus e Mercúrio em torno do Sol. Assim, toda a Escritura (como demonstramos na *segunda tese*, com base no que dizem Crisóstomo, Agostinho, Tomás, Orígenes, Beda e todos os outros Padres) adapta o seu discurso quanto a gramática e ao sentido aparente, segundo a percepção sensível do povo. Deste modo, Deus, entregou o mundo, sua primeira escritura, à discussão dos homens, entregando às discussões dos sábios as outras interpretações da sua segunda escritura, sem todavia ultrapassar os limites da Igreja; assim Cristo, sabedoria encarnada de Deus (como ensina Orígenes) se mostrava homem aos homens rudes e aos meninos, enquanto aos doutores se mostrava profeta, e aos homens espirituais, Deus. O mundo, ao contrário, é sabedoria criada materialmente e tem múltiplas manifestações de acordo com as múltiplas capacidades dos homens. Do mesmo modo a Escritura que é sabedoria escrita.

³⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 70, a. 1 (ST 2, 285; L 5, 177-178).

³⁴¹ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae in Genesim*, hom. VI, n. 3 (PG 53, 57-58).

³⁴² *Quaestiones Physiologicae*, XI, a. 1, p. 112-117.

³⁴³ Cfr., G. GALILEI, *Opere*, X, p. 410.

RESPOSTA AO QUINTO E SEXTO ARGUMENTOS

Por essas razões, respondo ao quinto e sexto argumentos negando que pela permanência do Sol no centro sejam anulados aqueles dois milagres de Josué³⁴⁴ e de Ezequias³⁴⁵. De fato, diz-se que o Sol parou e retrocedeu segundo a percepção dos nossos sentidos, enquanto é verdadeiro que a Terra está parada e retrocedeu por um verdadeiro milagre. Não se trata de um milagre maior se o Sol parou no lugar da Terra. Como quando a Igreja canta: *Já o sol flamejante se põe*, tu interpretas o termo *flamejante* sem nenhuma heresia, isto é, por referência a nós e por isso de modo equívoco, assim também eu interpreto a proposição *parou e retrocedeu*, isto é, de modo equívoco por referência a nós e não em si mesmo; como diz Virgílio: *Avançamos no alto mar e terras e cidades se distanciam*³⁴⁶, enquanto somos nós que nos distanciamos e não as cidades. A minha interpretação afasta-se menos do texto. De fato, este *Hino* foi composto por Santo Ambrósio como está claro no último tomo das suas obras. Ao contrário, ele demonstra no *Exaêmeron*³⁴⁷ que o Sol formalmente e por si mesmo é de fogo e considera heréticos ou tolos todos os que têm uma opinião contrária, a ponto de condenar duramente os aristotélicos, como fizeram os Padres citados na *resposta ao segundo argumento*. Todavia, posto que a Igreja fez seu este *Hino*, do mesmo modo com o fez com o *Símbolo* de Atanásio, e ela mesma, fecundíssima de significados, abunda de múltiplas

³⁴⁴ *Js.*, 10, 13-14.

³⁴⁵ *Is.*, 38, 8.

³⁴⁶ VIRGÍLIO, *Eneide*, III, 72.

interpretações, não aprova que sejam heréticos aqueles que negam que o Sol é formalmente quente, desde que estes não condenem quem afirma o contrário. Assim, portanto, se alguém dissesse que não se verificou um milagre em Josué e Ezequias, senão segundo uma alucinação dos sentidos, este se colocaria em contradição com as Escrituras. Nós, ao contrário, sustentamos tanto que houve um milagre, quanto se verifica a mesma aparência, seja por causa do movimento de quem observa, seja por causa do movimento do observado, como ensina a ótica. De fato, os milagres são milagres para nós, não para Deus, para quem nada é extraordinário; e se dão para nós, não para Deus; até mesmo apenas para os incrédulos, como demonstra o Apóstolo³⁴⁸. É claro para nós que o Sol pare de mover-se por um aceno de Deus do mesmo modo como é móvel para nós, etc; da mesma maneira se diz que Deus criou a Lua *grande luminar* e nem por isso quem diz que ela é assim apenas para nós, como sustenta Crisóstomo, é contrário à ação divina e distorce a verdade; nem são melhores do que ele Epicuro e Lucrécio que supõem terem as estrelas o tamanho que aparentam. Diremos, portanto, que verdadeiramente a Lua é um *grande luminar* e aceitaremos a interpretação não matemática do ímpio Epicuro, de preferência à interpretação de Crisóstomo, retirada dos matemáticos, com o único escopo de aplaudir a percepção dos sentidos do povo? Também o sentido, por outro lado, julga que o arco-íris se forma numa nuvem cheia de orvalho que recebe e refrange os raios do Sol, como está claro na *Física*³⁴⁹. Mas a Escritura de Deus (*Gênesis* 9) diz que este é um sinal que Deus colocará nas nuvens toda vez que chover, em sua memória e para a nossa segurança, a fim de que se saiba que ele não irá mais inundar a Terra com as águas do dilúvio. Se alguém, por causa desse texto, negasse a explicação física, movido pelo receio de que o arco-íris pudesse ser atribuído ao Sol, e não a Deus, seria considerado louco e ignorante na Sagrada Escritura. De fato, qualquer coisa que a natureza faz é obra de Deus e é, ela mesma, lei e preceito divino, como demonstram Crisóstomo e Ambrósio no *Exaëmeron*. Se portanto se diz, no livro de Josué, que Deus parou o Sol a fim de que

³⁴⁷ AMBRÓSIO, *Hexaëmeron*, I, c. 6, nn. 20-21 (PL 14, 143-144).

³⁴⁸ Cf. *At.*, 14, 2.

³⁴⁹ *Physiologia epilogistica*, c. VII, a. 9, pp. 43-44.

não se movesse³⁵⁰, quem sustenta que isto acontece por causa da interrupção do movimento terrestre, não suprime o milagre, mas o explica; assim como o físico não exclui que o arco-íris seja obra de Deus, mas explica de que modo Deus opera, com quais instrumentos, sejam naturais ou racionais.

³⁵⁰ *Js.*, 10, 13-14.

RESPOSTA AO SÉTIMO ARGUMENTO

Ao sétimo argumento responde-se com facilidade. De fato, Débora³⁵¹ e Judas³⁵² falam do curso e do movimento dos planetas e não de todas as estrelas que estão no céu como nós em uma tábua, como considerava Aristóteles, mas que se movem de acordo com um movimento próprio, como sustentam o *Mestre das Sentenças*³⁵³, Agostinho³⁵⁴ e todos os Padres. São Tomás, na questão 70, artigo primeiro, está mais de acordo com Ptolomeu do que com Aristóteles, com base na autoridade de Crisóstomo, de que as estrelas não são como nós em uma tábua, assim como, com ele, afirmavam todos os Pitagóricos; nesse artigo informa também que é na parte inferior do firmamento que se diz que os planetas se movem, e não na superior.

Quanto a Esdras³⁵⁵, concedamos que o Sol faça mover circularmente o céu. Mas nesta passagem não se diz que o Sol se move, e sim que faz mover (e também, isto pode ser compreendido no sentido de que o Sol move circularmente os planetas com a sua luz, o que foi demonstrado por Plínio no livro II³⁵⁶) e que faz girar junto com os planetas também as suas esferas, ou antes o ar e o vapor, que formam em torno dos planetas um círculo vaporoso, como Galileu³⁵⁷ e os Pitagóricos demonstram e Copérnico dá a entender falando do grande orbe terrestre. Crisóstomo

³⁵¹ Cfr. *Jz.*, 5, 20.

³⁵² Cfr. *Jd.*, 1, 13.

³⁵³ PEDRO LOMBARDO, *Sententiae in IV Libris distinctae*, cit., 1. II, dist. XIV, c. 11, p. 400.

³⁵⁴ AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, II, c. 14, nn. 28-29 (PL 34, 274ss.).

³⁵⁵ *3Esd.*, 4, 34.

³⁵⁶ PLÍNIO, O VELHO, *Naturalis Historiae*, II, 4.

³⁵⁷ Galileu havia suposto a existência de uma atmosfera lunar. Cfr. G. GALILEI, *Sidereus Nuncius*, in *Opere*, III, p. 70.

responderia que é suficiente que faça girar as estrelas para que se possa afirmar que move o céu no qual elas estão; ele quer de fato que este esteja imóvel na sua totalidade. Na realidade, os matemáticos, que no tempo de Agostinho demonstraram com provas certíssimas como ele mesmo diz, que o céu é imóvel, não puderam demonstrar isto senão referindo-se ao céu estrelado e às estrelas fixas, e não aos planetas. Nem se pode demonstrar matematicamente, de maneira nenhuma, que o céu é imóvel, senão a partir da relação das estrelas fixas e dos planetas com a Terra, como procedem Copérnico, Galileu e os Pitagóricos. Portanto, com o termo certissimamente, Agostinho subentende suficientemente ser também ele da mesma opinião, embora não fosse propriamente um matemático; todavia, nesta passagem, nos adverte a não sustentar a opinião contrária como se fosse de fé, como foi dito na *tese segunda* e na resposta ao *segundo argumento*. Veja-se o livro II do *Comentário ao Gênesis*, capítulo décimo, de Agostinho³⁵⁸.

Pelo que concerne ao curso veloz do Sol, do qual se fala em Esdras, é suficiente compreendê-lo como movimento de rotação sobre ele mesmo, o que Telésio demonstrou através de experimentos sensíveis³⁵⁹ e Galileu através do movimento de translação das manchas solares³⁶⁰. Portanto, o Sol se move em torno de si e não em torno da Terra e isto é suficiente; ou então diga-se, como acima, que se move aparentemente.

³⁵⁸ AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, II, 10, n. 23 (PL 34, 271-272).

³⁵⁹ B. TELÉSIO, *De rerum natura iuxta propria principia*, libri IX (Nápoles, 1586), L. de Franco, vol. I, Cosenza, 1965, II, 19, pp. 318-320.

³⁶⁰ G. GALILEI, *Istoria e dimonstrazioni intorno alle macchie solare*, in *Opere*, V, pp. 95-96.

RESPOSTA AO OITAVO ARGUMENTO

Ao oitavo argumento respondo que está tão longe de ser contrário às Escrituras sustentar que há águas nos corpos celestes, quanto sustentar o contrário seria mais contra as Escrituras e a fé católica. Portanto, é preciso que haja aí terras, porque as águas são contidas apenas pela solidez da terra e não pela tenuidade do céu muito rarefeito, nem pelo calor das estrelas que dissolveria as águas em vapor, embora alguns teólogos, por temor disto, digam que elas são congeladas.

Além disso, Moisés diz, no capítulo primeiro do *Gênesis*, que *o firmamento separa as águas que estão abaixo do firmamento daquelas que estão acima*³⁶¹. Davi, no *Salmo* exclama: *ele estende o céu como uma tenda e recobre de água a sua parte superior*³⁶²; e em outro lugar diz: *Águas que estão acima do céu, louvem o nome do Senhor*³⁶³. Daniel, no seu *Cântico*, repete o mesmo³⁶⁴ e assim toda a Escritura. Por isso Orígenes³⁶⁵, que interpreta *as águas acima do céu* como *anjos aquosos*, é contradito por São Basílio³⁶⁶. Santo Agostinho, que primeiro o explicou da mesma maneira no livro XIII das *Confissões*, retratou-se no livro II das *Retratações*, capítulo sexto³⁶⁷.

³⁶¹ *Gn.*, 1, 6-7.

³⁶² *Ls.*, 103, 2-3.

³⁶³ *Ls.*, 148, 4.

³⁶⁴ *Dn.*, 3, 60.

³⁶⁵ ORÍGENES, *In Genesim*, hom. I, n. 2 (PG 12, 147-149).

³⁶⁶ BASÍLIO, *In Hexaëmeron*, hom. I, n. 5, (PG 29, 13-16).

³⁶⁷ AGOSTINHO. *Confessionum libri XIII*, XIII, 4 (PL 32, 846-847), *Retractationes*, c. 6 (PL 32, 591).

São Tomás na I Parte, questão 68, da Suma de Teologia propõe três opiniões acerca da substância do firmamento³⁶⁸.

A primeira opinião é a de Empédocles e dos outros Pitagóricos, de acordo com a qual o firmamento seria composto dos quatro elementos. São Tomás ensina que, com base nessa doutrina, se tem uma interpretação clara e sem dificuldade da Escritura quanto às duas posições enunciadas por Moisés, isto é, a que considera a real presença das águas no céu e nas estrelas e a de que o firmamento foi criado no segundo dia, embora se diga que o céu foi criado no princípio, e que o firmamento, criado no segundo dia, foi chamado por Deus de *céu*³⁶⁹.

A segunda opinião é a de Platão, de acordo com a qual o firmamento é de natureza ígnea³⁷⁰. (Eu, todavia, leio no *Timeu*³⁷¹ uma opinião e uma explicação de Platão de acordo com o qual o firmamento seria constituído pelos quatro elementos, ainda que Ficino³⁷² interprete esta passagem dizendo que aí se refere às qualidades essenciais dos elementos, isto é, à transparência da água, à solidez da Terra, à mobilidade do ar, enquanto apenas o fogo apareceria na sua verdade no calor e na luz. São Tomás, seja como for, não conhecia diretamente Platão, como ele mesmo atesta, porque não tinha sido ainda traduzido para o latim). Mas, de acordo com esta opinião, o texto de Moisés não concorda em dois pontos, diz São Tomás. Em primeiro lugar, porque de acordo com a interpretação de Platão, fazer o firmamento é o mesmo que fazer o elemento do fogo. Portanto, a produção dos elementos é a obra da criação que está toda compreendida nas palavras: *No princípio Deus criou o céu e a Terra*³⁷³. De fato, de acordo com todos os Padres, pelo que diz respeito aos dias da criação, fala-se apenas da organização. Por isso segue-se daí o inconveniente de que seja feito no segundo dia, pois apresentar-se-ia como obra de organização e não de criação. Além disso, se ambas as passagens fossem entendidas no mesmo sentido, haveria uma frivolidade, pois

³⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 68, a. 1 (ST 2, 283, L 5, 168-169).

³⁶⁹ A opinião pitagórica é desenvolvida mais amplamente na obra teológica: cfr. *Theol.*, I, III, *Cosmologia*, c. V, a. 1, pp. 122-126.

³⁷⁰ PLATÃO, *Respublica*, X, 14, 616b-616e.

³⁷¹ PLATÃO, *Timaeus*, 28b, 32b-c, 53b.

³⁷² M. FICINO, *In Timaeum commentarium*, c. 24, in *Opera Omnia*, officina Henripetrina, Basilea, 1576, p. 1448-1449 (reimpressão anastática P. O. Kristeller, Bottega d'Erasmio, Torino, 1962, p. 444-445).

sustentar-se-ia a criação do elemento fogo depois de ter sido criado o elemento fogo. Em segundo lugar, pelo fato de que as águas acima dos céus não podem ser entendidas como águas verdadeiras; pois de que modo o firmamento ígneo poderia ser compatível com as águas? Por esta razão Basílio e Crisóstomo, que defendem esta doutrina do céu ígneo, respondem deste modo às objeções de São Tomás. De fato, acerca da primeira objeção Crisóstomo explica³⁷⁴ que Moisés primeiro falou de maneira geral: *Deus criou o céu e a Terra* e depois esclarece o modo como cada um foi criado. Basílio, porém, responde que no primeiro dia fala do céu empíreo imóvel, enquanto no segundo, do céu estrelado. À segunda objeção responde que as águas sobre o firmamento existem a fim de temperar o calor do céu empíreo e que estão congeladas e por este motivo não podem nem mesmo escorrer. Acrescenta, depois, que o firmamento pode ser entendido como ar denso e que as águas pluviais formam-se acima dele, donde o que se diz: *as águas acima do céu, etc.* Contudo, junto com Ambrósio e o Mestre, continua a dizer que são águas verdadeiras. Boaventura faz o mesmo, bem como Beda e a maior parte dos Padres os quais consideram também que o céu sidéreo é constituído de águas e que há águas congeladas acima dele. Agostinho porém, que no livro II do *Comentário ao Gênesis*, capítulo terceiro³⁷⁵, concede que as estrelas sejam feitas de fogo e o céu sidéreo seja ígneo, logo em seguida é induzido a acreditar que as águas acima do céu se elevam em gotículas com os vapores densos acima do ar, que pode também ser chamado firmamento. O Mestre das *Sentenças* repete esta opinião sem criticá-la³⁷⁶. Por isso, os Padres e os escolásticos contorcem-se de vários modos para salvar o texto de Moisés dos absurdos que se seguem, caso se mantenha que o céu sidéreo é móvel e não composto dos elementos.

São Tomás relata uma terceira opinião, a de Aristóteles, isto é, que o céu é composto de uma quinta essência inalterável³⁷⁷. Admite que, segundo esta opinião, o texto da Escritura tem menos possibilidade de ser salvo. De fato, diz-se que o firmamento foi composto no segundo dia a

³⁷³ *Gn.*, 1, 1.

³⁷⁴ J. CRISÓSTOMO, *Homiliae in Genesim*, hom. II, n. 2 (PG 53, 28-29).

³⁷⁵ AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, II, c. 3, n. 6 (PL 34, 265).

³⁷⁶ PEDRO LOMBARDO, *Sententiae in IV Libris distinctae*, cit., 1. II, dist. XIV, c. 4, p. 396.

³⁷⁷ ARISTÓTELES, *De caelo*, 1, 2, 369a.

partir de uma matéria já existente. Ao contrário, a matéria foi criada no primeiro dia, ou melhor, como diz São Tomás, foi criada antes de todos os dias, como está dito: *No princípio Deus criou o céu e a Terra; a Terra porém era disforme e vazia e o Espírito de Deus pairava sobre as águas*³⁷⁸. Nesta passagem Agostinho entende por terra e água, a matéria, que ao povo rude não podia ser explicada senão sob uma forma corpórea, como diz também São Tomás na questão 68, artigo primeiro³⁷⁹. Ele, no mesmo artigo, prossegue a indagação sobre o assunto do seguinte modo: o céu, de acordo com Aristóteles, é incorruptível por si, por isso possui uma matéria que não pode sofrer alteração de forma; portanto, é impossível que o firmamento tenha sido feito no segundo dia³⁸⁰. Além disso, não se pode afirmar que acima do firmamento Moisés coloque águas verdadeiras, o que é contrário ao ensinamento da Escritura e dos Padres. Nem é verdade quando dizem que as águas sob a forma de pequenas gotas ascendem do mundo inferior acima do firmamento. Outros dizem, a favor de Aristóteles, que as águas que estão acima do firmamento constituem o céu empíreo, que é chamado aquoso pela sua transparência similar à água. Outros o chamam cristalino pela mesma razão e o mantém imóvel. São Tomás, vendo que a doutrina de Aristóteles dificilmente poderia ser defendida, defende todas e, a favor desta, responde que o firmamento divide as águas das águas, isto é, a matéria prima que, de acordo com Agostinho, vem designada com o nome de água³⁸¹, caso se aceite que o firmamento é constituído pela quinta essência.

Mas todas essas teses que se propõem com o fim de concordar a doutrina de Platão e de Aristóteles com Moisés, estão cheias de inextricáveis dificuldades e torcem o texto num sentido místico ou mesmo sem sentido nenhum. Agostinho, ao contrário, no livro *A doutrina cristã*³⁸², ensina que onde é possível interpretar o texto literalmente, não se recorra ao sentido místico, senão depois que tenha sido apresentado e esclarecido o sentido literal. No livro II do *Comentário ao*

³⁷⁸ *Gn.*, I, 1-3.

³⁷⁹ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 68, a. 1 (ST 2, 283; L 5, 168-169).

³⁸⁰ Sobre o argumento Campanella já tinha se pronunciado na sua obra teológica, cfr. *Theol.*, III, *Cosmologia*, c. III, a. 2, in part. pp. 90-91.

³⁸¹ AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, II, c. 11, n. 24 (PL 34, 272-273).

³⁸² AGOSTINHO, *De doctrina christiana*, I, 2; II, 12, (PL 34, 19-20, 43-44).

Gênesis há palavras de louvor para a doutrina de Basílio³⁸³ sobre o firmamento feito de ar, porque não está em contradição com a fé e concordando com o texto pode ser imediatamente acreditada. Também nós aprovamos a mesma doutrina nas *Questões*³⁸⁴ de preferência às outras porque não encontramos nada de melhor. Também Telésio a aprovou porque não contraria sua concepção de céu constituído totalmente de fogo. Mas agora, se as observações de Galileu são verdadeiras, percebo maiores dificuldades acerca das doutrinas acima citadas.

Antes de mais nada, aquilo que Crisóstomo diz acerca do que Moisés coloca como criado no segundo dia sendo o resumo daquilo que foi criado antes dos dias, além do fato de que está em oposição a muitos Padres, não parece verossímil, de fato, todos os Padres colocam nesses dias a organização do mundo, enquanto colocam a criação antes dos dias, como Agostinho³⁸⁵, Tomás e o Mestre³⁸⁶ ensinam. A resposta de Basílio, isto é, que antes dos dias foi criado o céu empíreo imóvel e no segundo dia o sidéreo, não agrada a todos; de fato, sustenta-se isto sem o testemunho da Escritura, mas apenas para defender a própria posição. Igualmente, Agostinho, no livro X d'*A cidade de Deus*³⁸⁷, identifica o céu empíreo ao céu sidéreo, com base na doutrina de Porfírio e diz que se chama empíreo, isto é, de fogo. Também as estrelas são de fogo. No capítulo 17 da *Sabedoria* lê-se acerca das *límpidas chamas das estrelas*³⁸⁸. Além disso, de acordo com Agostinho, o céu é chamado de etéreo porque é de fogo, e não por causa da velocidade do seu movimento, como considerava Aristóteles. Igualmente, empíreo significa ígneo; mas é próprio do fogo mover-se sempre, como demonstramos nas *Questões Físicas*³⁸⁹, pelo que, privado do movimento, se extingue, segundo Averróis; por isso o céu gira, porque é de fogo, e não pode parar, como diz Plotino nas *Ilas Enéadas*³⁹⁰, Xenócrates e Porfírio, em resposta a Aristóteles, que considerou que ele permanecia naturalmente em repouso no interior da sua esfera e que contra a natureza se movesse circularmente

³⁸³ AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, II, c. 4, n. 7 (PL 34, 265-266).

³⁸⁴ *Quaestiones Physiologicae*, XI, a. 1, p. 105-108.

³⁸⁵ AGOSTINHO, *De Genesi ad litteram*, I, c. 1; IV, c. 1-2 n. 6, 26; V, c. 3 n. 6. (PL 34, 246-247; 295-296, 298-299, 314; 323).

³⁸⁶ PEDRO LOMBARDO, *Sententiae in IV Libris distinctae*, cit., I, II, dist. XII, cc. 1-2, p. 384-385.

³⁸⁷ AGOSTINHO, *De civitate Dei*, I, X, 27, (PL 41, 304-305).

³⁸⁸ *Sb.*, 17, 5.

pelo céu. Portanto, não se concebe corretamente o céu empíreo, isto é, ígneo, como diverso do céu sidéreo que é manifestamente superior a tudo em calor e luz. No que concerne ao outro céu acima do sidéreo, não sabemos se brilha, nem se emana calor, porque nós não observamos a sua luz e este é imaginário. Por esse motivo, nem mesmo Basílio confiou poder defender esta posição e limitou-se, em seguida, a interpretar o firmamento como sendo o ar. Mas se isto é bastante para evitar as objeções, não o é para satisfazer o texto de Moisés. De fato, acima do ar não existem águas sob a forma de nuvens, a menos que se trate dos vapores que se elevam da Terra; mas o vapor não é água, embora dele se possa gerar a água. Mas pode gerar-se também do ar, de acordo com São Tomás e Aristóteles, que sustentam também que o ar gera e mantém as fontes subterrâneas. Portanto, Moisés não coloca verdadeiramente águas acima do firmamento, mas a matéria, da qual a água não pode se gerar de preferência ao ar e ao fogo, segundo São Tomás e Aristóteles. Portanto, o firmamento não divide as águas das águas, mas não importa o que de não importa o que e não importa quem pode imaginar não importa o que quiser e abusar das palavras, chamando de fogo a madeira, de água o vapor, etc. Ou a geração não será transmutação, mas segregação, como ensinaram os antigos, que são condenados por Aristóteles e São Tomás. Para estas doutrinas remete-se às nossas *Questões*³⁹¹ e à *Metafísica*³⁹². Além disso, nem mesmo acima do ar espesso há vapores aquosos, mas nele; ele, portanto, não separa as águas das águas. São afetados pelos mesmos incômodos os que sustentam que o céu é transparente e por isso, semelhante às águas e ao vidro. De fato, essa semelhança não confere o ser ao qual o termo água se refere. Também o ar e o Sol são transparentes e nem por isso são aquosos. Essa opinião parece pois fictícia, nascida não da autoridade da Escritura, mas da dificuldade que temos em não querer comentar o texto de Moisés com base na filosofia pitagórica, mas com base na aristotélica ou plotiniana; de fato, Platão concorda com Pitágoras, enquanto Plotino reduz o céu à pura natureza ígnea.

³⁸⁹ *Quaestiones Physiologicae*, XI, a. 1, p. 105-108.

³⁹⁰ PLOTINO, *Enneadi*, II, c. 2, v. 4-5, V. Cilento, Laterza, Bari, 1947, vol. I, p. 153.

³⁹¹ *Quaestiones Physiologicae*, XVI, aa. 10-12, p. 141-151.

³⁹² *Metaph.*, I, II, c. V, a. 8, pp. 197-199.

A escapatória que acrescentam, isto é, a de colocar águas verdadeiras, mas congeladas, não tem consistência, a menos que se definam as estrelas como mundos³⁹³, nas quais estão presentes águas naturais, assim como na Terra, as quais refletindo a luz, por causa da presença das águas e do ar, dão a impressão aos habitantes das outras estrelas de serem astros, como é a Lua para nós. Seria pois estranho que, contra a ordem do universo, a água gelada estivesse junto com o fogo sem se liqüefazer e neste escorrer. De fato, Agostinho não admite um milagre neste caso. O próprio Basílio permanece maravilhado, mas considera que não se podia encontrar nada de melhor. Aquilo, pois, que acrescentam para salvar o texto, segundo a opinião de Aristóteles, é ainda mais absurdo, como admite São Tomás. De fato, o primeiro argumento contra Aristóteles é considerado por São Tomás irresponsável, ao considerar os seis dias como sendo naturais e não angélicos, como sustentam todos os Padres; Crisóstomo, Beda, Jerônimo, Orígenes, Gregório, Ambrósio, Basílio, Procópio e todos os outros, exceto Agostinho, de acordo com o qual, com a doutrina dos seis dias angélicos, dificilmente Aristóteles pode concordar com Moisés. Devemos, portanto, condenar todos os Padres por ignorância e impiedade por admitirem opiniões impossíveis, contraditórias e falsas para defendermos Aristóteles e colocá-lo sobre a cátedra de Cristo acima dos santos doutores? Longe de nós tanta iniquidade e insensata cegueira. Além disso, de nenhum modo, de acordo com Aristóteles, pode-se colocar água acima dos céus, a não ser de modo equívoco, isto é, colocando águas espirituais. Mas isto é desaprovado por todos os Padres; de fato, é necessário considerá-las corpóreas e unívocas, se queremos ser cristãos e não aristotélicos. A nosso favor estão também os rabinos judeus e os filósofos pitagóricos, bem como Basílio, Ambrósio e outros Padres e escolásticos. Além disso, contra ambas as opiniões das quais não aceitou as escapatórias, São Tomás diz que é impossível que os vapores se elevem da Terra até acima do céu sidéreo, se este é constituído pela quinta essência ou ígneo³⁹⁴; antes seria impossível também se este fosse constituído dos quatro elementos, seja pela distância, seja porque os vapores se transformariam em um outro

³⁹³ Cfr. *Theol.*, I, III, *Cosmologia*, p. 124.

³⁹⁴ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 68, a. 4 (ST 2, 284; L 5, 172-173).

ente. Não há nem mesmo pequenas gotas, senão com base naquilo que dizem Anaxágoras e Empédocles, acerca dos quais discutiremos em outro lugar. Mas se estamos inclinados a seguir esta opinião, bastaria fazer elevar os vapores das próprias estrelas, uma vez admitido que elas são, como o nosso, mundos compostos pelos quatro elementos.

Enfim, o que São Tomás acrescenta, com base em Agostinho, em defesa de Aristóteles, não satisfaz, porque Moisés, através do firmamento, não separa a matéria prima, mas águas verdadeiras, como atestam todos os Padres. Parece absurdo isto que Davi diz: *[Tu] que recobres com as águas o que está acima*³⁹⁵, isto é, que recobre o céu com a matéria prima, e em outro lugar: *Águas que estão acima do céu, louvem o nome do Senhor*³⁹⁶. Pois, de que modo um ente informe, isto é, um quase nada, louvaria a Deus, se não fosse propriamente racional, como o *anjo aquoso* de Orígenes, ou ornado de beleza incomparável na qual se manifeste o louvor ao Senhor e se possa dizer que louva a Deus por prosopopéia, como interpreta Basílio? Além disso, que coisa admirável teria narrado Moisés e qual ensinamento teria disso tirado ao dizer que o firmamento separa as águas das águas, se na realidade significava a matéria da matéria? Está também claro que as águas que se encontram sob o firmamento foram constituídas como águas verdadeiras assim como os mares; por isso alguma coisa de semelhante deve encontrar-se acima do firmamento. A distinção só pode se estabelecer, de fato, entre coisas do mesmo gênero, não entre a linha e a brancura. Portanto, São Tomás, embora se incline para Empédocles, com cuja opinião se interpreta facilmente o sentido da Escritura cristã, parece, com sua modéstia, ter querido satisfazer os doutores e os filósofos para demonstrar que a Escritura abunda com múltiplos significados.

É evidente, pois, que não apenas Moisés está a favor de Empédocles e de Galileu, mas também Salomão e a experiência. Este último disse no capítulo sétimo dos *Provérbios*: *Quando colocou as camadas etéreas no alto e fechava os abismos com lei firme e suspendia as fontes das águas*³⁹⁷. Mas, segundo Agostinho e Porfírio, o céu estrelado é chamado de éter pelo seu ser

³⁹⁵ *SL.*, 103, 3.

³⁹⁶ *SL.*, 148, 4.

³⁹⁷ *Pr.*, 8, 27-28.

inflamado. Os abismos são imensidades de águas que nada impede de entender confinadas em quantidades maiores e em vários mundos, porque são contidas pelas terras, como a nossa Terra contém o nosso mar, e não entendê-las com um congelamento imaginário. As fontes de águas são pois chamadas de suspensas, talvez porque se encontram nas estrelas; de fato, todos os mundos estão suspensos em torno do seu próprio centro. Há outras interpretações, mas anteponhamos a descoberta das aparências. Além disso, é evidente que em torno do Sol giram pequenas nuvens, que não podem elevar-se da Terra, como São Tomás e a própria razão ensinam. Semelhantemente, em 1572, formou-se dos vapores uma estrela na constelação de Cassiopéia, sem paralaxe, como sustentam Tycho³⁹⁸ e numerosos outros matemáticos, que a viram e a observaram; portanto, nas estrelas há a presença de vapores. Ainda os instrumentos demonstram que os cometas se formam acima da Lua, o que era negado por Aristóteles; todavia os vapores não podem elevar-se da nossa Terra até aí. Portanto existem águas e terras sobre as estrelas tanto mais que se observam que outros cometas se mantêm ligados à outras estrelas³⁹⁹. Além disso, as pequenas gotas, que Agostinho e Ambrósio elevam, não podem ser produzidas a partir de nossa terra mas pelas águas que estão sobre as estrelas. Ainda, de acordo com o apóstolo Pedro, os céus *se desfazem em calor*⁴⁰⁰ e de acordo com Davi *morreram e consumiram-se*⁴⁰¹. Mas se são compostos da quinta essência, ou só de fogo, isso não pode acontecer sem distorcer o sentido da Escritura. São Clemente, Hilário e Catarino⁴⁰² entenderam isto como referindo-se aos céus superiores, não ao ar como Agostinho, portanto, etc. Além disso, Galileu mostra a presença de montes sobre a Lua; e no capítulo 49 do *Gênesis*⁴⁰³ e no capítulo 33⁴⁰⁴ do *Deuteronômio* faz-se menção de frutos, montes e colinas sobre os corpos celestes; portanto, estão de acordo com quanto o que foi dito por Galileu. Portanto, porque a Sagrada

³⁹⁸ T. BRAHE, *De nova et nullius aevi memoria prius visa stella, iam pridem anno a nato Christo 1572 mense novembris primum conspecta, contemplatio mathematica, Hafniae 1573*, in *Opera Omnia*, vol. 1, cit., pp. 1-72.

³⁹⁹ Para este argumento leia-se a *questio XXIV* das *Quaestiones Physiologicae*, pp. 219-240, dedicada inteiramente às estrelas.

⁴⁰⁰ *2Pd.*, 3, 10.

⁴⁰¹ *SL.*, 101, 27.

⁴⁰² A. CATARINO, *Enarrationes in quinque priora capita libri Geneseos, apud Antonium Blandium, Romae 1552*, Gregg Press Incorporated, Ridgewood (New Jersey) 1964, cap. I.

⁴⁰³ *Gn.*, 49, 25.

⁴⁰⁴ *Dt.*, 33, 13-15.

Escritura concorda literalmente em todos os seus textos apenas com Empédocles, enquanto concorda com os outros apenas se entendida num sentido místico ou fazendo violência ao sentido; ora, Empédocles foi pitagórico, como o é Galileu; portanto, deve-se louvar a Galileu que depois de todos esses séculos resgatou a Escritura através das experiências sensíveis da zombaria e da distorção e mostra aos sábios deste mundo que não eram sábios e que a Escritura não se deve adaptar a eles, como até agora sucedeu, mas que eles devem adaptar-se à Escritura. Isto não degrada a nossa morada, uma vez que os homens serão elevados, com Cristo sua cabeça, acima das estrelas e acima de todos os céus. Donde aparecer claramente que nós somos melhores que aqueles sábios.

RESPOSTA AO NONO ARGUMENTO

Ao nono argumento respondemos negando a conseqüência. Galileu, de fato, não sustenta vários mundos, mas todos os sistemas celestes em um único sistema e dentro de um único céu como que imenso⁴⁰⁵. Os teólogos, pelo contrário, sustentam três mundos, o primeiro elementar, o segundo celeste e o terceiro supraceleste ou espiritual, com base na opinião de Basílio e Clemente. Filão⁴⁰⁶, Josefo⁴⁰⁷, Clemente de Alexandria⁴⁰⁸, Jerônimo⁴⁰⁹ e Xisto de Sena⁴¹⁰ mostram que à imagem desses três céus foi construído por Moisés o tríplice tabernáculo⁴¹¹. Não obstante isto, Galileu não trata de nenhum argumento do ponto de vista teológico mas, mediante os seus extraordinários instrumentos, torna visíveis as estrelas, até agora ocultas, ensina que os planetas são semelhantes à Lua, que recebem luz do Sol, que giram uns em torno dos outros, que no céu há mutações dos elementos, que em torno das estrelas há vapores e nuvens, que se encontram muitos mundos, de modo que quase tocamos com as mãos a verdade daquilo que Moisés disse sobre o céu dos céus⁴¹², sobre as águas, os montes e outras coisas existentes nas estrelas. Nos torna capazes de interpretar a Escritura literalmente, sem violências, subterfúgios e falsas imagens, de resgatá-la das calúnias dos filósofos,

⁴⁰⁵ Campanella retoma a tese expressa no livro III da Teologia, segundo a qual, de acordo com Crisóstomo, encontram-se várias regiões celestes em um único céu. Cfr. *Theol.*, 1. III, *Cosmologia*, c. VII, a. 2, p. 150.

⁴⁰⁶ FILÃO, *De vita Mosis*, t. II, 1. III, 52.

⁴⁰⁷ J. FLAVIO, *Antiquitates iudaicae*, III, 6, 1-4.

⁴⁰⁸ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata*, 1. V, c. 6; 1. VI, c. 11 (PG 9, 55-68, 303-318).

⁴⁰⁹ JERÔNIMO, *Epistola LXIV, ad Fabiolam, De veste Sacerdotali*, n. 9 (PL 22, 612-613).

⁴¹⁰ XISTO DE SIENA, *Bibliotheca sancta*, cit., 1. III, 163b.

os quais, porque não acreditavam nestas coisas, estavam assim constrangidos a recorrer ao sentido místico, como faz agora a seita persa ao comentar as imagens impossíveis de Maomé a respeito dos céus e das coisas divinas. Além disso, é oportuno saber que em nenhum decreto dos cânones da Igreja se sanciona a impossibilidade da presença de vários mundos. Tampouco São Tomás, na I Parte, questão 47, artigo terceiro⁴¹³, onde trata disso, diz que esta opinião é contra a fé. Também o texto do *Evangelho de João* que diz: *O mundo foi feito por ele*⁴¹⁴ não nega que tenham sido feitos por ele outros mundos e idades, afirmando apenas que o nosso mundo foi feito por ele. Corretamente demonstra São Tomás ser erro de fé apenas afirmar a presença de vários mundos sem uma ordem da qual se derivasse um só, como fizeram Demócrito e Epicuro. De fato, disso segue-se que os mundos teriam sido feitos ao acaso, como querem eles, sem Deus como ordenador. Mas, sustentar vários pequenos sistemas dentro de um único sistema supremo, ordenado para Deus, não é contra a Escritura mas apenas contra Aristóteles⁴¹⁵. De fato, também o argumento de São Tomás (isto é, que não é possível, além desta Terra, a existência de outras em outros mundos, porque essas se uniriam a esta e deixariam os seus lugares) é tirado do livro I do *Sobre o céu*⁴¹⁶ de Aristóteles e não tem nenhum valor. De fato, o meu coração não vai ao lugar do teu. Todas as coisas tendem para o próprio centro e conservam e gozam da semelhança de suas partes. Os entes lunares tendem para o centro da Lua, os de Mercúrio para o centro de Mercúrio: fora da sua órbita não percebem coisa nenhuma que possa ser melhor para eles. Caso se estabeleça que as estrelas são da mesma natureza, como querem os peripatéticos, por que não tendem umas para as outras e as partes de uma, para as partes da outra?

Além disso, a Universidade de Paris, entre os artigos de São Tomás sujeitos à correção coloca o seguinte: que não pode haver outra Terra. De fato, impede-se assim o poder de Deus. Com efeito, dizem que na teologia não se discute o poder natural, mas o divino. Mas nem mesmo São

⁴¹¹ *Ex.*, capp. 25-27.

⁴¹² *Dt.*, 10, 14.

⁴¹³ TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 47, a. 3 (ST 2, 256-257; L 4, 448-449).

⁴¹⁴ *Jó.*, 1, 10.

⁴¹⁵ Para este argumento, cfr. *Theol.*, 1. III, *Cosmologia*, pp. 122-124.

Tomás, como lhe é imputado, entendeu isto acerca do poder de Deus (ainda que não estivesse de todo claro, como devia) porque em outro lugar sustenta o contrário, isto é, que Deus poderia criar vários mundos e várias terras, mas tirou esta opinião da filosofia aristotélica corrente, como também nota Gajetano⁴¹⁷. Antes mesmo, no comentário ao livro I *Sobre o céu*, onde Aristóteles examina este argumento, São Tomás ensina que a existência de vários mundos não contraria de nenhum modo a fé, mas a doutrina de Aristóteles⁴¹⁸. Também a opinião de que haja outras espécies de homens e de que Cristo teria morrido também em outro lugar, não é uma conseqüência das palavras de Galileu e nem vale esta conseqüência contra outros. De fato, não é verdade que tenha morrido no outro hemisfério, cuja existência era negada por muitos teólogos e também por Agostinho por causa deste argumento; contra a qual *conseqüência* a experiência hoje o mostra. Se houvesse homens nos outros astros, esses não teriam sido manchados pelo pecado de Adão, do qual não descendem, e por isso não têm necessidade da redenção, a menos que sejam manchados por um outro pecado; donde seríamos obrigados a comentar diversamente aquela passagem da *Carta aos Efésios*, capítulo primeiro⁴¹⁹, e da *Carta aos Colossenses*, capítulo primeiro: *Reconciliando em seu sangue o que está no céu e o que está na Terra, etc.*⁴²⁰. Mas nada sabemos de tudo isso; por isso permanecemos firmes no antigo comentário dos Padres. Na verdade, Galileu, nas *Cartas sobre as manchas solares*⁴²¹, nega expressamente que possam existir homens nas outras estrelas (o que também nós confirmamos com um argumento físico nas *Questões*⁴²²) e sustenta que podem existir entes de outra natureza análoga aos nossos entes, mas não unívoca com eles, de quanto Kepler nos fala na sua *Dissertação*⁴²³ de modo brincalhão e jocoso apenas hipoteticamente.

⁴¹⁶ ARISTÓTELES, *De caelo*, II, 13, 295b.

⁴¹⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Opera Omnia iussu impensaue Leonis XIII P. M. edita, Pars Prima Summae Theologiae a questiones I ad questiones XLIX ... cum commentariis Thomae de Vio Caietani ordinis praedicatorum*, cit., I, q. 47, a. 3, p. 489.

⁴¹⁸ TOMÁS DE AQUINO, *In libros De Caelo et mundo*, I, I, lect. 19 (ST 4, 15; L 3, 75-79).

⁴¹⁹ *Ef.*, I, 7, 10.

⁴²⁰ *Cl.*, I, 20.

⁴²¹ G. GALILEI, *Istoria e dimonstrazioni intorno alle macchie solare*, in *Opere*, V, pp. 220.

⁴²² *Quaestiones Physiologiae*, X, a. 3, p. 99.

⁴²³ J. KEPLER, *Dissertatio cum Nuncio Sidereo*, cit., p. 45. Campanella poderia porém referir-se também à dissertação escrita em 1593 em Tubingue intitulada *De motu primo, quod Terrae volutione accidat*.

Além disso, se é falso o que concerne à pluralidade dos mundos, Galileu não trata disso, pois mediante os sentidos, e não com imaginação, descobre não uma pluralidade de mundos, mas uma pluralidade de sistemas neste mundo, ordenados para constituir um único sistema. Por isso fica sem valor o argumento de Aristóteles tratado no livro XII da *Metafísica*⁴²⁴, referente a pluralidade dos primeiros motores. O cardeal Cusano, Keplero, o Nolano e outros disseram as mesmas coisas antes de Galileu. Nem pelo fato de que a Escritura de Deus não fala disso, daí deriva que isto não é verdadeiro, já que a prova negativa fundada sobre a autoridade é falaciosa em lógica. De fato, nem sequer do outro hemisfério a Escritura disse qualquer coisa; portanto, estaremos acaso de acordo com os ateus que, servindo-se desse argumento, condenam Moisés por não ter falado dos antípodas, se bem que tenham a seu favor Agostinho, que negou os antípodas, exatamente porque Moisés não os havia mencionado? Sem dúvida, enunciamos este argumento com Lutero que sustenta que São Pedro nunca esteve em Roma, porque Lucas não fala disso nos Atos. Salve, os autores de banalidades insípidas e os ignorantes. É tão claro o quanto esteja longe a insana doutrina de Paracelso da de Galileu, que não é o caso de nos determos nisso. Moisés não falou de tudo isso porque escrevia as leis prescritas para o nosso mundo, não a ciência física de todos os mundos, nem mesmo a ciência física do nosso, senão no que concernia à lei.

⁴²⁴ ARISTÓTELES, *Metaphysica*, XII, 8, 1073a. - 1073b.

RESPOSTA AO DÉCIMO ARGUMENTO

Ao décimo argumento nego que da doutrina de Galileu surja um escândalo ativo, o único proibido no *Evangelho*. Ele não se ocupa de coisa ilícita, mas de indagar a verdade, que Deus nos confia e ordena, como está claro nas afirmações da *segunda tese*, no terceiro capítulo desta questão e no *Evangelho*, onde Cristo proíbe, sob penas duríssimas, enterrar o talento por ele concedido⁴²⁵. São Gregório, no *Comentário a Ezequiel*, diz: *Se da verdade surge o escândalo, é mais útil que se permita nascer o escândalo, do que abandonar-se a verdade*⁴²⁶. Quando os Fariseus se escandalizaram com isso, Cristo disse (*Evangelho de Mateus*, capítulo 15): *Deixai-os; são cegos e guias de cegos*⁴²⁷. Aquilo que se diz, pois, do acolhimento por parte dos escolásticos da doutrina de Aristóteles sobre os corpos celestes e sobre a construção do mundo, como conforme a teologia, e do fato de que não se deve indagar para além, é um erro, para não dizer uma heresia. De fato, todos os Padres são contrários ao aristotelismo quanto ao que disse sobre os corpos celestes e sobre a construção do mundo, como foi dito na *segunda tese* e na *resposta ao primeiro e oitavo argumentos*. Na verdade, os escolásticos cujos principais são Pedro Lombardo e São Tomás de Aquino, sustentam claramente que as doutrinas de Aristóteles não podem concordar com a de Moisés e dos Padres (como foi esclarecido na *resposta ao segundo e oitavo argumentos* e por todo

⁴²⁵ *Mt.*, 25, 14-30; *Lc.*, 19, 12-27.

⁴²⁶ GREGÓRIO MAGNO, *Homiliae in Ezechielem*, 1. I, hom. VII, n. 5 (PL 76, 842).

⁴²⁷ *Mt.*, 15, 14.

o exposto neste artigo); parece claro que as descobertas de Galileu concordam com a Escritura e a resgatam das tortuosidades dos teólogos e das zombarias dos filósofos; parece igualmente claro que os filósofos se enganam e que, ao contrário, os testemunhos dos Padres são mais verdadeiros do que os dos filósofos. Não entendo por quê se queira ser cego e encher-se de falso zelo sem doutrina, ou sem zelo contestar uma doutrina apoiada nos sentidos.

RESPOSTA AO DÉCIMO PRIMEIRO ARGUMENTO

A resposta ao décimo primeiro argumento está toda compreendida na primeira asserção da *segunda tese* e no *Corolário*, onde se diz o quanto a Deus é grato que se estude filosoficamente o seu livro e de que modo não é vão indagar as realidades celestes, mas útil para manifestar a glória de Deus e para revigorar a fé na divindade e na imortalidade da alma humana; que os versos de Catão não equívalem aos de Ovídio contrários a eles e mais inspirados pela divindade; que Davi recomenda essa pesquisa, como sublime e não soberba⁴²⁸. Acrescenta, além disso, que o argumento de Catão é contra a fé. De fato, o dito: *porque sois mortais, cuidai do que é mortal* deve necessariamente referir-se não só ao corpo mas também à alma. Se, de fato, a alma é imortal e deificável, não deve ser afastada da investigação das coisas divinas. Por isso Davi diz: *Buscai a Deus, e vossa alma viverá*⁴²⁹, e em outro lugar: *Buscai sempre a sua face*⁴³⁰. A respeito dos corpos celestes: *Os céus narram, etc.*⁴³¹; e: *Verei os teus céus, etc.*⁴³²; e em outro lugar: *admiráveis são as tuas obras, por isso a minha alma as investigou*⁴³³. Como os nossos Padres não puseram limites nisto, foi esclarecido nas asserções 2 e 3. Como erraria quem quisesse proibir investigar além, é dito

⁴²⁸ Cf. *SL.*, 118, 2.

⁴²⁹ *SL.*, 68, 33.

⁴³⁰ *SL.*, 104, 4.

⁴³¹ *SL.*, 18, 1.

⁴³² *SL.*, 8, 4.

⁴³³ *SL.*, 118, 129.

na *quarta asserção* e como se deve conhecer com sobriedade, etc. Mas destes argumentos tratamos abundantemente nos nossos escritos teológicos.

CAPÍTULO V

EM QUE POSIÇÃO DEVEM TER TIDOS OS ARGUMENTOS ADUZIDOS EM FAVOR DE GALILEU, NO SEGUNDO CAPÍTULO

Considero agora que as razões a favor de Galileu dificilmente podem ser todas refutadas. Sendo eu, há diversos anos, da opinião que o céu é de fogo e que ele é a fonte de todo fogo e que também as estrelas são constituídas de fogo como opinam Agostinho, Basílio, outros Padres e, recentemente, o nosso Telésio, tentei resolver todas as argumentações de Copérnico e dos pitagóricos nas *Questões*⁴³⁴ e na *Metafísica*⁴³⁵. Mas depois das observações de Tycho e de Galileu que persuadem da existência no céu estrelado de uma nova estrela, de cometas supralunares e de manchas em torno do Sol, tenho a suspeita de que nem todos os astros são de fogo; suspeita que está confirmada pelo aumento e diminuição da Lua e de Vênus e das manchas em torno da Lua e de Júpiter. Também o argumento pelo qual a esfera estrelada percorreria em um momento muitos milhares de milhas, embora tenha sido por nós resolvido, me guarda ainda duvidoso. Além disso, as estrelas mediceanas que giram em torno de Júpiter e as saturninas, que giram em torno de Saturno, não permitem talvez dizer que há um único Sol, nem um único centro de amor, isto é, o Sol, e um outro de ódio, isto é, a Terra, como sustentamos na *Física*⁴³⁶. A cor das estrelas fixas, semelhante às

⁴³⁴ *Quaestiones Phusiologicae*, X, a. 4, p. 100-106.

⁴³⁵ *Metaph.*, XI, c. VII, a. 3-4, p. 38-40.

⁴³⁶ *Physiologia epilogistica*, c. 5, a. 7, p. 25-27.

cores dos outros planetas, tornam suspeita a opinião de Galileu e a dos outros acerca da multiplicidade dos sóis. Portanto, suspendo o julgamento e respondo aos argumentos de Galileu pronto a obedecer às decisões da Igreja e ao julgamento daqueles mais peritos.

RESPOSTA AO PRIMEIRO, SEGUNDO, TERCEIRO, QUARTO, QUINTO E SÉTIMO
ARGUMENTOS

Ao primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto e sétimo argumentos a resposta é a mesma: a doutrina de Copérnico e de Galileu, aprovada por tão numerosos teólogos, é provável não verdadeira, pois tal decisão não foi ainda determinada por um Concílio geral, nem por um decreto pessoal do Sumo Pontífice Paulo III, por assistência do Espírito Santo, mas é apenas uma permissão para a publicação de livros que contenham tal opinião na medida em que não vão de encontro à fé. De fato, nem mesmo quando o Papa aceita a doutrina dos santos teólogos, a aprova totalmente como de fé, mas enquanto útil e digna de ser lida, como ensinam os doutores parisienses nos artigos que anotaram em São Tomás. De outra forma o Papa Gelásio teria aprovado os erros de Cipriano, Jerônimo e de muitos, que acolhe e aprova na distinção 15, capítulo *Santa Romana*⁴³⁷. Além disso, digo que é provável, não porém necessário, que não haja nada contra a Escritura nessas teses pela autoridade dos citados teólogos e do Papa que as permite. De fato, isto que eles ainda não viram, podem vê-lo os teólogos modernos, sobretudo se observam com maior operosidade e engenho as Escrituras e o céu, como propus que se deve fazer no corpo deste artigo, a menos que tenham uma nova revelação. Eu, todavia, confesso que não vejo qual dano pode ser acarretado pelas teorias de

⁴³⁷ GRACIANO, *Decretum, emendatum et notationibus illustratum una cum glossis, Gregorii XIII Pont. Max. Iussu editum*, Romae 1584, p. I, dist. XV. C. III.

Galileu à autoridade das Sagradas Escrituras; antes, creio que possa derivar vantagem, como ficou claro por tudo o que foi dito.

RESPOSTA AO OITAVO, NONO E DÉCIMO ARGUMENTOS

Ao oitavo, nono e décimo argumentos não sei se as demonstrações são efetivamente a favor de Galileu, porque os teólogos fogem para acepções místicas e equívocas no que diz respeito ao termo *céu*, como aparece no que diz São Tomás na I Parte⁴³⁸; todavia tais demonstrações estão, sem dúvida, contra Aristóteles. Nós examinamos, nas respostas a favor de Galileu, tudo aquilo que dizem os teólogos, e constatamos que a Escritura está a favor tanto deste quanto daqueles que falam com base nas doutrinas de outros filósofos; estou, por isso, pronto a ceder ao juízo de quem é mais perito. No livro I, Parte III, da *Metafísica*⁴³⁹, examinamos todas as doutrinas de Galileu, dos pitagóricos e de Copérnico, e às suas argumentações respondemos como melhor pudemos. Fiz de modo semelhante em todas as *Questões Físicas*⁴⁴⁰ onde redigimos múltiplos argumentos contra Copérnico tirados de questões naturais. Aqui, ao contrário, procedemos seguindo apenas as argumentações teológicas: o físico as examine naquele texto, mas que caiba à Igreja julgar se é permitido a Galileu escrever e discutir a esse respeito.

⁴³⁸ Tomás de Aquino, *Summa theologiae*, I, q. 68, a. 4 (ST 2, 284; L 5, 172-173).

⁴³⁹ *Metaph.*, I. XI, c. IX, a. 2, pp. 53-55.

⁴⁴⁰ *Quaestiones Physiologicae*, X, a. 4, pp. 100-106.

RESPOSTA AO SEXTO ARGUMENTO

Quanto ao sexto argumento não sei o que negar. Pico, de fato, conde de Mirandola, conta como história verdadeira o fato de que Aristóteles, lendo ou ouvindo os escritos de Moisés sobre Deus que criou livremente o mundo no princípio do tempo, desdenhou esta doutrina como rude e sem provas; a mesma coisa fez Porfírio, como narra Eusébio⁴⁴¹. Que Pitágoras, ao contrário, fosse de estirpe judaica, o atesta Ambrósio, não recordo se nos *Sermões* ou nas *Cartas*, já que não tenho os seus livros comigo; não obstante recordo que esse é o conteúdo do que diz. Até mesmo o glosador de Ambrósio interrogando-se de que modo Pitágoras poderia ser hebreu, visto que outros, ao contrário, o consideram nascido em Samos na Grécia (enquanto Gabriel Barrio de Francisca⁴⁴² o considera originário de Samos na Calábria, isto é, da Magna Grécia) responde que Ambrósio não teria sustentado isto sem fatos certos. Certamente a santidade e a seriedade de Ambrósio o asseguram, não menos que os seus argumentos. Pitágoras, de fato, ensina a abstinência de alimentos e a unidade de Deus, embora sustente que os anjos são deuses secundários e explica tudo com os números (como fez Moisés na construção do tabernáculo e Salomão quando sustenta que todas as coisas foram criadas em *número, peso e medida*⁴⁴³) e compete com Moisés na constituição da lei,

⁴⁴¹ EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia ecclesiastica*, VI, 19, (PG 20, 561-572).

⁴⁴² Gabriele Barrio di Francisca (c. 1510 – c. 1577). A obra à qual parece referir-se Campanella é o *De antiquitate et situ Calabriae, libri quinque*, tip. De Angelis, Romae, 1571.

⁴⁴³ *Sb.*, 11, 21.

assunto para o qual remete-se à nossa *Metafísica*⁴⁴⁴; coisas todas que eram costumeiras para os judeus. Parece mais que tenha nascido em Samos de família judaica, assim como os espartanos no *Livro dos Macabeus* são ditos da estirpe de Abraão⁴⁴⁵: de fato, desde os tempos de Abraão, de Moisés e dos Juízes, os judeus estavam dispersos em muitas partes do mundo. Todavia, como atestam Diógenes Laércio, Plutarco, Aristóteles e Galeno, Pitágoras fez conhecer primeiro aos pagãos esta admirável doutrina do movimento da Terra, dos sistemas no céu, que o Sol está no centro e a Lua é uma outra Terra e que sobre as estrelas há todos os quatro elementos e não apenas a água. Portanto, parece ter aprendido isto de Moisés: de fato, ele não teria tido tanta sabedoria se não tivesse havido primeiro a revelação. Assim, Copérnico, encorajado pelas observações de Domingos Maria, começou a conceber essas teses, com base nos ensinamentos pitagóricos. Um discípulo de Pitágoras, o nosso Timeu de Locros, demonstrou matematicamente o movimento diurno da Terra e, em seguida, Filolau de Crótona demonstrou o movimento anual. Parece que Copérnico acrescentou as librações (como expliquei nas *Questões Físicas*⁴⁴⁶) movido pelo exemplo de Tebit da Babilônia e do Rei Afonso da Espanha, cujas teorias tinham sido desejadas, como São Tomás nos faz compreender no *Comentário ao Livro XII da Metafísica*⁴⁴⁷, com base no que havia sustentado Simplicio. Mas mesmo que Pitágoras não seja hebreu, por ensinar essas doutrinas extraíndo-as da filosofia dos seus antepassados, todavia sabemos pelas histórias que teve relações com os sacerdotes do Egito, com Ferécides⁴⁴⁸, o Sírio e com os judeus daquela parte da Judéia que faz fronteira com o Egito e a Síria e na própria Síria e Egito; dos quais escutou a narração da Lei e a teoria da existência das águas, montes e terras no céu e dos montes sobre a Lua e outras coisas semelhantes que demonstramos nesta questão estar contida nos *livros sagrados*. Ao contrário, Aristóteles, do mesmo modo como zomba do judeu Moisés, assim também faz de Pitágoras um judeu ou judaizante.

⁴⁴⁴ *Metaph.*, I, XVI, c. VII, a. 1-5, pp. 209-218.

⁴⁴⁵ *IMc.*, 12, 21.

⁴⁴⁶ *Quaestiones Physiologicae*, XI, a. 1, pp. 105-106.

⁴⁴⁷ TOMÁS DE AQUINO, *In libros Metaphysicorum*, XII, lect. 10 (ST 4, 503-504).

⁴⁴⁸ Trata-se de Ferécide da Síria, viveu entre o século VI e V antes de Cristo, que a tradição o quer profeta e dramaturgo, morto em Delos.

Portanto esses nossos cristãos, espiritualmente judeus de acordo com a sentença do Apóstolo⁴⁴⁹, resgatam a sagrada filosofia mosaica das injúrias dos pagãos mediante instrumentos muito exatos e argumentos racionais. Porque murmuramos, como outrora os judeus contra Moisés, que os havia resgatado dos ultrajes dos egípcios? Os antigos rabinos, cujos livros agora não possuo, ensinam quase a mesma coisa. Ao contrário, Maomé, no *Diálogo com Abdias, o Judeu* e no *Alcorão*, sendo também ele um ismaelita e instruído pelos judeus, que conduzia consigo, como observa por muitos fatos históricos o doutor extático, Dionísio, o Cartucho⁴⁵⁰, nos seus livros contra Maomé, supõe a existência no céu de muitos mares, de espaços aéreos e de montes e sob a nossa Terra, outras sete terras, e de um boi que as sustenta: o que parece ter recebido dos judeus e dos talmudistas (de acordo com o testemunho de Xisto de Sena, de Dionísio, o Cartucho e de outros e como a própria coisa o atesta). Mas sendo muito ignorante falava do que quer que lhe viesse à boca, como se fosse um arrebatado, como se pode entender a partir das suas respostas. Confunde a verdade com a falsidade, como faz também na história de José, de Davi, de Salomão e de Jesus Cristo, nosso Senhor. Até mesmo não soube distinguir o metafórico do que é próprio, pelo que sustenta como reais as colunas que sustentam o mundo e os rios de vinho e de manteiga no paraíso, como são chamados no livro de *Jó*⁴⁵¹ e outras coisas semelhantes. Diz que o céu, para não cair, é sustentado pelo monte Caf, do qual receberia, também, a cor esverdeada; isto ele o recebeu dos primeiros cristãos, que sendo ainda inexperientes em geografia, elevavam o monte, onde acreditavam que estivesse o paraíso terrestre, até o céu. Daí Anastácio Sinaíta perguntar de que modo os homens puderam descer de lá de cima. Deixo de expor aquilo que diz Beda sobre isso. Guarde apenas isto: que Maomé recebeu dos rabinos que há várias terras, mares e mundos acima do nosso céu. Por isso, estando de acordo com as interpretações antiquíssimas e modernas da Sagrada Escritura, a observação de Galileu e de Empédocles, que extrai a sua doutrina dos pitagóricos, e mais do que quaisquer outros filósofos, como atesta São Tomás, concorda no que toca às coisas celestes com a

⁴⁴⁹ *1 Cor.*, 9, 20.

⁴⁵⁰ Campanella parece referir-se ao *Contra Alcoranum et sectam Machometicam libri quinque*, Colonia 1533, de Leuwis de Rickel (1402/3-1471).

Sagrada Escritura; porque os pitagóricos extraíram as suas doutrinas dos Judeus, com os quais agora concorda plenamente Galileu, movido não por uma opinião leviana, mas pelas observações sensoriais acredito que, com base no que ensinaram São Tomás e Agostinho na *segunda tese*, não se pode proibir a pesquisa de Galileu, nem suprimir os seus livros, sem que haja perigo de zombaria para as Escrituras ou ainda pior, a suspeita, de que nós julgemos contra as Escrituras junto com os pagãos, ou de invejarmos os engenhos melhores (especialmente neste tempo em que os heréticos, como atesta Belarmino⁴⁵², nada deixam dos teólogos romanos que não critiquem). Considero mesmo que uma proibição do gênero seria suficiente para que os nossos inimigos abraçassem com fervor estas mesmas teorias e as exaltassem.

Todavia, pelo que eu disse, escrevi e escreverei, submeto-me sempre à censura da Santa Madre Igreja Romana e ao juízo dos melhores que eu.

Passe bem, ilustríssimo Cardeal Caetano, patrono das virtudes italianas .

⁴⁵¹ *Jó.*, 20, 17.

⁴⁵² R. BELLARMINO, *Disputatione de controversiis christianae fidei adversus huius temporis haereticos tribus tomis comprehensaes*, ex officina typ. D. Sartorii, Ingolstadii 1590-93.